

MARCELLO POLINARI

**CANTANDO A VIDA: A MENTALIDADE DO
IMIGRANTE ITALIANO NAS LETRAS
DE MÚSICAS FOLCLÓRICAS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre.

MARCELLO POLINARI

CANTANDO A VIDA: A MENTALIDADE DO IMIGRANTE ITALIANO NAS LETRAS DE MÚSICAS FOLCLÓRICAS

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre.

CURITIBA

1991

MARCELLO POLINARI

"CANTANDO A VIDA: A MENTALIDADE DO IMIGRANTE ITALIANO
NAS LETRAS DE MÚSICAS FOLCLÓRICAS"

Dissertação aprovada como requisito parcial
para a obtenção do grau de Mestre no Curso
de Pós-Graduação em Historia Social, pela
Comissão formada pelos professores:

Orientadora: Profa. Oksana Boruszenko. UFPr.

Profa. Ana Cleide Chiarotti Cesário. UEL

Prof. Sergio Odilon Nadalin. UFPr.

Curitiba, 21 de outubro de 1991.

Para Sônia Mari Alessi.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos que me auxiliaram, cada um à sua maneira.

CAPES
CNPq
Oksana Boruszenko
Sérgio Odilon Nadalin
Marco Aurélio Monteiro Pereira
Altiva Filatti Balhana
Basilio Agostini
Aimoré Índio do Brasil Arantes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. FONTES, TEORIA E METODOLOGIA.....	6
2. A ITALIA QUE DEIXARAM E O SONHO DE <i>FARE L'AMERICA</i>	33
2.1. A LINGUA OFICIAL E UNIFICAÇÃO.....	42
2.2. A ITALIA E AS OUTRAS NAÇÕES.....	45
2.3. A ITALIA DO SECULO XIX E A MENTALIDADE DO EMIGRANTE.....	48
2.4. A IMIGRAÇÃO.....	49
2.5. UM ENGODO DE ALEM-MAR.....	54
3. ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA MENTALIDADE DO IMIGRANTE ITALIANO CONTIDOS NAS LETRAS DE MUSICAS FOLCLORICAS.....	61
3.1. TYAGOSTNOST.....	61
3.2. A IGREJA COMO INTELLECTUAL ORGANICO.....	68
3.3. A MULHER, A FAMILIA E A ALDEIA.....	74
3.4. TORNAR-SE DIGNO FRENTE A ALDEIA.....	86
3.5. A INTERAÇÃO DAS CONTRADIÇÕES.....	92
3.6. VIDA E MORTE.....	95
3.6.1. A MORTE DOS INFANTES.....	96
3.6.2. A MORTE DO HOMEM JOVEM, ADULTO E VELHO....	98
3.6.3. A MORTE DA MULHER, FILHA, MAE E MATRIARCA.....	101
3.6.4. MORTE E GUERRA.....	102
3.6.5. TRABALHO, MORTE E ALIMENTO.....	107
3.7. <i>MANGIARE DA CREPAR</i>	109
3.8. FAMILIA E SOBREVIVENCIA.....	115
3.9. MUDANÇA E SOBREVIVENCIA.....	118
3.10. O PAI-DE-FAMILIA E A UNIDADE PRODUTIVA FAMILIAR.....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
ANEXO I - TRADUÇÃO DAS LETRAS DAS MUSICAS FOLCLORICAS....	140
BIBLIOGRAFIA.....	239

INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado é a primeira etapa de uma pesquisa de âmbito maior que desejamos desenvolver sobre a imigração italiana. Pretendemos demonstrar o padrão ideal de pensar, ser e agir do integrante da sociedade da Alta Itália em rápida transformação no século XIX, extraídos das letras de músicas folclóricas. As outras etapas da pesquisa serão desenvolvidas por nós e por outros pesquisadores que se valerem destes padrões de pensar e agir naquele universo social para avaliar se, nas comunidades que se originaram da grande emigração, ainda restam traços da mentalidade aristocrático-clerical, da Itália da unificação e fuga da fome.

Temos por pressuposto que cada sociedade em cada momento engendra formas adequadas à sua sobrevivência material, às quais correspondem concepções de mundo que formam a parte imaterial destas relações sociais. O conjunto destas concepções embasa o consenso sobre a forma de ordenar a sociedade, estabelecendo os papéis de cada componente enquanto parte de categorias socialmente definidas. Desta forma, o modo como algo é entendido socialmente está estreitamente ligado ao seu existir na prática social cotidiana.

Pretendemos elucidar quais são os principais elementos da sociedade de origem do emigrante italiano do século XIX, que são expostos de modo fragmentário nas letras das músicas folclóricas italianas, e qual o status que nelas é atribuído a cada um destes elementos da mentalidade camponesa. Por exemplo: que status é atribuído à Igreja, à mulher, à mãe, à filha, ao homem solteiro, ao pai-de-família, ao trabalho, ao alimento, etc, na mentalidade daqueles que estavam prestes a emigrar do Vêneto, do Trentino, da Lombardia? Buscaremos também elucidar pelo viés gramsciano a articulação destes elementos na sociedade aristocrático-clerical, enquanto bloco histórico. Neste bloco histórico, os padrões aristocrático-clericais formavam a base consensual; estes padrões chocaram-se com as novas concepções de mundo dos estratos burgueses que ascenderam à condição de hegemônicos com o avanço do capitalismo nas décadas de 1860-70.

Este trabalho não visa estudar o italiano no Brasil, mas sim entender a mentalidade daquele que estava prestes a emigrar para o Brasil, Argentina e outros países. O objeto de pesquisa que o leitor encontrará definido através do método estatístico, é formado pelos elementos da mentalidade do imigrante, expressos nas letras de músicas folclóricas.

Para muitas pessoas pode parecer vago um trabalho que trata de mentalidades e tem uma baliza temporal ampla como o século XIX; principalmente se este pretende levantar os aspectos principais da mentalidade do emi-

3

grante italiano expressos de modo fragmentário nas letras de músicas folclóricas da época da grande emigração. Porém,

....A mentalidade abrange além da história, visando satisfazer as curiosidades de historiadores decididos a irem mais longe. E inicialmente, ao encontro de outras ciências humanas.¹

Em suma, torna-se impossível estudar as concepções de vida do emigrante italiano, que estava prestes a transformar-se em imigrado ao aportar em terras brasileiras ou em outras, se abrirmos mão da interdisciplinaridade ou se temermos romper com a conhecida história fragmentária dos homens e fatos que são datados com a precisão do calendário.

Um marco temporal tão amplo como o século XIX, e, mais precisamente, o seu segundo e terceiro quartéis, utilizados como balizas temporais numa dissertação de mestrado, assume uma dimensão aparentemente insólita.

Este espaço de tempo pode parecer desagradavelmente vago a qualquer pessoa que exija que a História seja precisa. Mas a precisão pode ser inadequada, ou mesmo impossível, na história das mentalidades, um gênero que requer métodos diferentes dos empregados nos gêneros convencionais, como a história política. Visões de mundo não podem ser descritas da mesma maneira que acontecimentos políticos, mas não são menos "reais".²

Deve ficar claro que mentalidades, consensos, concepções de mundo se constroem historicamente de modo lento e se alteram lentamente, não sendo jamais disso-

¹ LE GUFF, Jacques & NORA, Pierre. História: Novos objetos. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976, 238 p. (p.69).

² DARNTON, Robert. O grande massacre de gatos. Rio de Janeiro, Graal, 1986, 363 p. (p. 39).

ciados das alterações materiais, havendo uma interdependência entre estes aspectos da sociedade. Porém, como o que convencionalmente se chama de real não é monolítico, também a mentalidade não o é, e por isso mesmo se altera através de conflitos e interações. As letras de músicas folclóricas italianas são um reflexo, bem como são participes, deste movimento constante de rearranjo mental, económico, político e cultural característico das sociedades humanas. Elas são como um corte epistemológico na conjuntura na qual se insere a emigração italiana do século XIX. As letras falam de concepções que estavam morrendo e se chocavam com novas ainda não firmemente estabelecidas a nível de consenso.

O estudo da mentalidade do emigrante italiano das últimas décadas do século XIX, pretende ser uma colaboração ao estudo da emigração italiana deste período, fazendo parte tanto da história do Paraná como da Itália ou da Argentina, na medida em que as concepções de mundo que vieram com estes imigrantes alteraram de alguma maneira as concepções das populações que os receberam.

Veremos, no decorrer do trabalho, que o "nível" de organicidade dos estratos hegemónicos, fomentado pelos intelectuais orgânicos, pode ser avaliado analisando-se a negação pelos estratos subalternos de sua condição, na medida em que buscam assemelhar-se às elites, ou seja, através do grau de absorção dos padrões hegemónicos pelo senso comum. Isto é importante para explicarmos a mentalidade do emigrante, a unificação italiana e a emigração como momento de ruptura de um bloco

histórico que tem seu marco na expansão do capitalismo europeu nas décadas de 1860-70.

Daqui saem as hipóteses de que, sendo a mentalidade indissociável das práticas sociais, a emigração foi fruto não só da fome gerada pela proletarianização maciça e abrupta, mas também do choque entre velhas e novas concepções de mundo componentes de dois blocos históricos diversos. A música folclórica registrou este choque.

1. FONTES, TEORIA E METODOLOGIA

Basicamente as fontes dividem-se em letras de músicas folclóricas e fontes bibliográficas.

A música folclórica italiana canta o cotidiano do trabalho, da família, da moral e, já em nossa graduação, a víamos como excelente fonte de pesquisa e um desafio. Somado a isso colocava-se a pergunta: por que os italianos no Brasil, imigrantes e descendentes próximos, tentam manter um modo de se relacionarem com o mundo e pensá-lo de modo diverso dos brasileiros, de outras etnias e mesmo de descendentes mais distantes? Observamos na convivência com famílias de imigrados o lugar de cada um na família estabelecido rigidamente, o senso firme de dever acima de qualquer desejo individual, a ligação com o padre ou a aversão a ele, a obrigação de reciprocidade, "o bem trabalhar" e o "bem divertir-se", além de todo um código de comportamento não escrito que aguça nossa curiosidade de entendimento desde antes de ingressarmos na Universidade.

Na Universidade, tomamos conhecimento da publicação da Editora da Universidade de Caxias do Sul intitulada *Assim vivem os italianos*¹, da qual faz parte um le-

¹ BATISTEL, Arlindo & COSTA, Rovilio. Assim vivem os italianos. Caxias do Sul, EST/EDUCS, 1983, 3 Vol. 1.

levantamento composto de quase trezentas letras de músicas folclóricas italianas que nos deu condições de iniciar a pesquisa. Por ser este levantamento o resultado de transcrição de fonte oral de terceira ou quarta geração, esperávamos encontrar muitas alterações nas letras, na fala e, conseqüentemente, na transcrição. Muito nos preocupava o fato de que, na música folclórica italiana, normalmente há uma versão consagrada e outras que mantêm o ritmo e o refrão, alterando o restante. Constatamos, no entanto, que a maioria absoluta das letras publicadas pela EDUCS mantêm a versão original ou estão muito próximas da versão consagrada. Fizemos tal constatação comparando as letras por nós utilizadas com registros fonográficos e escritos de letras cantadas hoje na Itália, além de compará-las com as letras que ainda são cantadas por imigrantes radicados na Região Metropolitana de Curitiba. A constatação desta insignificante alteração fez com que déssemos por válidas as letras como fonte para estudar a mentalidade do imigrante italiano do século XIX.

Outra apreensão que tínhamos era quanto à tradução das letras. Muitas letras são em dialetos ou misturas de dialetos do Bergamo, Vêneto e do Trentino, mescladas com palavras portuguesas italianizadas. Levamos um ano tentando elaborar a tradução, ao mesmo tempo em que buscávamos um tratamento teórico-metodológico adequado para levarmos avante nosso trabalho. Contamos com a ajuda de amigos descendentes de imigrados, porém restavam muitos pontos da tradução a serem corrigidos. Re-

corremos aos préstimos da Sra. Bianca Fadovani, que é italiana, professora de italiano e profunda conhecedora dos dialetos e músicas folclóricas da Itália. Ela nos auxiliou a solucionar alguns pontos sobre os quais ainda pairavam dúvidas de tradução. Traduzimos com a melhor fidelidade, levando em consideração mais o sentido das frases que a palavra literal.

A música folclórica, enquanto saber popular fragmentado que orienta a prática cotidiana, chama a atenção para a linguagem utilizada. No caso das letras estudadas, é interessante salientar o predomínio de expressões no imperativo, diretas, a não ser quando o autor escamoteia intencionalmente comportamentos fora do padrão; nestes casos a linguagem torna-se metafórica. Na tabulação das letras percebe-se a maior incidência de alguns temas em relação a outros, o que revela a importância dos mais freqüentes na manutenção do comportamento social.

Se alguém disser que as letras são composições de um indivíduo isolado e não servem como fonte para estudo de algo com uma abrangência social tão imensa como a mentalidade de uma população em uma dada época, repetiremos com L. Goldmann que "quase nenhuma ação humana tem por sujeito o indivíduo isolado"².

A bibliografia disponível sobre história social da Itália nas livrarias e bibliotecas de Curitiba é parca, resumindo-se quase que exclusivamente à história

² GOLDMANN, Lucien. Dialética e cultura. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. p. 18.

política, carecendo de estudos regionais sobre população, composição das camadas sociais e produtividade agrícola nas áreas expulsoras. Sentimos falta de uma bibliografia mais aprofundada e atual sobre a nobreza, clero e burguesia italiana entre 1840 e 1870 bem como de estatísticas de vendas de livros e periódicos na Alta Itália do século XIX que nos permitiriam descer a níveis de especificidades. Porém, com o que dispusemos, conseguimos identificar os pontos fundamentais a nível de mentalidade que garantiam o consenso no Antigo Regime e que se chocaram com o avanço capitalista.

Em função de que a maioria dos imigrados italianos do século XIX conheceu o trabalho familiar no campo, dois temas são de fundamental importância depois do tema mulher: a família e o trabalho camponês.

A bibliografia que dispomos em Curitiba sobre a família italiana na Europa da segunda metade do século XIX, é escassa e generalizante, muitas vezes tomando Roma, Londres ou Paris como Europa, além de, não raro, estar inserida nas militâncias de Engels e outros. Acreditamos que esta bibliografia não dê conta da especificidade das transformações ocorridas na família camponesa da Alta Itália deste período a nível demográfico, de relações de trabalho e, principalmente, de mentalidade. A família em vários livros é tratada de forma simplista como algo que era de uma maneira e, pela influência dos moralistas, ficou de outra. A concepção de família característica a cada local e período da história da humanidade é diferente, mas devemos levar em conta que tais

alterações se dão dentro de um processo com mudanças e "permanências", nas quais a base material pesa tanto quanto e está intimamente ligada à mentalidade que se altera lentamente. Nós nos recusamos a crer que a família e o processo de mudança ocorrido com ela seja igual em toda Europa do século XIX. Por isso, expomos padrões contidos nas letras de músicas folclóricas, tendo claro que são um momento da história da família camponesa da Alta Itália no que se refere a mentalidade, nas quais o novo e o velho, o conservador e o progressista convivem em conflito e complementariedade.

Apesar das dificuldades de acesso à bibliografia atualizada, temática e metodologicamente, algumas obras foram essenciais para o nosso trabalho. Citamos: *Os intelectuais e a organização da cultura e Literatura e vida nacional*, de Antonio GRAMSCI; *Antropologia e análise da cultura subalterna*, de Luigi Lombardi SATTI; *Dialética e Cultura*, de Lucien GOLDMAN; *História social da criança e da família* de Philippe ARIES; *Storia di Italia da risorgimento ai nostri giorni* de Sergio ROMANO; *Vencer ou Morrer*, de Renzo Maria GROSSELLI; *O declínio da Idade Média*, de Johan HUIZINGA e *A Etiqueta no Antigo Regime*, de Renato Janine RIBEIRO.

Uma das dificuldades que encontramos em nosso trabalho foi a rara utilização pelos historiadores do folclore como fonte para a história e a conseqüente falta de livros de História com base no Folclore. Talvez porque os historiadores que o fazem sejam rotulados de antropólogos ou folcloristas. Porém, a história das con-

cepções de vida só pode existir irmanada à antropologia, à psicologia social e a outros tantos saberes, tendo o historiador que estar disposto a lançar-se por novos caminhos que não o das metodologias, modelos e teorias consagradas pela historiografia tradicional.

Sendo as letras representações de um universo mental e compondo um corpo documental, faltava uma linha teórica que nos servisse de norte, sem que nos apegássemos radicalmente a ela. Em GRAMSCI e SATRIANI encontramos um caminho de análise. GRAMSCI fala do folclore como um saber e um veículo de saber popular não concatenado criticamente como um sistema. Isto possibilita o estudo do que ele chama de visões de mundo expressas de forma não consciente sobre seu papel de dominação, as quais são dinâmicas, alterando-se lenta, porém constantemente, e que são influenciadas e influenciam a cultura hegemônica num moldar-se constante.

SATRIANI, partindo de GRAMSCI, propõe uma metodologia que visa analisar o nível de consenso atingido pelos padrões hegemônicos no popular. Não colocamos a cultura hegemônica e a subalterna como dois objetos totalmente diversos, mas pomos a subalterna como uma forma de viver, com seus saberes, os quais extraem muitos de seus motivos dos estratos hegemônicos, e nestes saberes o intelectual orgânico busca levedar o consenso. A cultura subalterna não é mero reflexo dos padrões dos estratos hegemônicos, os quais em muito devem adequar-se a ela, sob pena de serem ultrapassados enquanto base de consenso.

Tendo por base estes autores, podemos resgatar de modo crítico as visões de mundo nas quais estão os padrões consensuais de comportamento, avaliando "em que medida vão a reboque" dos padrões hegemônicos e analisar qual o seu papel na sobrevivência material do camponês a nível de cotidiano. Esta avaliação ocorre quando arrolamos e comparamos cada um dos temas das letras e suas valorações com os padrões hegemônicos. Estes temas e suas conotações foram tabulados, a fim de obtermos sua frequência e intensidade de contestação. O fruto deste procedimento revelou as temáticas mais importantes nas letras, bem como suas principais conotações, as quais foram confrontadas com os padrões do clero e aristocracia. GRAMSCI e SATRIANI nos permitiram avaliar o grau de consenso do povo em relação a tais padrões que RIBEIRO e HUIZINGA explanam em seus trabalhos³. Os "lugares de cada coisa", a nível de mentalidade e de práxis, são uma espécie de "leito de Procusto" elaborado historicamente pelos estratos que aspiram e pelos que detêm a hegemonia, nos quais também eles acabam presos e que, portanto, não é apenas um poder exercido numa única mão, mas faz parte da dialética social, das guerras de trincheira e de movimento. Explicaremos ao longo do texto esses "leitos de Procusto", seus papéis na manutenção da hegemonia, avaliando seus graus de absorção pela cultura subalterna.

³ RIBEIRO, Renato Janine. A etiqueta no Antigo Regime: do sangue à vida. São Paulo, Brasiliense, 1983.

HUIZINGA, Johan. O declínio da Idade Média. São Paulo, Verbo/EDUSP, 1978.

Em suma, (...) esta crítica deve fundir a luta por uma nova cultura, isto é, por um novo humanismo, a crítica dos costumes, dos sentimentos e das concepções do mundo, com a crítica estética ou puramente artística, deve realizar esta fusão com fervor apaixonado, ainda que em forma de sarcasmo.⁴

A música folclórica como obra de arte deve sofrer a crítica da filosofia da práxis como sendo veículo de reprodução e mudanças das concepções de mundo mesmo se se admitir a arte pela arte, pois a arte revela uma massa de sentimentos e atitudes frente à vida⁵. Assim, o produzir arte é um ato político. Tendo-se a produção das artes populares como um ato político resta-nos analisar em que medida as criações favorecem novos entendimentos e ações no cotidiano, ou se mantêm ligadas a condições de vida passadas. Partindo disto, buscaremos analisar nas letras das músicas folclóricas italianas os padrões ideais de classificação do mundo e relacionamento social construídos historicamente. Deixamos claro que estes padrões estão em constante mudança nas lutas pela hegemonia, ao contextualizá-los na sociedade em que foram engendrados, a qual estava em rápido processo de alteração. Esta "moral do povo", a que se refere GRAMSCI, é que buscamos desvendar.

Quanto ao trato dos cantos populares, GRAMSCI nos diz o que buscar neles:

⁴ GRAMSCI, Antonio. Literatura e vida nacional. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, 273 p. (p. 6)

⁵ GRAMSCI, 1978, p. 190

...uma divisão e distinção dos cantos populares formuladas por Ermolao Rubieri: 1) Cantos compostos pelo povo e para o povo. 2) Cantos compostos para o povo, mas não pelo povo. 3) Os escritos nem pelo povo nem para o povo, mas por este adotados, pois adequados à sua maneira de sentir e pensar. Parece-me que todos os cantos populares podem e devem ser reduzidos a esta terceira categoria, pois o que distingue o canto popular no quadro de uma nação e sua cultura, não é o fato artístico, nem a origem histórica, **mas seu modo de conceber o mundo e a vida, em contraste com a sociedade oficial. Nisto, e tão somente nisto, deve ser buscada a "coletividade" do canto popular e do próprio povo.**⁴

Em função disto aceitamos em nosso rol de letras alguns cantos considerados não folclóricos publicados pela EDUCS, pois foram adotados pelo povo por serem adequados à sua maneira de sentir e pensar. Esta é a vigamestra de nossa dissertação, a maneira que o emigrante italiano do século XIX concebe o mundo e a vida. Nela analisamos os graus de reprodução -consenso- dos padrões hegemônicos pela cultura subalterna. O emigrante já não é somente o oriundo de um determinado lugarejo com suas especificidades; ele é portador de uma mentalidade da Itália -principalmente da Alta Itália- em transformação. Ele é o expulso pela Itália em unificação e em redefinição econômica, política, social e mental. Expulso pela guerra, pelo avanço do capitalismo nas décadas de 1860-70 aos mais isolados vales, pelas alterações das concepções de vida e das maneiras de produzir e reproduzir a vida material que o avanço do capitalismo exige de regiões nas quais a corvêia só foi abolida em 1848.

⁴ GRAMSCI, p. 190. (Negrito nosso)

Antes de continuarmos é necessário que coloquemos algumas premissas:

1º) As letras de músicas folclóricas contém uma visão de mundo característica do Antigo Regime na Itália; elas situam-se em seu momento de ruptura e decadência que é o transcorrer do século XIX. Neste período, ainda encontravam-se muitas características feudais, mescladas com outras tantas capitalistas, pois se de um lado tinha-se algumas fábricas, do outro tinha-se a corvéia.

2º) Partindo do conceito e hegemonia de GRAMSCI, que tem por base o intelectual, que é orgânico na medida em que é artífice do consenso "espontâneo" das massas aliado à força, temos como base da mentalidade dos que emigraram na década de 1870, ainda a moral e o viver da aristocracia e da Igreja. Desta moral e deste viver é que camponês retira muitos dos motivos e posicionamentos frente ao mundo, estando estes padrões contidos nas letras de músicas folclóricas.

3º) Numa sociedade onde a honra, a família, a linhagem e a moral da Igreja são as bases do pensar e agir das elites, também deveriam ser as do povo, pois o consenso e a força são as bases de um bloco histórico.

4º) As concepções de mundo, enquanto senso comum, não são dissociadas da prática social, o que não significa uma coerência absoluta entre os padrões consensuais e a vida cotidiana. Isto porque as contradições fazem parte do movimento dialético da vida nas sociedades hu-

manas.

É necessário que exponhamos alguns conceitos fundamentais de GRAMSCI. Primeiramente, a diferença entre filosofia e folclore, que consiste em ser a filosofia um saber sistemático e crítico, que busca uma coerência interna, ao passo que o folclore faz parte do senso comum que é um saber assistemático, fragmentário e que não visa uma coerência interna como um todo. Por isso o folclore, mesmo quando critica, não elabora uma crítica sistemática, não permitindo à consciência coletiva ir além das constatações do senso comum, caindo frequentemente num maniqueísmo. O outro conceito fundamental é o de hegemonia:

Basta lembrar a distinção que Gramsci estabelece entre guerra militar e luta política; atribuindo às táticas de uma guerra de movimento às estratégias militares, Gramsci coloca o embate político em termos diversos do leninismo, pois o conceito de guerra de posições se limita à esfera da sociedade civil. A tomada do poder aparece desta forma como decorrente da conquista ideológica e cultural, situação que se encontra invertida no caso da revolução bolchevique.⁷

Ou seja, o binômio da hegemonia é composto pela força e pelo consenso. Vejamos ainda o conceito de bloco histórico, que é vinculado ao de hegemonia:

Bloco histórico corresponde a uma unidade orgânica entre infraestrutura e superestrutura, o que pode ser entendido de forma concisa: modos de produção determinados produzem intelectuais determinados, que se tornam orgânicos na medida em que conseguem instaurar uma hegemonia cultural,

⁷ ORTIZ, Renato. A consciência fragmentada. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1988. p. 162.

ideológica e política no seio da sociedade como um todo.⁸

Para tornar ainda mais clara a base teórico-metodológica explicamos que fazemos uso das propostas gramscianas de análise das letras de músicas, somando a elas a classificação de Luigi Lombardi Satriani, exposta em *Antropologia e análise da cultura subalterna*, onde ele estuda o folclore como cultura subalterna analisável segundo os seguintes níveis de contestação dos padrões hegemônicos:

- 1) Contestação imediata com rebelião (CIR);
- 2) Contestação imediata com aceitação (CIA);
- 3) Contestação imediata por oposição (CIO);
- 4) Aceitação da cultura hegemônica (ACH).

Satriani nos permite "medir" os níveis de organização que pode indicar a ruptura de um bloco histórico. Segundo ele, o nível de contestação imediata com rebelião (CIR) é o que ocorre, por exemplo, na letra da música intitulada "A semana"⁹. Nela o trabalhador explica ao patrão porque não trabalhou, lançando mão de justificativas inaceitáveis e, quando demitido, diz: "Que vá para o buraco" a fábrica e o patrão. Ou quando em outra letra uma jovem se embeleza e vai dançar enquanto a mãe morre; faz isso para comemorar o fim do jugo materno. Também ocorre quando uma letra fala de um casal de jovens que tem sua sexualidade controlada pelos velhos, dizendo que os velhos deveriam ser lançados ao fogo com

⁸ ORTIZ, p. 173.

⁹ A letra encontra-se no ANEXO I.

bastões a bater-lhes em torno. A letra de "Viva Nossa América" é um bom exemplo do nível (CIR):

VIVA A NOSSA AMERICA

Viva a nossa América
 a nova redescoberta!
 Nós lhe daremos a enxada
 Viva a nossa América
 Nós daremos as nossas enxadas
 Para os ricos do Tirol
 E com os bigodes dos ricos faremos muitas escovas
 Só para lustrar nossas botas
 Quando voltarmos à Itália
 E com que coração moreninha
 Tu me deixas
 Quando estivermos sobre o mar
 E o mar fizer ondas
 Até a vista, louras
 Não nos veremos mais.
 Não é a primeira, nem a segunda
 A de cabelos louros encaracolados eu quero
 Desposar.

O nível de contestação imediata com aceitação (CIA) dá-se quando em uma letra uma jovem recém casada diz que é triste a vida de casada com marido ciumento. Fraldas e cueiros para lavar, pois assim era o destino da mulher. Ao mesmo tempo que contesta o casamento como paraíso do amor, resigna-se a aceitar sua condição. Também enquadra-se em (CIA) as letras nas quais o soldado que vai à guerra contra a vontade nada pode fazer para alterar a situação e, às vezes, apesar de ir contrário, obtém honra e glória por lutar, matar e morrer pela pátria. Um bom exemplo deste nível de contestação é a letra de "Esta Manhã Levantei-me".

ESTA MANHÃ LEVANTEI-ME

Esta manhã levantei-me
 Uma hora antes do sol
 Fui até a janela
 E lá vi o meu primeiro amor

Tinha ao seu lado uma moça
 Imaginem a minha dor
 Cara mãe leve-me à igreja
 Aos pés de um confessor
 Com a boca direi os pecados
 E com os olhinhos farei amor
 A penitência que ele me deu
 Era que eu o abandonasse
 O meu primeiro amor
 E eu ao invés de abandoná-lo
 Contento-me em morrer.

O nível de contestação imediata por oposição (CIO), segundo SATRIANI, dá-se nas áreas em que a cultura subalterna utiliza alternativas frente ao saber e padrões oficiais, como o curandeirismo frente a medicina ou a magia como outro da religião. Das quatro categorias esta é a que menos aparece nas letras analisadas. Esta pequena incidência deve-se, provavelmente, à forte influência e repressão da Igreja Católica. Neste caso, a falta de fontes vale como fonte.

A aceitação da cultura hegemônica (ACH) dá-se nas letras que cantam a guerra como glória e honra sem a oposição da vontade individual, nem criticam a guerra como matadouro ou aos políticos que a comandam. Também quando se canta a alegria de morrer pela pátria, a mulher como besta indômita de carga, a glorificação do trabalho, os padrões éticos e morais da Igreja como corretos, a família e o casamento como paraíso do amor. A letra de "A Aurora" é bastante reveladora deste nível.

A AURORA

Desponta a aurora
 de uma bela manhã
 Eis que se aproxima um novo dia
 Prosperidade e longa vida
 A esculpida felicidade

Das palmas e rosas em flores
 Aos nossos senhores¹⁰ lhes auguramos
 Neste dia de ano novo
 Agora iremos embora aos nossos afazeres
 Por cem anos retorne novamente
 Para vós a aurora de um tão belo dia.

Para classificar as letras nos níveis de contestação elaborados por SATRIANI, necessitávamos ter em mente a que estrato social pertencia quem cantava tais letras; seu conteúdo social expresso ou implícito, na mensagem, contestando ou reafirmando concepções de mundo que são desfavoráveis aos estratos sociais a que pertenciam; bem como qual é a base destes padrões. Quando um camponês canta augúrios de prosperidade ao senhor da terra ou quando glorifica o trabalho que não lhe realiza o sonho de abundância, ele está reafirmando sua condição de miserável.

Visando detectar a temática, as letras foram classificadas em fichas, uma para cada letra. Na realidade, houveram dois fichamentos: o primeiro direto, no qual arrolamos o conteúdo temático e a conotação positiva ou negativa para o cantor, quando inserido no contexto global. No segundo fichamento, comparamos o conteúdo das letras com os trabalhos de HUIZINGA e RIBEIRO, que nos forneceram os padrões éticos e morais da aristocracia e clero, classificando as conotações dadas aos temas segundo os níveis de contestação de SATRIANI.

Por exemplo a letra de "Diga sim, diga não" foi fichada assim:

¹⁰ A expressão "senhores" designa o proprietário de terras.

DIGA SIM, DIGA NAO Nº. 83

DIGA SIM, DIGA NAO

Diga sim, diga não
 Se ela perguntar se tenho botas
 Diga que sim, mas não estão pagas
 Diga sim, diga não.
 Se ela me quer ou não
 Se ela perguntar se tenho meias
 Diga que sim, mas tem buraquinhos
 Se ela perguntar se tenho calças
 Diga que sim, mas estão rotas
 Se ela perguntar se tenho camisa
 Diga que sim, mas que encomendei e não chegou
 Se ela perguntar se tenho colete
 Diga que sim, mas que não é meu
 Se ela perguntar se tenho chapéu
 Diga que sim, mas não é belo.

Temas: amor, mulher, comportamento, condição social.

Conotação: Negação de sua condição social para conquistar a mulher. Mulher interesseira, ludibriável, adquirível (ACH). Reproduz valores estéticos hegemônicos e reafirma a mulher como ser humano de menor inteligência e ludibriável reforçando sua posição inferior na sociedade.

O passo seguinte foi a elaboração de uma tabela com base nas fichas, que nos permitiu estudar a incidência maior deste ou daquele tema, possíveis combinações temáticas e predomínio de (CIR);(CIA);(CIO);(ACH), em cada tema.

A tabela, mostrada a seguir, contém a incidência temática das letras, bem como sua distribuição nos diferentes níveis de contestação. Deve-se notar que o mesmo tema pode aparecer em mais de um nível de contestação, portanto a soma dos valores de incidência não deve ser efetuada de maneira linear.

**DISTRIBUIÇÃO TEMÁTICA E DE NÍVEIS DE CONTESTAÇÃO DAS LETRAS
DAS MÚSICAS FOLCLÓRICAS DOS EMIGRANTES ITALIANOS***

	INCIDENCIA	ACH	CIA	CIR	CIO
ALIMENTO	15	9	4	2	0
AMOR	72	63	3	1	5
CASAMENTO	31	29	1	1	0
COMPORTAMENTO	119	106	3	3	7
ESPERTEZA	6	6	0	0	0
FAMILIA	58	43	11	2	2
GUERRA	61	50	6	1	3
HEROI	28	25	2	0	1
HOMEM	10	9	0	0	1
IMIGRAÇÃO	10	7	2	0	1
JUVENTUDE	23	16	2	2	2
LAZER	27	19	1	1	6
LIBERDADE	7	4	1	1	1
MULHER	128	106	12	3	7
MORTE	13	10	2	1	0
MEDICINA	2	2	0	0	0
NATUREZA	36	27	9	0	0
NAMORO	29	23	4	1	1
PARTIDA	7	7	0	0	0
RICO X POBRE	19	15	3	0	1
RELIGIAO	20	18	1	0	1
SEXO	32	28	3	1	0
TRAIÇÃO	6	6	0	0	0
TRABALHO	31	23	4	3	1
TOTAL	\\\\\\\\\\\\\\\\\\\\\\\\\\\\\\\\	661	74	23	40

* Para a elaboração da Tabela, foram computados os temas e suas conotações explícitas.

Para dar andamento ao nosso trabalho necessitávamos estabelecer comparações entre os padrões éticos e morais das letras com ideário aristocrático-clerical e os padrões burgueses. Isto nos permitiria, após levantarmos os componentes do universo mental do camponês e suas conotações através do método estatístico, avaliar a organicidade dos padrões burgueses ou aristocrático-clerical na mentalidade dos camponeses da Alta Itália do século passado. Ou seja, necessitávamos de um quadro referencial que nos informasse o que eram os padrões aristocrático clerical, o que eram os padrões burgueses e quais eram os padrões de pensar e agir em sociedade contidos nas letras para que pudessemos compará-los e ana-

lisá-los sob a ótica gramsciana

A tabulação dos principais temas das letras e suas conotações serviu para constatar a importância que lhes davam os que compuseram e os que cantaram estas canções, bem como o nível de absorção dos padrões hegemônicos pelo senso comum. De posse do arrolamento e tabulação dos temas com as conotações que lhes eram auferidas, pudemos verificar quais eram os de maior incidência com suas variações de conotação, confrontando-os com o ideário aristocrático-clerical e com o burguês, avaliando em qual deles esta temática melhor se enquadrava. Porém, não bastava detectar a temática e enquadrá-la como burguesa ou aristocrático-clerical; era necessário avaliarmos em que medida tais padrões corroboravam para a melhoria da qualidade de vida do camponês em seu pensar e agir cotidiano. Os níveis de contestação dos padrões hegemônicos elaborados por Satriani nos permitiram avaliar além do bipolarismo do enquadramento dos temas como burgueses ou aristocrático-clerical e detectar em que medida tais modos de pensar e agir permitiam uma melhoria do nível de vida do camponês.

A distribuição nos níveis de contestação de Satriani, resultou na constatação da predominância dos padrões aristocrático-clerical segundo os estudos de Hui-zinga, Darnton e outros sobre a aristocracia e o clero. A tabulação é apenas o ponto de partida de nosso trabalho na medida em que nos permitiu levantar os componentes da mentalidade do emigrante e enquadrá-los para que chegássemos a analisar pelo viés gramsciano um objeto

resgatado e confrontado pelo método estatístico.

Na TABELA I encontramos somente os temas que aparecem explicitamente nas letras. O tema bravura do soldado enquadrou-se em heroísmo; a confraternização à mesa, em alimento e lazer; o sol, mares e prados, em natureza; orações, padres, utilização da moral clerical pelos anciões e aldeia, em religião e comportamento público; e assim por diante.

Em relação ao peso de cada tema na mentalidade do camponês, um tema que não tenha grande incidência pode ter grande peso no ideário camponês que emigrou. Isto ocorre porque nenhum tema aparece sozinho em uma letra, sendo elas compostas de um tema central e uma temática secundária; assim sendo, um tema com pequena incidência pode ter grande importância, caso ele se repita formando pares, trios, etc. com outros temas conexos. Um exemplo da temática conexa das letras é a questão do casamento, que é uma instituição, sendo ligado à questão do comportamento público, que é aliado à despreocupação enquanto um estado de espírito propiciado pela despreocupação em relação às questões econômicas e ao falar do povo sobre a moral familiar. Assim, construímos o texto analisando as principais conjunções temáticas e seus níveis de contestação dos padrões hegemônicos, agrupando-as em capítulos e sub-capítulos, que compõem pares e trios de temas, como por exemplo: "Mulher, morte e guerra", ou "Tornar-se digno frente a aldeia".

Em suma, a tabulação temática e do conteúdo axiológico das letras nos forneceu um perfil da mentalidade do emigrante, o qual foi comparado com o ideário burguês e o aristocrático. Nosso trabalho vai além disso, na medida em que questiona os fundamentos deste perfil. Isto ocorre quando detectamos a ruptura de um bloco histórico através da constatação da perda gradativa de organicidade dos padrões aristocrático-clericais frente ao avanço do capitalismo, o que ocorre aproximadamente entre os anos de 1840 e 1890.

O que importa da tabela não são os números tomados como valores exatos de tal aspecto da mentalidade do emigrante, devido à dificuldade de quantificar precisamente dados pertinentes a questões das mentalidades. Fizemos várias tabulações para conferir este fenômeno, mas estas forneceram apenas a certeza da proporcionalidade das ocorrências de um tema em relação a outros. Assim, os totais de incidência de cada tema foram levados em conta por sua intensidade de ocorrência relativa à de outros temas que os acompanham nas letras.

Numa palavra, o produto desta dissertação é a confirmação de que o camponês que estava saindo da Itália por volta do século XIX, era imbuído, até o tutano de seus ossos, dos padrões aristocrático-clericais. O senso-comum camponês é a síntese dos padrões éticos e morais da aristocracia somados aos do clero. As letras analisadas deixam transparecer a ruptura de um bloco histórico na medida em que algumas delas denotam o confronto entre as formas do camponês viver e pensar o

mundo com o ideário burguês.

Este trabalho versa sobre a visão de mundo do camponês que parte da Itália. Não faremos aqui um tratado sobre a ética, a etiqueta e a moral da aristocracia, do clero e, muito menos, da burguesia. Exporemos sobre estas questões apenas os pontos que nos são essenciais e que nos servirão de referencial ao longo do texto, na medida em que vierem de encontro aos principais temas que estudamos.

Sobre a mentalidade aristocrático-clerical de ordem da sociedade como ordem eterna e divina, um excelente exemplo é a exposição de Chastellain, historiógrafo dos duques de Borgonha, citado por HUIZINGA:

"Deus", diz ele, "criou as pessoas vulgares para lavrar a terra e procurar, graças ao comércio, as comodidades necessárias à vida, criou o clero para os trabalhos da religião; os nobres para cultivarem a virtude e manterem a justiça, de forma que as ações e a moral destas distintas pessoas sejam um modelo para as outras".¹¹

Portanto, como diremos ao longo do texto, céu e terra formavam uma unidade hierárquica na concepção camponesa sobre a vida e o mundo. HUIZINGA afirmou que haviam várias aplicações às palavras Estado e Ordem:

Na corte havia "quatro estados de corpo e boca": os mestres-padeiros, os copeiros-mores, os trinchantes, os cozinheiros. Na Igreja, as ordens sacerdotais e as ordens monásticas. Finalmente, as ordens da cavalaria. O que no pensamento medieval estabelecia a unidade nestes tão diferentes

¹¹ HUIZINGA, p. 55. (negrito nosso)

significados da palavra, era a convicção de que cada um destes grupos representava uma instituição divina, um elemento do organismo da criação emanado da vontade de Deus, constituindo uma entidade real, e sendo, no fundo, tão vulnerável como a hierarquia angélica.

Ora, se os degraus do edifício social são concebidos como sendo os degraus inferiores do Eterno, o valor atribuído a cada ordem não dependerá da sua utilidade, mas de sua santidade - que é, como quem diz, da sua proximidade do lugar mais alto.¹²

Já em 1919, HUIZINGA, quando da primeira publicação de *O declínio da Idade Média*, colocou claramente que as concepções de mundo são fundamentais para se entender uma época, ou seja, que o historiador deve ir além da materialidade dos fatos por possuírem eles uma face imaterial.

...Assim seria para se compreender o espírito de uma geração bastasse conhecer as forças reais e ocultas e não também seus caprichos, ilusões e erros. Mas para a história da civilização as ilusões ou opiniões de uma época têm valor de fatos reais.¹³

Mas, como expomos em nosso texto, os principais aspectos da mentalidade do emigrante italiano vagam entre o humano e o divino, em complementaridade e interação, de acordo com os padrões medievais.

Na Idade Média a escolha reside, em princípio, apenas entre Deus e o Mundo, entre o desprezo e a aceitação veemente, com o perigo para a alma de cada um, de tudo o que constitui a beleza e o encanto da vida terrena. Toda beleza terrestre traz consigo a marca do pecado.¹⁴

¹² HUIZINGA, p. 54.

¹³ HUIZINGA, p. 54.

¹⁴ HUIZINGA, p. 39.

Assim como não se separava Deus e mundo, também na prática cotidiana não se separava o público e o privado.

Não se separava, nas cortes, a vida pessoal da vida pública. Estamos acostumados à intimidade, a termos um espaço privado para os afetos e dores de cada um; mas este recorte, que foi feito pela sociedade burguesa (diz Philippe Aries), não existia nos costumes nobres ou na sociedade absolutista. Eram públicos os amores do rei, até os adúlteros, o seu nascimento, a sua morte...¹⁵

A visualização mais clara destes padrões é o que RIBEIRO chama de "sociedade de corte". "Há uma lógica na sociedade de corte. É a da etiqueta: Cada pessoa, cada classe conhece seu lugar e respeita o dos outros"¹⁶.

O homem da etiqueta não é apenas uma pessoa bem-educada. É alguém que expressa seus costumes de modo a tributar e obter prestígio. As maneiras servem à circulação, à atribuição do respeito; permitem valorizar os poderosos, venerá-los; a etiqueta só se compreende a partir de uma estratégia política. Aparece e afirma-se junto com a constituição das cortes - este espaço estranho, hoje desaparecido, que era um misto de doméstico e público, circundando os príncipes e os maiores senhores.¹⁷

RIBEIRO fala da questão da reciprocidade que tratamos em relação ao camponês italiano, a qual é tão importante para a sobrevivência dos nobres quanto para a dos camponeses. Um exemplo maior da reciprocidade é o juramento feudal de homenagem

¹⁵ RIBEIRO, p. 8.

¹⁶ RIBEIRO, p. 9.

¹⁷ RIBEIRO, p. 23-24.

Este era o ato pelo qual o vassalo se reconhecia como homem do seu senhor: vínculo pessoal, selado por palavras santas, às vezes uma genuflexão e troca de beijos. A cerimônia tem uma força, maior que jurídica, ritual: pois não constitui simplesmente um reconhecimento mútuo de direitos e deveres correspondentes a um feudo, a uma terra; mas é uma vinculação pessoal entre o senhor e o vassalo, em que este se obriga a prestar àquele auxílio (em dinheiro e armas) e também conselho (acerca das questões mais importantes), enquanto o senhor deve ao seu homem proteção e atenção. Por isso o elo se renova, solenemente, a cada morte, a cada sucessão, a cada troca de pessoas, falecendo o senhor o seu sucessor só estará seguro da fidelidade dos seus vassalos quando eles a jurarem; também o herdeiro do vassalo depende de igual cerimônia para ver confirmado o seu feudo.¹⁸

Tudo era público e ritual, assim como o juramento feudal de homenagem. Tudo era pessoal, ao contrário da impessoalidade da sociedade contratual burguesa. Assim também o era a honra, reconhecida publicamente.

Enquanto se regem pela honra, os homens que a possuem (nobres, mais ninguém) são iguais. A honra importa mais que a vida, e pode até implicar a renúncia a esta, porque em troca alcança-se glória imorredoura...¹⁹

Como demonstramos no decorrer do texto, existe nas letras de músicas folclóricas italianas uma excessiva preocupação com a mulher enquanto tema, a qual não é gratuita, pois a honra da família em muito depende do que publicamente se fala da mulher.

Um dos pontos estratégicos da honra, no Mediterrâneo, está no campo

¹⁸ RIBEIRO, p. 26.

¹⁹ RIBEIRO, p. 40.

sexual. Desonra um homem o adultério da sua esposa, ou mesmo uma aventura amorosa de sua irmã ou filha. Estamos habituados a uma moral, filosófica ou religiosa, que faz um indivíduo ser responsável pelos atos que, mais ou menos livremente, ele cometeu; aqui vemos porém, concepção diametralmente oposta. O homem não é livre, mas sujeito à Fortuna; e um ato que não é seu basta para difamá-lo, se atinge pessoa de suas relações... Aliás, para a desonra masculina, nem precisa ter ocorrido a aventura feminina: é suficiente, às vezes, a suspeita. A honra e a desonra se contentam com as aparências...

Um provérbio compara a honra da mulher a um cristal, que, partido, não tem conserto; mas, se da mulher é fácil abusar, a honra mais preciosa que assim se destrói é a masculina - porque o homem, por ter mais poder é quem possui maior honra. A honra da mulher está referida à dele.²⁰

Em nosso trabalho, veremos em que medida tal padrão se reproduz nas letras cantadas *in bocca contadina*. Não há igualdade geral pressuposta publicamente, exceto em relação à honra, e esta cada extrato tenta preservar perante seus pares.

... Recuemos até o século XII, quando o francês André Capelão escrevia o seu tratado *De Amore*, para difundir entre os cavaleiros o amor cortês. Se recomenda delicadeza na abordagem de uma mulher nobre, não oculta seu desdém pela camponesa; caso um fidalgo a deseje com tanto ardor que não possa resistir à tentação, melhor estuprá-la - porque seria perda de tempo tentar uma aproximação cortês de uma mulher plebéia, incapaz de sentir amor. A cortesia preserva-se a quem tem honra, aos nobres e às nobres. Assim, enquanto nas aldeias pobres do Mediterrâneo uma certa igualdade entre os homens se liga à honra que cada um possui, na sociedade sob estrita dominação nobre os plebeus não

²⁰ RIBEIRO, p. 44.

têm dignidade.²¹

Uma frase que consta no trabalho de RIBEIRO deve ser salientada por haver uma similar a ela nas letras das músicas folclóricas italianas: "Sem despreocupação como poderá ser a doce vida?"²², que nas letras aparece como "E preocupações não tem". Ela aparece naquelas letras que contém as descrições dos sonhos paradisíacos dos camponenses, manifestados como "comer até estourar", "ser amante da princesa", "ser livre do senhor de terras" ou "ser senhor pleno do rendimento do trabalho familiar".

Este autor faz uma síntese em três pontos do arcabouço da sociedade aristocrática, cujos padrões estão presentes na maioria das letras que estudamos.

... Podemos reduzir a três as concepções na época que nos interessa sobre a atribuição da honra:

- 1) A mais freqüente entre os nobres - embora estes, pouco letrados, tenham deixado poucos escritos - é a que faz a honra derivar do sangue. A velha palavra portuguesa já o diz: fidalgo, filho d'algo. Como a nobreza, a honra é hereditária e passa pelo nascimento. Quanto mais antiga a nobreza, maior respeito merecerá.
- 2) "Não, não (dizia a D. Juan o seu velho pai), o nascimento não é nada quando não há virtude. (...) Um fidalgo que vive mal é um monstro da natureza, a virtude é o primeiro título de nobreza" (Moliere, D. Juan, IV, 4). É na virtude que a maior parte dos textos funda a honra. O valor pessoal enobrece (...) Quem comprovou a própria excelência nas armas ou no saber, merece o reconhecimento dos cidadãos: deve-se honrá-lo.
- 3) Mas estarão exagerando; James

²¹ RIBEIRO, p. 46.

²² RIBEIRO, p. 61.

Cleande escreve em 1607: "A honra não está nas mãos de quem é honrado, mas nos corações e opiniões de outros homens". Alguém constata ou confere nobreza. (...) ²³

Esta síntese dos padrões aristocrático-clericais servirá de marco de comparação com o conteúdo das letras que analisamos, algumas das quais estão no texto como ilustração e exemplo, sendo que destas algumas repetimos pela clareza com que denotam o tema tratado.

²³ RIBEIRO, p. 59-61.

2. A ITALIA QUE DEIXARAM E O SONHO DE FARE L'AMERICA .

Na Itália do século passado, havia uma economia essencialmente rural, com fortes características feudais, pouquíssimas e pequenas indústrias com uma burguesia fraca, e uma intelectualidade espelhada na França, sem grande aceitação popular. Idealistas e estadistas, como Cavour, aliados a guerreiros como Garibaldi, fundiram alianças que permitiram que a unificação política ocorresse com extrema rapidez; além de infundirem na população aspirações de fazer a Itália um grande império sediado em Roma. Tratamos aqui de uma Itália que tinha nos senhores de terras e na moral da Igreja a base de um bloco histórico passando posteriormente a ter a burguesia como grupo hegemônico e a Igreja o intelectual conservador do novo regime.

No rápido processo de alterações que ocorreram em vários níveis na Itália entre 1840 e 1870, decorrentes do avanço do capitalismo sobre a Península, restou para as massas camponesas a "opção" entre proletarizar-se ou partir com a abertura da emigração. Foi uma transformação muitíssimo rápida a nível de elites, de intelectuais, de ordem econômica e de valores. Esta transformação foi mais rápida ainda aos olhos do camponês, para o qual foi como se lhe faltasse o chão no qual havia pi-

sado por séculos. Seu mundo era mais lento, assim como sua economia e mentalidade, fazendo com que ele perdesse sempre na corrida contra as velozes mudanças políticas e econômicas que hierarquicamente estão acima de seu poder de influência na sociedade. O camponês, possuía um modo de vida e concepções de mundo elaboradas lentamente durante séculos. Vivia entre os senhores da terra, entre os quais estava a Igreja e o padre como base moral. Ele possuía um saber a nível de senso comum não crítico-sistemático, o qual lhe impedia de agir enquanto estrato social que aspira a hegemonia, cooptando ou elaborando seus intelectuais orgânicos. Em seu entendimento tudo ocorria pela dicotomia rico "versus" pobre e pelo designio divino. Sobre seus ombros recaiu o processo de proletarização, a falta e a concentração de terras. Também sobre ele pesaram crises agrícolas, como as doenças que se abateram sobre as culturas do bicho-da-seda e da uva; além de guerras, crises políticas e altas taxas de alfândega. Ao camponês, impossibilitado de reagir eficazmente, abriu-se a emigração como válvula de escape, paradoxalmente utópica e real, à sua condição imediata. Utópica como esperança de transplantar seu viver com suas concepções de mundo que estavam desmoronando frente aos seus olhos, com o avanço extremamente veloz do capitalismo sobre os mais esquecidos vales e montanhas, nos quais o tempo lhe parecia imóvel; real enquanto fuga da fome, pois a palavra *Mérica*¹ significava a abundância.

¹ *Mérica* é uma forma dialetal de *América*.

A velocidade com que estas mudanças ocorreram não deu chance para que o camponês, principalmente a nível de mentalidade, as acompanhasse, ao mesmo tempo que liberaram um excedente de mão-de-obra que a fraca burguesia e a incipiente indústria não puderam absorver. Tal crise socio-econômica era necessária para o arranco industrial nos moldes capitalistas, que começou pela desapropriação das terras da Igreja e gradual aglutinação das micro-propriedades rurais, que mal davam para a subsistência familiar, transformando-as em médias propriedades, voltadas para a produção de mercado. Isto ocasionou uma grande liberação de mão-de-obra no campo.

Diz-se que o capitalismo na Itália avançou sobre os trilhos das estradas de ferro. Junto com a ferrovia, vieram intelectuais italianos forjados à francesa, que aspiravam um Estado liberal-burguês, numa Itália onde a burguesia ainda era tímida e incipiente. Ao invés de uma revolução liberal-burguesa, fez-se uma unificação fundamentada no reino do Piemonte, e ao invés da laicização da escola, ficou ela como reduto da Igreja, enquanto base conservadora do consenso, por não dispor a burguesia de intelectuais orgânicos leigos capazes de forjar um novo consenso burguês e laico. Deste mundo em rápida transformação, sobrou ao camponês a fome, além de uma instabilidade social, econômica e política. Na Itália, conforme GROSSELLI, primeiro fez-se um estado burguês, para depois se inventar uma burguesia.

A maioria dos imigrados da grande leva da segunda metade do século XIX, era originária do Vêneto e do

Trentino. A situação agrícola destas regiões da Itália, que tinham por base econômica o cultivo da uva e da seda, era de crise. Partiram eles de Vicenza, Treviso, Beluno, Udine, Verona, Rovigo, Pádua e Veneza².

O Trentino possuía uma população em torno de trezentos e quarenta mil habitantes, num território que superava os 6.000 km², com 70% desta área situando-se acima dos 1.000 metros do nível do mar. Noventa e três por cento da população do Trentino estava em núcleos rurais, sendo que 73% do total vivia da agricultura e atividades afins. As taxas de natalidade no segundo quartel giravam em torno dos 38% e as de mortalidade, 31%, ambas cinco pontos percentuais acima da média européia. Nelas a população ainda estava envolta em resquícios feudais, o que equivale a um insignificante mercado interno. Havia uma grande carência de excedentes agrícolas, além de uma frágil burguesia e indústrias, em sua maioria, tecnicamente obsoletas.³

Somando-se a este quadro, a alta Itália dependia da importação de grãos para alimentar a população, tendo como contra-partida a exportação de seda, vinho, laticínios, e poucos manufaturados. As décadas de 1860-70, trouxeram consigo dois grandes golpes para a economia do Vêneto e, principalmente, do Trentino: foram a pebrina que atacava os bichos-da-seda, e o criptógamo que atingiu as vinhas. Foi seriamente afetada a produção de seda, até a importação de novos bichos-da-seda do Oriente, e drasticamente reduzida a viticultura, até a descoberta do sulfato de cobre como proteção e tratamento das vinhas. Ao mesmo tempo, ocorreu a separação do

² ALVIN, Zuleika, M. F. Brava gente: os italianos em São Paulo (1870-1920). 2 ed. São Paulo, Brasileira, 1986, 184 p. (p.28)

³ GROSSELLI, Renzo M. Vencer ou morrer: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1987, 590 p. (p. 44, 47-48)

Vêneto e Lombardia do Trentino, que ficou ligado à Áustria, o que gerou pesadas tarifas aduaneiras, tendo como reflexo imediato um empobrecimento da já depauperada mesa do camponês da região de Trento, de onde tantos partiram. Os trentinos não tinham condições de concorrer no mercado externo à região, pois sua produtividade era inferior à dos concorrentes e seus produtos encarecidos pelas tarifas alfandegárias. O resultado disto foi a fome, que se tornou a grande aliada dos recrutadores de braços para os cafezais paulistas.

A Itália burguesa sabia que não podia comportar este imenso exército de reserva, mas não queria perder o controle sobre a emigração. Além da emigração, o exército foi um instrumento para dar vazão à pressão deste excedente. Enquanto estrategistas italianos costuravam alianças políticas e econômicas, o exército do Piemonte absorvia parte do excedente de mão-de-obra, ao mesmo tempo que solidificava o consenso em torno da unidade nacional com a guerra de movimento .

Assim, a emigração fez parte dos movimentos estratégicos da guerra de posição que, aliada à guerra de movimento, teve importantíssimo papel na consolidação do novo bloco histórico. O mesmo camponês que deixou a Itália, devido à condição de miséria em que se encontrava, a qual foi agravada pela ascensão do capitalismo, cantava as honras e glórias de defender a unificação de uma sociedade que lhe negava acesso à propriedade dos meios de produção, principalmente à propriedade da terra.

ITALIA BELA

Parto com a farda verde
Para ir a fronteira
Um adeus a minha mãe
Eu vou para a guerra
Deus abençoe o soldado
Que tudo deu e gastou por ti
Itália bela, valente e forte
Sorriso eterno de primavera
E Deus escreveu sobre tua bandeira
O nome santo da liberdade
Se agita sobre trieste
A bandeira tricolor
Que nasceu como fruto de fortes lutas
Ela alegra nosso coração
E já por terra e por mar
Se ouve gritar: "Viva o rei"
Mãe, te recordas
Do dia que de teixei
"Querido filho me dissestes
Um dia nos reencontraremos"
E hoje depois da batalha
Com uma medalha retorno a ti.

Neste momento desejamos apenas inserir o leitor na situação social em que se encontrava aquele que estava para emigrar: a de espoliado pela expansão do capitalismo internacional, da qual fez parte a emigração e o processo de unificação nacional da Itália. Ficando na Itália ou partindo, o camponês era objeto de máxima extração de mais-valia, ao servir como substituto da mão-de-obra escrava, e participando, no Brasil, da formação de um novo consenso em relação ao trabalho e ao consumo de bens que a Europa produzia, bem como para engordar um rico mercado de tráfico de "escravos-brancos".

A ruptura do Antigo Regime, para muitos marxistas, inclusive GRAMSCI, e a formação da burguesia italiana são dados genéricos, pois analisam uma burguesia já posta como atuante. Isto ocorre por não disporem, e raramente elaborarem, estudos mais específicos e esmiu-

çados sobre sua constituição. Por exemplo, são genéricos os estudos que conhecemos sobre a constituição e origens da burguesia do norte da Itália, sendo que nestes ela já é posta como tal.

A debilidade nacional da classe dirigente atuou sempre negativamente. Ela não emprestou disciplina nacional ao povo, não o fez sair do municipalismo no sentido de uma unidade superior, não criou uma situação econômica que reabsorvesse as forças de trapalho imigradas, em grande parte incorporando-se às nações estrangeiras em funções subalternas.*

GRAMSCI critica de forma genérica a burguesia italiana, analisando sua ascensão como elite nacional, como se essa ascensão partisse dela, quando na realidade a rapidez com que ascendeu deveu-se a expansão do capitalismo europeu.

Na Itália, foi como se em cinquenta anos (1870-1920), quase vinte milhões de pessoas fossem guilhotinadas. A emigração foi fruto da brusca derrubada do Antigo Regime, sem que paralelamente a burguesia ascendente reorganizasse as instituições, as relações de produção e o senso comum com a mesma velocidade, criando um descompasso entre a nova ordenação socio-econômica e o consenso popular, e entre a mão-de-obra demandada e o tamanho exército de reserva.

A burguesia ascendente, de pequena expressão, estava estreitamente ligada à agricultura e não possuía um espírito de risco, preferindo fazer de seus filhos funcionários públicos e investir em papéis do governo, que

* GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1989, 244 p. (p. 69)

lhes garantiam uma margem de lucro pequena, mas segura.⁵

Sem conseguir formar ou cooptar intelectuais leigos que lhes dessem sustentação através do consenso sobre a massa camponesa, a burguesia italiana aliou-se com a Igreja para obtê-lo. Parte dela, a burguesia trentina, aliou-se à Austria para resolver a crise econômica. Restava para a fração nacionalista da burguesia Italiana a esperança de que o Piemonte, reino forte economicamente e bem armado, unificasse a Itália, com base no sonho de tornar-se uma potência neocolonialista.

Em suma, a burguesia Italiana ascendeu rapidamente à condição de classe dirigente devido à habilidade de seus estrategistas em firmar alianças e ao avanço do capitalismo europeu. Estes, sabendo da fragilidade do projeto de Itália burguesa nascente, forjaram alianças com a Igreja, o Piemonte, a Austria, a França, com amigos e inimigos certos, evitando qualquer confronto até que o Piemonte, a Igreja e a França pudessem oferecer reais possibilidades de segurança a seu projeto.

Esta burguesia italiana que ascendeu graças à expansão do capitalismo, sem possuir espírito empresarial e sem ter penetração de seus anseios no campo, só poderia levar a cabo seus projetos pela habilidade de seus estrategistas em realizar alianças improváveis. Ela tinha dificuldades quanto ao consenso mesmo em áreas urbanas onde grande parte do proletariado era composto pela migração temporária de camponeses em épocas magras

⁵ GROSSELLI, pg. 433.

no campo. O problema do consenso só foi resolvido satisfatoriamente quando a Igreja, após a tomada de Roma em 1870, tomou o lugar de intelectual conservador do novo regime e posteriormente com a cooptação de grupos interiores de intelectuais elaborados pelo movimento operário em fins do século XIX e início do XX.

Outra questão que pesou na conjuntura da unificação, emigração e ascensão da burguesia foi a da língua, por ser ela o argumento que embasava as aspirações de possuir colônias além dos seus limites geográficos, bem como a própria unificação. Para GRAMSCI:

A questão da língua toda vez que aflora, significa que se está colocando uma série de outros problemas; a formação e a ampliação da classe dirigente, a necessidade de estabelecer relações mais íntimas e seguras entre os grupos dirigentes e a massa popular-nacional, isto é, reorganizar a hegemonia cultural.♣

Forém, a elite intelectual leiga italiana era de longa data ligada a universidades estrangeiras, como as francesas, desejando fazer da Itália uma cópia destes países. Ou seja, havia uma grande distância entre os intelectuais leigos e a massa, camponesa em sua maioria absoluta. Se houve um lugar em que a burguesia necessitou de habilidade de negociação, tempo e paciência para firmar-se como hegemônica, foi na Itália. Linguisticamente fragmentada e com intelectuais leigos com os quais não podia contar, por estarem dissociados da população, a Itália nascente e a burguesia ascendente

♣ GRAMSCI, Antonio. Literatura e vida nacional. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, 273 p. (p. 172).

apoiaram-se na Igreja e no Piemonte.

Este fato é a prova mais cabal de que existe na Itália uma separação entre o público e escritores. A de que o público busca "sua" literatura no exterior, pois a sente como mais "sua" do que a chamada nacional... O despertar nacionalista não é "nacional" no sentido de que faz com que se perceba que a literatura italiana não é popular e de que sofre, como o povo, a hegemonia estrangeira.⁷

2.1. A LINGUA OFICIAL E UNIFICAÇÃO

Tornava-se difícil construir uma língua nacional em uma península de vários dialetos, cuja população era composta de uma maioria camponesa analfabeta, além de possuir intelectuais leigos cujos motivos de produção literária e estilo não se identificavam com a população. Isto, segundo GRAMSCI, veio a dificultar a relação entre a burguesia ascendente e a massa. Segundo GROSSELLI,

A nação foi uma descoberta do idealismo burguês e teve dificuldades até para definir suas legitimações que muitas vezes não eram nem linguísticas nem culturais.

Os próprios defensores da Itália Unida esqueceram que a língua italiana não era um fato, mas uma invenção de uma elite intelectual que num certo momento decidiu eleger como língua nacional o dialeto de uma só região. O que significava a famosa frase de Massimo d'Azeglio que "feita a Itália era necessário agora fazer italianos", se não que a unificação do país mediterrâneo era um produto da ação de uma burguesia minoritária e que a grande massa da população tinha vivido às margens.⁸

⁷ GRAMSCI, p. 93.

⁸ GROSSELLI, p. 267.

Além do distanciamento entre a elite intelectual e o público leitor, a Itália, em 1861, possuía uma média de 78% de analfabetos, sendo que, no sul, este índice aumentava ♡

Disto conclui-se que a própria "lingua italiana" não era um bom veículo para a burguesia construir o consenso social em torno de seus valores. Tanto que Napoleão III, que apoiou a unificação, enviou uma correspondência a Vitorio Emanuel II dizendo que:

...as transformações políticas são obra do tempo e que uma completa agregação pode ser durável somente se preparada longamente pela assimilação de interesses, das idéias e dos costumes; em uma palavra, penso que a unidade deve seguir e não preceder a união¹⁰.

Note-se que Napoleão III escreveu isto no calor do processo de unificação, quando sofria pressões por seu apoio ao Piemonte de uma Europa que via a unificação italiana ameaçar seus interesses na península; mas, se comparamos sua declaração às análises gramscianas, veremos uma extrema semelhança, pois numa península com tantos problemas, a burguesia teve que correr para alcançar o passo do capitalismo europeu, buscando alianças apesar do seu descompasso com a população.

O exército foi um dos principais instrumentos de difusão da língua oficial italiana. Tanto que um conto popular do Vêneto diz que o camponês, quando ia servir as forças nacionais como *bersagliere*, batiam-lhe na ca-

♡ ROMANO, Sergio. Storia d'Italia dal risorgimento ai nostri giorni. Milano, Ed. Oscar Saggi Mondadori, 1978. p. 32

¹⁰ ROMANO, p. 25.

beça com um martelo de ouro dizendo-lhe: "Tu serás um imbecil para sempre". Isto porque, quando voltava para os vales e montanhas de origem, tinha dificuldades de readaptar-se ao dialeto e costumes da região, após trinta e seis meses como praça. Serviu-se também da ópera, na qual andavam juntos pronuncia oficial e a palavra da língua oficial. Também a literatura, feita por escritores que tiveram sua formação no exterior e endereçavam ao povo suas obras de modo italianizado, que alguns críticos chamavam de estilo "macarronês", colaborou para a afirmação da língua. A diversidade linguística era tal que, entre os imigrados residentes em Santa Catarina, houveram graves problemas de comunicação pois, "os monzanenses pensavam que os valsuganotos fossem alemães e os valsuganotos pensavam outro tanto dos monzanenses, e assim por diante."¹¹ Portanto, a língua italiana não se prestava como base de argumentação para a unificação italiana, por ser ela um dialeto declarado como língua oficial.

Outro ponto importante, em relação à língua, era o fato dela servir de argumento de fronteira linguística para se firmar uma fronteira geográfica. Como a migração na Itália não começou em 1870, partiram dela para vários pontos da Europa e do Mediterrâneo muitas levas de emigrantes antes desta data, os quais se fixaram em áreas que já eram territórios ou colônias de nações européias. Em função disto, estas nações trataram de tomar providências para assegurar seus direitos territoriais, evi-

¹¹ GROSSELLI, p. 433.

tando reclamações advindas da Itália em relação a limites geográficos que coincidissem com os lingüísticos. Entre elas estava a aliada França, que operou habilmente o sistema educacional na Córsega para desitalianizá-la; o governo austro-húngaro que utilizou-se da imigração croata no Trieste; o governo inglês, que impôs sua língua como oficial na administração pública em Malta; e, novamente, a França, que buscou conter a influência italiana na Tunísia, em Trípoli, em Constantinopla, Beirute e Smirna.

Em suma, a importância dada à língua pela burguesia e intelectualidade italiana na conjuntura da unificação, deveu-se ao fato de que a diversidade de dialetos dificultava a absorção pela massa do novo ideário e modo de vida burguês, sendo a língua oficial e os intelectuais leigos maus veículos do novo consenso que se pretendia estabelecer.

2.2. A ITALIA E AS OUTRAS NAÇÕES

Além da língua, outros fatos foram de grande importância na Itália fragmentada, como a revolução francesa e seu ideário; as tentativas de unificação da Alemanha; e a onda nacionalista que varreu a Europa, a qual visava não só a unificação mas a edificação de potências neo-coloniais.

Porém, foi uma Itália em projeto que contou com pessoas como Giuseppe Mazzini, Cesare Balbo, Massimo D'Azeglio que, atuando na política, em sociedades secretas pró unificação ou na literatura, buscaram juntar os pedaços e construir a jovem Itália. Contaram com o Piemonte, ameaçado pelas conturbações sociais e econômicas, às quais se somavam as divergências com a poderosa Áustria. O Piemonte, porém, possuía uma das duas condições postas por GRAMSCI para inaugurar o novo bloco histórico, que era a força militar. A segunda é o consenso que viria posteriormente. Mesmo com a derrota do Piemonte contra a Áustria em Custoza e Novarra, não cessaram as articulações pela unificação. Mazzini inaugurou uma república efêmera, derrotada pelo poder dos Bourbons e do Papa.

Na década de 1850 ocorreu a expansão ferroviária, o aparecimento de bancos, da indústria e comércio, paralelamente ao fortalecimento da burguesia, mesmo dividida em seus interesses. A alta burguesia desejava um governo centralizado, ao contrário de frações mais baixas de sua classe que, com o proletariado, desejavam uma administração descentralizada.

O clima de sucessivos conflitos em que se realizou a unificação favoreceu a implantação de um sistema centralizado e o fortalecimento da casa de Savóia, a qual, aceitando aliar-se às forças revolucionárias, arriscou ganhar ou perder tudo.

A unificação teve em Cavour e Garibaldi seus reat-

lizadores. Cavour, com hábeis alianças que neutralizaram os inimigos da unificação, ganhando o apoio da França para o Piemonte; Garibaldi, que com sua milícia de voluntários conquistou a Sicília, Nápoles e cercou Roma para o Piemonte de Vitorio Emanuel. O Piemonte havia vencido a Austria em Magenta e Solferino no ano de 1859, anexando a Lombardia. Em seguida, apesar de Napoleão III ter recuado em seu apoio, Toscana, Modena, Parma e Romagna juntaram-se ao Piemonte. Devido à invasão da França pela Prússia em 1870, Napoleão III foi obrigado a retirar suas tropas que estavam unidas às forças papais na defesa de Roma, que Garibaldi havia tentado tomar. Nesta oportunidade, Roma e os territórios papais foram anexados. Veneza já havia sido anexada quando o Piemonte, aliado à Prússia, venceu a Austria; e, por plebiscito, as Sicílias, a Umbria e as Marcas também uniram-se ao Piemonte.

O *Risorgimento* teve em seu ideário o sonho do *mare nostrum* romano, não objetivando apenas a unificação, mas a grande Itália, e este sonho deveria sediar-se em Roma. Em 1871, um ano após a queda de Roma, o governo da Itália unida lá se instalava, apesar da dificuldade de infra-estrutura para comportar o afluxo de tanta gente para a nova capital. Porém, a Itália só sairia unificada como a conhecemos hoje após as duas Grandes Guerras Mundiais, que lhe asseguraram a conquista do Trentino, o qual os austríacos chamavam e obrigavam os habitantes a chamarem de Tirol.

2.3. A ITALIA DO SECULO XIX E A MENTALIDADE DO EMIGRANTE

Para nós, a unificação, a situação dos camponeses, a ascensão da burguesia italiana, a posição da Igreja e a língua oficial, importam enquanto parte dos movimentos que política, económica ou militarmente, afetaram os que emigraram. Em que medida a mentalidade daquele que emigrou no século XIX estava ligada aos intelectuais leigos que se pretendiam orgânicos ou à Igreja como intelectual orgânico do Antigo Regime e matriz conservadora do novo? Como as crises influenciaram a mentalidade desta massa camponesa em relação à organização do trabalho e gestão da família? Esta mentalidade está ligada à sociedade das ordens, da família enquanto unidade produtiva, das dignidades, da honra, ou à sociedade contratual capitalista, do indivíduo?

Sabemos que, para os camponeses, a nível imediato, toda movimentação política e bélica significava menos ou mais impostos e também braços jovens para trabalhar a terra ou a falta deles por trinta e seis meses no exército; paz para plantar e colher, ficar com a mulher e os filhos com tempo para jogar cartas ou *mora*¹² e beber vinho quando possível, ou a fome e o sobre-trabalho não compensando segundo a relação *fadiga familiar versus desfrute do produto obtido*.

¹² *Mora* é um dos mais tradicionais jogos populares da Itália, uma espécie de jogo de palitinhos jogado com as mãos.

2.4. A EMIGRAÇÃO

A Itália recém-nascida sofria as migrações internas sazonais, as revoltas camponesas endêmicas, as grandes movimentações militares que visavam assegurar a unificação da península e a conquista de territórios coloniais, e a acelerada urbanização.

Nos anos sessenta o panorama urbano mudou nitidamente, visto que a crise econômica levou a fome aos campos e muitos eram os camponeses que se dirigiam aos centros maiores para mendigar. Aumentou, como é normal em tempos de crise, a criminalidade. Na documentação dos comissários de polícia de Trento e Rovereto referentes a estes anos se descobrem com mais frequência notícias de prisões de vagabundos e ladrões que eram conduzidos à prisão e às vezes punidos exatamente com o jejum.¹³

Os anos quarenta, cinquenta, sessenta e setenta do século passado se constituíram em momento de ruptura e rápida reorganização da Itália para ingressar firmemente no bloco capitalista. A estabilização só veio a ocorrer na última década do século XIX. Ir para os centros urbanos ou emigrar foi o que a reordenação política e das forças produtivas deu como opção à maioria dos camponeses da Alta Itália. O fenômeno migratório criou um mito, o mito da América, que entrou em choque com os interesses da Igreja, que via suas ovelhas se afastarem; com os novos senhores de terra, após a desapropriação

¹³ GROSSELLI, p. 69.

das terras da Igreja; e com os antigos senhores e os burgueses, os quais temiam que a emigração provocasse o encarecimento da mão-de-obra. A emigração foi a válvula que permitiu aliviar a pressão de uma sociedade prestes a explodir e ainda não firmemente sedimentada em suas novas bases.

O reordenar da sociedade italiana fez recair sobre o camponês o que chamamos de maximização da opressão, a qual pôde ocorrer em níveis máximos graças à Igreja, que apascentava suas ovelhas com sua filosofia orgânica e, principalmente, à emigração, que permitiu a descompressão social.

Formas de coerção política e econômica foram geradas para assegurar o fluxo contínuo de bens e de trabalhadores para o exercício material de práticas sociais. Tais coerções são a base através da qual é possível entender a posição entre dominantes e dominados, entre opressores e oprimidos, o campesinato é sempre um polo oprimido em qualquer sociedade. Em qualquer tempo e lugar a posição do camponês é marcada pela subordinação aos donos da terra e do poder que dele extraem diferentes tipos de renda, renda em produto, renda em trabalho, renda em dinheiro.¹⁴

Foi primeiro no campo que se fez sentir o avanço do capitalismo denominado de vento norte por Grosseli. A partir deste avanço, o campo não deveria apenas fornecer apenas padres e subsistência. A Itália burguesa necessitava de excedentes e a maximização da opressão sobre os ombros do camponês permitiu isso. Analisando tal conjuntura, muitos autores interpretaram a grande emigração

¹⁴ MOURA, Margarida Maria. Camponeses. São Paulo, Atica, 1986.

dos anos 1870 e 80 como uma revolução política às avessas, na qual uma classe não toma o poder, mas abandona a opressão dos poderosos deixando o país. Para o italiano do norte, migrar não era novidade, pois, nos períodos de pouco trabalho no campo, levas vagavam pela Europa em busca de trabalho temporário, mantendo-se com baixíssimos salários e obrigando-se a economizar para enviar dinheiro à família que ficava na aldeia.

Os camponeses italianos emigravam porque a sociedade em que viviam estava assumindo características que não permitiam a sobrevivência de suas maneiras de viver e de seus valores elaborados durante séculos.¹⁵

Numa palavra, o arranco capitalista italiano foi um atropelo que chegou do norte, gerando um excedente de mão-de-obra absorvido principalmente pelos países que estavam em via de extinguir a escravidão e ampliar as suas fronteiras agrícolas.

A letra de "Cara Mamãe, Venha Encontrar-me", descreve o oposto do sonho de auto-determinação do camponês que migra.

CARA MAMÃE, VENHA ENCONTRAR-ME

Cara mamãe venha encontrar-me
 Que tenho muitas coisas para lhe contar
 Que de falar me fazem tremer
 A terrível vida que passei
 A terrível vida que passei lá na fazenda
 Transplantando e ordenhando
 A minha face era redonda
 Como era não será mais
 Pela manhã aqueles mosquitos
 Que me sugavam o sangue

¹⁵ GROSSELLI, p. 17.

Meio dia o sol forte
 Que me queimava
 Meio dia feijão e arroz
 A noite arroz e feijão
 E aquele pão não natural
 Que inibe o apetite
 As nove o recolher
 As dez a inspeção do patrão
 Todas na cama a descansar.

Fosse para a substituição da mão-de-obra escrava, para o branqueamento da raça, ou para colonizar áreas de população rarefeita, ou ainda para constituir cinturões verdes em torno de núcleos urbanos, acelerando-lhes a expansão, estes países absorveram, entre 1861 e 1920, dezessete milhões de italianos. A maioria deles era oriunda das regiões montanhosas, nas quais as terras agricultáveis representavam em torno de 20% do total. Até 1885, os que emigravam eram, em grande parte, meeiros, pequenos proprietários e arrendatários, que sonhavam com um bom pedaço de terra sem patrão nem guerras. Porém, o mesmo avanço do capitalismo europeu que os colocou na categoria dos despossuídos e integrantes do exército industrial de reserva, lhes preparou um engodo além-mar, com a promessa de paz, autonomia e a propriedade de terras em abundância, satisfazendo o sonho camponês de *mangiare da crepar*, que pode ser traduzido como comer até estourar.

O SIRIO

Em quatro de agosto
 As cinco da tarde
 Foi quando em Gênova
 O Sirio partiu.
 O que sorte mísera
 Para o Sirio infeliz
 O mar profundo foi
 Pare ele tumba cruel

Quando de Génova
O Sirio partiu para a América
Ao encontro de seu destino
Sem temor o Sirio corria
Com leveza sobre o plácido mar.
O Sirio, Sirio,
A mísera esquadra
Foi para tantos mísero fim
Sobre o alto mar a nave colidiu
Encontrando o recife fatal
Quatro barcas nevegam sobre o mar
Em socorro dos nossos irmãos
A bordo o padre cantava
E lhes dava a benção
Pais e mães beijavam os filhos
Depois desapareciam
Entre as ondas do mar.

Segundo GROSSELLI, BARZINI e outros ocorriam com frequência coisas como ingressar num navio para São Francisco, nos EUA, e chegarem a São Francisco do Sul, no Brasil; epidemias a bordo, onde doentes eram jogados vivos ao mar; falta de assistência dos governos àqueles que venderam tudo e esperavam nos portos por um navio ou um destino na nova terra, levando-os ao crime e à prostituição. Ocorria também que alguns, que tinham contratado viagem em navios a vapor, partiram em velhas barcheiras a vela, que chegavam a vagar por meses pelos mares, a despejar cadáveres. Conta-se que uma destas, ao invés de ancorar em Santos, depois de muito vagar pelos mares, adentrou na bacia Amazônica por engano. Os governos dos países receptores utilizaram com muitos dos imigrantes uma prática comum entre os compradores de gado, que deixavam durante dias os tropeiros esperando com o gado no cercado para saber se os animais estavam saudáveis; do mesmo modo muitos imigrantes passaram quarentenas em ilhas e pontos isolados.

2.5. UM ENGODO ALEM MAR

AMERICA, AMERICA (Canto da emigração)

América, América
Desposarei uma americana
Adeus minha bela italiana
Não te verei nunca mais
Diga-me bela se tu queres
Ouvir meu coração
Que palpita de amor por ti
Quando eu chegar na América
Eu mandarei fazer um retrato
Mandarei fazer um retrato
Vestido de americano
Para a América, para a América, para a América
Nem que seja montado num cavalo ou numa cabra
Adeus minha bela italiana, não te verei, nunca mais.

O maior dos engodos e humilhações era, para eles, terem partido em busca de terras próprias com infra-estrutura para produzirem em abundância, sem patrão e ao invés disso, acabarem em fazendas de café em condições semelhantes a dos escravos, além de deverem a viagem ao proprietário da fazenda que a financiava. Muitos latifundiários forçavam os imigrantes a um endividamento em seu armazém, para que jamais quitassem sua dívida e não pudessem deixar as fazendas. No Brasil, os imigrantes chegaram a ser chamados de escravos brancos. Sua situação de miséria só foi amenizada devido a pressões da opinião pública internacional, que obrigou os governos dos países de origem a adotarem medidas de proteção a seus cidadãos, como as adotadas pelo governo da Itália em 1902. Na ferrenha disputa internacional por braços estrangeiros, o governo brasileiro editou, em junho de 1890, a Lei Glicério, que reduzia o preço da passagem, e

em certos casos a cedia gratuitamente, conseguindo assim direcionar para o Brasil um maior contingente das levas que partiam de Cadone, Treviso, Belluno, Vicenza, Udine, Pádua, Mântua, Verona, etc...

Terra, família, Igreja, abundância e paz era o sonho daquele que partia para o Brasil; mas aqui havia muita terra improdutiva, que, para as oligarquias fundiárias nacionais, deveria continuar assim. Para que isso ocorresse o sistema engendrou, num primeiro momento, a escravidão negra, pois trabalhadores livres facilmente se transformariam em produtores de subsistência, o que não interessava ao governo e aos latifundiários ávidos de mão-de-obra farta e barata.

O Brasil não fica incólume ao avanço do capitalismo europeu, na segunda metade do século XIX. A escravidão, já desgastada e anti-econômica, rumava para seu fim, que foi acelerado pela pressão inglesa, por estar o escravo fora do mercado de consumo de manufaturados que a Inglaterra tinha interesse em exportar. Esse avanço do capitalismo, ao mesmo tempo em que deu o golpe de misericórdia na escravidão que havia engendrado, trouxe para o Brasil o imigrante que, se de um lado significava braço trabalhador, por outro significava uma população acostumada ao consumo de manufaturados e que tinha uma valoração positiva do trabalho, diversa do senso comum brasileiro na época.¹⁶

¹⁶ Conforme explicitado por Caio Prado Jr., João Manuel Cardoso de Mello e Ladislau Dowbor em:
 PRADO, Caio Jr. História econômica do Brasil. 36 ed. São Paulo, Brasiliense 1998.
 (Especialmente caps. 13 a 25);
 MELLO, João Manuel Cardoso de. O capitalismo tardio. 8 ed. São Paulo, Brasiliense, 1998.
 (Caps. I-II.2 e3; II-I e II-II.1);
 DOWBOR, Ladislau. A formação do capitalismo dependente no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1982. (Caps. III, IV e início do V).

O acesso à propriedade da terra teria que ser negado *a priori* aos trabalhadores imigrantes, para que não se transformassem em produtores de subsistência, tornando improficua a importação de mão-de-obra para os latifúndios cafeeiros. Foi por este motivo que se editou a "Lei de Terras de 1850", a partir da qual as terras não eram mais obtidas por concessão do Estado, mas através da compra. Porém a "Lei de Terras de 1850" só foi aperfeiçoada e posta em prática realmente vinte anos depois, o que coincidiu com o aumento do fluxo de imigrantes. A maioria desses deserdados chegava ao Brasil sem um vintém e devendo a viagem e, em função disso ficavam impossibilitados de realizar o sonho de possuir suas terras, obrigando-se a trabalhar nas fazendas ou na construção de estradas para o governo. No entanto, parte destes imigrantes tiveram a sorte de obter terras em colônias de ocupação localizadas em áreas nas quais a colonização desempenhou um papel de adensamento populacional, como nos casos do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

E afirmado, por todos, que os fazendeiros, com seu poder político, opunham-se e dificultavam a imigração estrangeira para a instalação de colônias de povoamento. Não obstante, essa imigração se fez, e o sul do Brasil ficou cheio de "colônias" organizadas em comunidades. É fácil reconhecer-se, porém, que, no início do período, a colonização pela imigração é apenas um epifenômeno da grande imigração provocada pelos latifundiários, em benefício de seus interesses.¹⁷

¹⁷ BALHANA, A. P., MACHADO, B. P. & WESTPHALEN, C. M. Alguns aspectos relativos aos estudos de imigração, in Anais do IV Simpósio dos Professores Universitários de História "Colonização e Migração". São Paulo, USP, 1969. p.350-351.

A temática da imigração e das dificuldades encontradas são explícitas em "Cara Mãe, Dé-me Cem Liras":

CARA MAE DE-ME CEM LIRAS

Cara mãe dé-me cem liras
 Que à América quero ir
 Cem liras eu te dou
 Mas não para ir à América
 Os seus irmãos na janela:
 Minha mãe deixe-a ir
 Vai, vai então ó filha ingrata
 Que algo te acontecerá
 Vai, vai filha ingrata
 Em meio ao mar poderás ficar
 Ela pegou o cavalo branco
 Que é mais sincero que o cavalo(can)
 Quando estava no meio do caminho
 O cavalo branco se espantou
 Ela pegou o barco
 Que contra o vento tem que ir
 Quando estava em alto mar
 O navio virou
 O navio foi ao fundo
 E para este mundo não voltará
 Os seus cabelos encaracolados e belos
 A água do mar os apodrecerá
 O seu sangue tão doce
 Os peixes do mar o beberão
 A sua carne assim tão jovem
 A baleia devorará
 Seu vestido de pura seda
 No fundo do mar apodrecerá
 O seu anel de puro ouro
 Os pescadores o pescarão
 As palavras de seus irmãos
 Foram as que a enganaram
 As palavras de cada mãe
 Dizem sempre a verdade.

O emigrante italiano passou a significar algo como a corda de um "cabo-de-guerra". Esta tinha de um lado, na Itália, os senhores de terras, a burguesia emergente e a Igreja como intelectual conservador no novo regime; do outro lado do oceano, estavam os senhores de terra brasileiros, a burguesia brasileira emergente com seus intelectuais que disseminavam a aspiração de uma nova raça, para um novo país com uma nova disci-

plina social. Dos dois lados do oceano os governos adotam medidas de impacto na opinião pública mundial, mas de pouco efeito prático na melhoria das condições dos imigrante pois, aquém e além-mar, lucravam os que enviavam e os que recebiam estes deserdados.

Situado no meio do oceano, o imigrante ficou entre a cruz e o caldeirão. Saiu da Itália, onde os senhores de terras, a Igreja e a burguesia emergente tinham a ganhar com sua miséria, para o Brasil, onde as oligarquias latifundiárias esperavam para submetê-lo à condição de "escravos brancos". Isto porque substituiriam com vantagem o escravo africano, pois não importavam num vultuoso empate de capital em sua aquisição como ocorria com os escravos, custavam apenas um pouco salário ou remuneração. Para as oligarquias brasileiras, não passavam os imigrantes de escravos brancos, mais baratos e "que falavam as admiráveis línguas européias".

Não importava, *Mérica* significou na segunda metade do século XIX, para o camponês trentino, veneto e lombardo, o sonho dourado da auto-determinação. GROSSELLI refere-se ao periódico *Il Raccogliatore* de 18 de setembro de 1875, que fala sobre o Valle do Adige, no qual consta: "Aqui também entrou esta epidemia; especialmente em certas épocas do ano não se cantam canções que não se refiram à América".¹⁶

As elites italianas tentaram dificultar através da burocracia o aumento do fluxo emigratório. Do Brasil,

¹⁶ GROSSELLI, página 92

o governo lhes acenava com as promessas de seus sonhos; a realidade porém, era que, fugindo do patrão, das guerras e da pobreza na Itália, o imigrante encontrou no Brasil uma elite que pensava como indigno o trabalho manual e quem o exercia como merecedor apenas de "pau, pão e pano". Além disso, numa sociedade onde quem trabalhava era o negro escravo e na qual o branco pobre deveria reafirmar constantemente sua condição de não-escravo, era imprescindível resgatar para toda a sociedade o valor do trabalho que possibilitaria o avanço capitalista. O imigrante cumpriu o papel de propagandista da valorização do trabalho para a sociedade nacional brasileira, quando esta via brancos de olhos azuis a exercê-lo. Aliado a isto, era um momento em que o tema "raça" estava na ordem do dia com a nova antropologia. O branco de olhos azuis trabalhando e visando excedente, fazia o contraponto do caipira brasileiro que trabalhava para a subsistência, o qual é posto publicamente pelas elites como vagabundo.

A imagem do imigrante como sendo "laborioso e morigerado" foi amplamente difundida pelas elites brasileiras enquanto se prestou para a formação, no Brasil, de uma nova consciência em relação à dignidade do trabalho. Posteriormente, quando tal consciência já havia se firmado, a imagem do imigrante passou a ser denegrida como sendo ele uma ameaça à unidade nacional devido à sua lenta integração.

Essas configurações e rumos da imigração colonizadora no sul do Brasil, têm sido assunto de muitos

estudos de historiadores, cientistas sociais, economistas, e sua posição variável em relação à sociedade nacional tem sido estudada, principalmente, sob o aspecto político, isto é, sob o ponto de vista da ameaça que se diz representar contra a unidade nacional.¹⁹

No primeiro momento, o "Jeca-tatu", estereótipo de nosso caipira que trabalha pela mínima subsistência, foi oposto ao imigrante laborioso e morigerado como forma de difundir uma valorização do ato de trabalhar. Num segundo momento, ocorreu a valorização de elementos do imaginário brasileiro como forma de combate a uma temida invasão de culturas estrangeiras.

Assim, o imigrante também contribuiu, não só com trabalho, mas com sua presença na formação de uma nova mentalidade, de um novo consenso em relação ao trabalho favorecendo o aparecimento de novas bases econômicas no Brasil, para um arranco industrial. Isto se deu na medida em que serviu de símbolo contrastado ao elemento nacional para os intelectuais orgânicos brasileiros alterarem o senso comum.

¹⁹ BALHANA, MACHADO & WESTPHALEN, p. 351.

3. ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA MENTALIDADE DO EMIGRANTE ITALIANO CONTIDOS NAS LETRAS DE MÚSICAS FOLCLÓRICAS

Neste capítulo, trataremos da visão de mundo do imigrante do norte da Itália, expressa, em suas variadas nuances e aspectos, nas letras de suas músicas folclóricas. Abrindo o capítulo, teremos uma breve consideração teórica sobre a natureza e as relações de trabalho da família camponesa, seguida pela análise temática das letras das músicas.

3.1. TYAGOSTNOST¹

Estabelecemos a relação entre o número de filhos, a fadiga coletiva necessária para sustentá-los e a autoridade necessária para reger a família. Assim, temos o viver camponês como uma eterna busca de equilíbrio entre a fadiga coletiva necessária, necessidades subjetivas e condições objetivas para satisfazê-las. Esta situação se enquadra na frase que nas letras várias vezes se repete

¹ Tyagostnost é um coeficiente subjetivo de valor do trabalho camponês baseado nos seguintes fatores: esforço do trabalho coletivo, ou fadiga coletiva, em relação ao que se desfruta com ele. Este coeficiente determina em que nível o trabalho dispendido vale a pena em relação à satisfação das necessidades materiais objetivas para o sustento da família camponesa.

junto ao *mangiare da crepar*, a qual diz: "E preocupações não tem".

Neste sentido, não é tanto o montante de "capital" de um pequeno proprietário o que determina a atividade econômica e a quantidade de trabalho a ser despendido, mas o número de membros que irão compor a unidade de trabalho e o equilíbrio entre a satisfação das exigências e a *tyagostnost* do trabalho. Tal expressão significa que o trabalho vale, literalmente a pena, até o ponto em que seu retorno alcance um grau de satisfação subjetivamente aceito, abaixo do qual a *tyagostnost* se torna inútil e indesejado sacrifício².

Tendo-se cálculo de valia do trabalho pelo componente baseado na *tyagostnost*, temos uma boa noção da responsabilidade do pai-de-família como aquele que avalia o trabalho familiar e julga se este vale a pena. Todos deveriam ter claro que só o trabalho, a fadiga coletiva, poderiam propiciar um nível de satisfação subjetivamente ótimo, bem como fica clara a importância do respeito à hierarquia que regula a *tyagostnost*.

Assim sendo, tais relações sociais não admitem rótulos como machismo ou simples opressão do patriarca sobre a família, comparando-a à do senhor sobre o escravo. Isto porque, em primeiro lugar, se passa da condição de jovem inábil - a criança - para adulto hábil com extrema rapidez; segundo, porque devendo ter consciente a relação fadiga/satisfação coletiva, deveriam também saber que neste universo de escassez não há espaço para se portarem e sobreviverem segundo a vontade individual, pois só coletivamente terão satisfeitas suas

² MOURA, p. 61.

necessidades. Portanto, cada um cumpre coletiva e publicamente suas tarefas na produção e reprodução material da cultura, deixando de ser visto como imbecil, animal indômito e ameaça coletiva, quando adquire consciência de que tudo é correlato, intimamente ligado e cada um tem que cumprir coletivamente seu papel. Em função disto, não se pode rotular, a priori, de machista o pai-de-família e também não se deve rotular a mulher como uma pobre vítima do pai-de-família. Eles apenas cumprem socialmente o ritual de sobrevivência segundo os padrões aristocrático-clericais com o auxílio dos cuidados da Igreja, como intelectual orgânico do sistema, e da aldeia como guardião do consenso.

Na busca de um equilíbrio entre necessidades e a capacidade produtiva da família e das terras, o camponês não vê o mundo como controlável, mas como "imutável", segundo a vontade divina; ele tem como único ponto de apoio material o trabalho coletivo familiar como meio de subsistência. Quanto maiores as dificuldades e as necessidades, mais trabalho e fadiga coletiva são necessários para satisfazê-las, bem como é preciso a maximização da autoridade daqueles que controlam os costumes e o trabalho. Portanto, quanto pior a situação, mais o pai-de-família vai parecer-se com um feitor. Ele apenas cumpre socialmente sua missão de reger a unidade produtiva familiar, buscando adequar os fatores: bocas para alimentar versus fadiga coletiva exigida para tal, em relação à terra disponível e à sua fertilidade; se for meeiro, terá ainda na conta de validade ou rentabilidade do tra-

balho a parte que deverá dar ao proprietário pelo uso da terra (tyagostnost).

A partir do conceito de tyagostnost, pode-se dizer que a emigração ocorreu também pelo desequilíbrio entre o produto do trabalho coletivo e a satisfação das necessidades subjetivas, obrigando o pai-de-família a tomar a decisão de emigrar. Além deste motivo, também pode-se dizer que a emigração deu-se em função de todo um universo que se esboroava. Foi a Igreja que imediatamente achou seu lugar no novo regime, enquanto o camponês não pode fazer o mesmo; foi o mercado de trabalho, ainda incipiente que se abriu permitindo a sobrevivência individual distanciada da família enquanto unidade produtiva; foi a separação entre o material e o sobrenatural, passando o material a ter primazia sobre o espiritual; foi a alteração do valor das pessoas enquanto parte desta ou daquela ordem ou família e que passaram a ser medidas como variáveis independentes no mercado de trabalho; foi a primazia do individual sobre o coletivo, do capital sobre o trabalho. Por fim, foi a terra que passou da condição de bem para ser herdado transmitido entre a família, para a condição de mercadoria e objeto de especulação.

Assim sendo, a fome e a emigração compõem apenas a parte mais visível da crise, que foi fruto da ruptura de um bloco histórico na Itália, frente à consolidação de outro, ficando o camponês e, mais ainda, a mentalidade camponesa da Alta Itália do século XIX, se não "presa", ao menos sem rumo entre os dois. "Presa" entre

um regime que findava a nível material, mas que ainda perduraria por muito tempo a nível de concepção de mundo. Para o camponês, frente a certeza da fome, neste "lapso" histórico em que se encontrava, as incertezas da emigração lhe pareciam o paraíso.

A maioria dos camponeses eram *braccianti*, colonos, meeiros e pequenos proprietários, normalmente com menos de dois hectares, de um solo marcado por sua baixa fecundidade e relevo íngreme.

Dos 288.538 Km² de sua superfície total, quase 1/3 são cobertos pelas cadeias dos Alpes e dos Apeninos, 56.000 Km² são rochosos ou saibrosos, e por isso refratários a qualquer produção vegetal e nem mesmo os 2/3 restantes são muito produtivos³.

Para somar-se às mazelas do camponês estavam os contratos entre os meeiros e proprietários de terras que, pela sua rigidez e padronização, tanto para as más terras como para as melhores, exigiam sobre-fadiga coletiva para satisfazer suas necessidades.

O proprietário concedia o solo e as benfeitorias, algumas vezes dos animais e se obrigava a pagar os impostos. O meeiro entrava com seu trabalho e o da família, implementos e a metade das sementes. A colheita era depois subdividida segundo as porções que variavam pouco em cada tipo de contrato. Costumeiramente metade da colheita de cereais e frutos, dois terços da colheita de uva e todas as folhas de amoreiras eram do proprietário⁴.

Nestas condições tornava-se difícil a adequação entre o trabalho coletivo e a satisfação das necessida-

³ ALVIN, p. 25.

⁴ GROSSELLI, p. 52.

des. Emigrar significou acreditar que não se poderia estar pior em outro lugar do que se estava na Itália, e o nome *Mérica* ecoava pelos vales e montanhas, não importando onde era exatamente, desde que lá se pudesse manter a família e religião.

Não se distinguia entre a Venezuela e o Brasil e não se pensava que pudesse haver terras boas e terras menos boas, contanto que fosse propriedade sua. Ele se fiava no que diziam, a religião católica não o tinha habituado a refletir, a julgar. Tinha-lhe ensinado a crer, a obedecer, a ser honesto e agora ele acreditava. Agora podia partir dizendo aos senhores o que pensava, sem violência porque sua religião a abjurava. Teria possuído tanta terra, te-la-ia trabalhado junto com sua família, junto com seus filhos que não mais teriam de abandonar a casa para dirigir-se à guerra, e com seus conterrâneos teria construído uma Igreja e reformado aquela sociedade que os tempos estavam destruindo na Europa⁵.

O texto que segue é fruto da análise das letras nas quais os emigrantes expressam sua visão de mundo e como cada um, como parte de uma família, ordem ou estrato social, deveria agir e ser publicamente. As letras que aparecem no decorrer do trabalho são as amostras que mais explicitam um tema e suas conotações. Algumas serão repetidas por serem excelentes amostras, e enquadrarem-se em mais de um dos níveis de análise.

Os temas foram divididos nos seguintes grupos principais, pela sua frequência de aparecimento conforme a tabulação das letras: mulher, seus lugares e comportamentos esperados frente a aldeia; homem, religião; man-

⁵ BROSSELLI, p. 102.

giare da crepar ou comer até estourar; esperteza; rico versus pobre; guerra e, por último, como pensam a morte. Existe ainda temáticas secundárias, pela forma que são tratadas nas letras e por seu grau de incidência na tabulação, as quais ligamos às temáticas principais.

Cada tema será tratado individualmente, como uma parte do todo e com ele interagindo, sendo que todos os resultados das análises parciais serão reunidos na conclusão.

Fique claro que as letras abrangem temas essenciais que compõem a visão de mundo daquele que estava prestes a emigrar, não abarcando todo seu universo mental, e que nosso trabalho se resume a desvelar estes temas enquanto elementos da mentalidade camponesa, fazendo a crítica em busca de uma significação dos temas para além do senso comum.

Para falarmos da visão de mundo e comportamento ideal do emigrante, iniciaremos pelos três temas que mais sobressaem: família, trabalho e Igreja. Nada seria mais adequado que começarmos por expor a questão da Igreja como intelectual orgânico nos estados italianos do Antigo Regime, que estava prestes a findar enquanto forma de organização social, política e mental, mas muitas de suas características a nível de mentalidade ainda iriam durar por longo tempo.

3.2. A IGREJA COMO INTELECTUAL ORGANICO

OI DE CASA

Oi de casa, senhor patrão
Que os céus vos dê
Paz e santidade
Que vos conceda
Um ano feliz
Pleno de alegria
De prosperidade
Brindemos em honra
Em honra a Maria
Em honra ao Menino
Um copo de vinho
Faz cantar docemente.

Num mundo composto de uma maioria camponesa, alguns burgueses, um punhado de nobres e o clero, no qual a Igreja estava ao lado da nobreza como senhora de terras e junto ao povo como formadora de consciência, sobrava ao camponês a família e os preceitos da Igreja como tábuas de salvação. Num mundo de insegurança, em rápidas transformações, a doutrina da Igreja significava para o camponês um mundo que ele entendia, inspirando-lhe a segurança de regras definidas e que lhe pareciam imutáveis, permitindo-lhe movimentar-se dentro delas para ganhar o pão nosso cada dia. Em outras palavras, a "estabilidade" de um bloco histórico permite que cada estrato exista ou subsista cotidianamente dentro de parâmetros determinados consensualmente, os quais balizam a sua ação cotidiana.

A doutrina da Igreja significava um refúgio para proteger-se da maldade dos ricos, *i signori*, e da ira divina. A Igreja, na pessoa do padre, representava e as-

segurava para a mentalidade camponesa a ordem universal das coisas, disposta por Deus, uma rigidez que era adequada a sua frágil condição social, e na qual ele sofria ainda mais com qualquer mudança.

O camponês do norte da Itália possuía fé cega e um tradicionalismo arraigado que fundamentavam a organização da unidade produtiva familiar. Ele tinha no padre a porta para o mundo e para Deus. A autoridade clerical ia do modo de vestir ao modo de criar os filhos, das brigas entre casais ao resolver o problema da seca.

Os camponeses do Antigo Regime respiravam um ar impregnado pela divindade e pelos preceitos da Igreja. O doutrina da Igreja era o fiel da balança desta sociedade. O baixo clero, composto de padres e curas de origem camponesa e das camadas médias e baixas das áreas urbanas, tinha muito mais facilidade de levar sua mensagem ao povo que os intelectuais leigos, devido à distância de origem e formação destes últimos.

Os intelectuais de tipo rural são em sua maior parte "tradicionais", isto é, ligados à massa social camponesa e pequeno burguesa das cidades, ainda não elaborada e movimentada pelo sistema capitalista.◀

A Igreja, principalmente o baixo clero como intelectual de tipo rural, é que fornecia o senso de ordem, permanência ou mudança a esta sociedade. O baixo clero era o agente do consenso, o intelectual orgânico antes da unificação e continuou a ser por longo tempo após o

◀ GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1989, 244 p. (p. 13)

Risorgimento. Era a Igreja que reconhecia as dignidades da sociedade das ordens e as tornava legítimas publicamente.

No momento em que o estado e a religião se confundem, enquanto realidade e conceito, a Igreja se define como instituição estatal por excelência, e sua ideologia como prática política-religiosa. Os organismos eclesiásticos correspondem desta forma às instituições que dirigem e orientam a sociedade global.⁷

Posta a Igreja como intelectual orgânico do Antigo Regime, necessitamos deixar claro que, para GRAMSCI, a religião não tem necessariamente um caráter alienante e conservador, podendo postar-se como progressista, por ser ela uma instituição que não está fora das lutas pela hegemonia e, portanto, posicionando-se de acordo com a conveniência dentro destas lutas.

A Igreja, em relação à Itália pré-unificação, tomou posicionamento contra o liberalismo, acusando-o perante o povo como culpado por tudo de mal que ocorria. Porém, em 1870, com a queda de Roma, ela postou-se como intelectual conservador do novo regime, mantendo-se porém contrária à emigração. A Igreja assim se posicionou porque tanto o liberalismo como a emigração eram tidos como ameaças à posição que deteve por séculos, fazendo de sua vontade a vontade do povo. Sua pregação era composta de valores como santidade, humildade, castidade, família (Sagrada), trabalho e obediência, os quais não questionados em si, mas sim dentro do que significam enquanto filosofia orgânica para o camponês italiano do

⁷ ORTIZ, p. 172.

século XIX. A letra de "Todas as Mães", a seguir, expõe um padrão a ser atingido por todas as mulheres, espelhado em Maria Santíssima.

TODAS AS MÃES

Mulheres! Mulheres! Mulheres!
 Que o amor transformará em
 Mamães, mamães, mamães!
 Este é o dom que Deus me dá,
 Entre fraldas e coeiros
 Quantos sonhos no coração
 Por um menino que nasce
 Quantas alegrias, quantas dores!
 São todas belas as mães do mundo
 Quando um menino estreitam ao coração
 São a beleza de um bem profundo
 Feito de sonhos, renúncias e amor
 E tão belo o vulto de uma mulher
 Que atende a um nenem e repouso não tem
 Parece a imagem da Madona
 Parece a imagem da bondade
 E os anos passam, os filhos crescem
 A mãe embranquece
 Mas não murchará a sua beleza
 São todas belas as mães do mundo
 Grandes tesouros de luz e bondade
 Que constituem um bem profundo
 O mais sincero da humanidade
 Mamães, mamães, mamães!
 Quantas penas o amor vos dá
 Ontem, hoje e sempre
 Para vós mamães, não há piedade
 Cada filho vosso
 Quando for um homem
 Em direção ao próprio destino
 Sem vós ele irá
 São todas belas as mães do mundo
 Mas acima de todas, a mais bela és tu,
 Que me deu o bem mais profundo
 E és a mãe dos meus filhos.

E dentro destes parâmetros que buscaremos orientar nossa crítica e sistematização dos componentes do universo mental do imigrante, expostos nas letras de músicas folclóricas. Ou seja, em que "medida" os valores e posicionamentos afirmados nas letras legitimam o Antigo Regime ou as transformações e em que "medida" elas

expõem preceitos da religião, enquanto filosofia orgânica. Além disso, enquanto tal, a moral da Igreja favorecia a libertação do camponês de sua situação de explorado ou uma melhoria de sua existência?

Devemos tornar clara a questão da religião - no caso a Igreja - como formadora de consciência, intelectual orgânico e levedo do consenso do Antigo Regime. Pode-se dizer que a religião para o camponês italiano do século XIX foi além do fenômeno religioso, além da religião como filosofia orgânica que embasa o consenso, chegando a constituir-se quase na essência da cultura daquele que estava prestes a emigrar. Isto porque nem os mínimos detalhes cotidianos escapavam dela, a ponto de, na mentalidade deste camponês, não haver nítida distinção entre o universo material e o espiritual.

Outra questão que deve ser posta, é a de que o camponês que emigrou no século XIX, a nível de mentalidade e produção da vida material, ainda fazia parte de um mundo - bloco histórico - que se rompia diante de seus olhos numa velocidade que seus padrões mentais e materiais não conseguiram acompanhar por serem baseados em preceitos divinos, portanto eternos, ainda ligados à idade do tempo lento. O que ocorreu com o camponês não se deu com a Igreja enquanto instituição, que resistiu até o último momento como **intelectual orgânico do Antigo Regime** e que, quando vencida, negociou com o vencedor sua posição de **intelectual orgânico conservador no novo bloco histórico**. O camponês não elaborou e nem cooptou intelectuais orgânicos que lhe permitissem uma maior mo-

bilidade na guerra de posição além de, ao contrário da Igreja, não ter sua sobrevivência material garantida, ficando a mercê dos extratos hegemônicos e aguardando por uma estabilidade social, política, econômica e bélica que lhe permitisse nortear-se na sociedade em busca do pão cotidiano.

Assim posto, fica claro que o camponês foi o último a desvencilhar-se do Antigo Regime, que se rompia numa velocidade maior que sua mobilidade em prol da subsistência. Os camponeses amargaram o surgimento de um novo bloco histórico, com novas relações de exploração pesando sobre seus ombros, além de continuarem a ter na Igreja, intelectual orgânico do Antigo Regime, o norte de sua mentalidade e práticas; apesar desta ter se passado para a posição de intelectual orgânico conservador do novo bloco histórico. A este camponês perdido entre dois blocos históricos com sua sobrevivência ameaçada, a emigração surgiu como a opção entre a fábrica e a fome.

A emigração, por tudo que vimos até aqui, não pode ser explicada apenas pelos problemas econômicos, mas também pelo embate de concepções de mundo e suas respectivas práticas. Para explicarmos a emigração devemos levar em conta a súbita passagem de um mundo aristocrático-religioso, para um mundo burguês materialista que exigiu alterações no pensar e produzir a sociedade numa velocidade que o camponês não teve condições de acompanhar. Para o camponês foi como se passasse de encurralado num mundo que conhecia para perdido num universo ainda não consolidado.

3.3. A MULHER, A FAMÍLIA E A ALDEIA

A TERESINHA, OU PASSEANDO POR TRIESTE

Fasseando por Trieste
Lá eu vi um belo jardim
Nele estava Terezinha
Que fazia um ramalhete
Oi Terezinha, Terezinha
Para quem faz este ramalhete?
Faço para os soldados
Quanto é bela a juventude!
Se tu fosses uma rainha
Te faria coroar
Porém és uma camponesa
Vai ao campo trabalhar
Ao campo eu não vou
Porque o sol me faz morena
Tenho o moreno que me adora
Que me ama e me quer bem

Vejamos o papel ou os papéis da mulher, sobre a qual pesa o "funcionamento" destes padrões e portanto desta sociedade. Philippe Aries expõe em **História social da criança e da família** sua tese sobre o surgimento do sentimento de família ao par do sentimento de infância. Segundo Aries, o viver na Idade Média é marcado por uma não definição nem de idades nem de espaço público em relação ao doméstico, o que se alterou lentamente nos séculos XV, XVI, XVII e XVIII. O papel da Igreja e da escola neste processo foi fundamental, principalmente no tocante a atenção materna aos bebês, ao infanticídio, e a diferenciação entre as idades. Para tal fim, a imagem da Sagrada Família e de Maria como mãe exemplar, serviu como instrumento pedagógico da Igreja na obtenção do consenso da população em relação ao novo sentimento de família que surgia entre aristocracia.

A ESTRELA

Estamos aqui com a grande estrela
 Para adorar nosso senhor
 Para trazer a nova
 Que nasceu o Redentor
 Caminhando dia e noite
 Está fresca a temporada
 Pelos bosques e pelas grutas
 Sem ter provisão
 Nos juntamos em Belém
 E todas as portas se fecharam
 Por medo de gente estranha
 E de qualquer malfeitor
 Maria disse: Amado esposo
 Estou cansada de caminhar
 Procuremos uma cabana
 Para podermos descansar
 José disse: Amada esposa
 És esposa de bom coração
 Nesta noite, serás gloriosa
 Terás grandes dores
 Quando chegou a meia noite
 Maria se acordou
 Viu um grande esplendor
 Entre os braços um belo filho
 Não tem panos nem fraldas
 Nem ao menos para o aquecer
 Seu coração não tinha sossego
 Tinha sempre que suspirar
 Maria pegou o menino
 Que estava em meio ao feno
 Tirou o próprio véu
 Para cobrir o rei do céu
 Os jumentos ajoelhados
 Reverenciavam o salvador
 Aqueciam com sua respiração
 Jesus Cristo redentor
 Se ouvia nos campos
 Muitos anjos cantar
 Glória, glória, glória
 In excelsis Deo
 Et in terra, et in terra pax
 Agora nós vos agradecemos
 Vos agradecemos pela graça e pelo fervor
 Um outro dia voltaremos
 Se quiser o Senhor.

Apesar de que a família aristocrática, nos séculos XVII/XVIII, passou a dar uma maior atenção à criança, ela ainda não era a família que se isolou em sua privacidade no lar, "deixando o mundo lá fora", nem

era secularizada ou formada meramente pelo consentimento mútuo do casal, que caracteriza a família burguesa. Ela ainda estava estreitamente ligada à honra, à tradição, à fé e à mundaneidade, que lhe conferia reconhecimento. Disto dependia a sobrevivência material da família como um todo.

Sendo que a moral e a visão de mundo popular são fruto do consenso "espontâneo" levedado pelo intelectual orgânico dos extratos dirigentes, a moral e as concepções de mundo do camponês italiano do Antigo Regime eram fruto de um híbrido composto pelos padrões de honra e família-linhagem aristocrática, somados aos padrões de santidade e disposição das coisas dados pela Igreja. Ao camponês e sua família, como base desta sociedade, restava uma somatória de opressões que vão recair por último no comportamento sexual da mulher como fundamento da família honrada e santa e da linhagem legítima. Era sobre ela, a mulher, que recaia a honra da família e a santidade da humanidade. Portanto, a subserviência feminina, mesmo que formal, era a base da família, da linhagem e da santidade. Em função disto é que a mulher e seu comportamento sexual são tão visados pelas letras de músicas folclóricas e pela literatura da época. Nas letras encontramos predominantemente a mulher como besta, animal indômito e coisas do gênero e, ao mesmo tempo, como musa romântica ou deusa do amor junto à natureza. As letras retratam um período de mudanças rápidas prevalecendo, porém, o tom da permanência do consenso aristocrático-clerical, no qual a mulher é a serva e a porta

do pecado, sendo a Madona a imagem ideal à qual esta deve chegar a assemelhar-se. Como ideal a mulher é ingênua e casta, mas a carne é fraca, ainda mais num ser desmiolado sujeito às tentações do mundo.

Qualquer que fosse o ponto de vista teológico, a maioria dos padres, considerando suas ovelhas, devia partilhar da opinião do cura de Chaucer para quem o casamento era uma questão de último caso, uma concessão a fraqueza da carne. Ele não livraria a sexualidade de sua impureza essencial. Sem dúvida, essa reprovação não chegava à condenação da família e do casamento, à maneira dos cátaros do sul da França; manifestava, porém uma desconfiança com relação a todo fruto da carne. Não era na vida leiga que o homem podia se santificar; a união sexual, quando abençoada pelo casamento, deixava de ser um pecado, mas isso era tudo⁸.

SOBRE O CASTELO DE MIRABEL

Sobre o castelo de Mirabel
 Havia uma que cantava
 Sobre o castelo de Mirabel
 Ela cantava tanto bem
 Que até na França se ouvia
 O filho do rei
 Perguntou quem cantava
 E a filha do camponês
 Todos dizem que ela é bela
 Ela se fez ver
 Por três soldados armados
 E o mais belo dos três
 Foi quem a enganou
 A mandaram embora para longe
 Em uma prisão funda e escura
 Lá ela ficou sete anos
 Sem ver o sol nem a lua
 E no fim dos sete anos
 Ela descobriu uma janelinha
 Que dava para o mar
 Ela viu o seu pai
 Papai, caro papai
 Que dirão as pessoas na França?
 Todos falam mal de ti
 Que você é filha roubada

⁸ ARIES, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro, ZAHAR, 1978, 279 p. (p. 215)

Eu sou uma mulher casada
Onde está o teu marido?
Meu marido foi a guerra
A que guerra ele foi?
Foi a guerra de Napoleão
Que libertou a França
Quem libertou a Itália e a França
Foi Vitório Emanuel.

Assim, a importância do comportamento sexual publicamente ideal da mulher é fundamental para entendermos esta sociedade a nível de mentalidade. Nela, a mulher não é a rainha do lar dedicada apenas à casa e aos filhos. Ela é responsável pela reprodução física e mental desta sociedade, enquanto o homem, que trabalha a seu lado é responsável pela produção e ordem das coisas. Suas dignidades e posições na sociedade estão estreitamente ligadas à honra frente à aldeia que assegura esta ordem acima do chefe da família. O poder da aldeia situado acima dos direitos por nascimento é expresso nas letras pela frase: "O que dirão as gentes". Porém, as gentes pensam com a aristocracia e o clero, e sua voz afeta tanto a honra do chefe-de-família camponês quanto a nobreza e o clero. Na Itália fragmentada em pequenos reinos, a aldeia, mais que a Igreja, fez o papel de guardião da ordem, do consenso. Pode-se dizer que a aldeia, a Igreja e os padrões aristocráticos faziam as vezes de um Estado nacional centralizado, regulamentando a sociedade. A letra seguinte demonstra o conflito entre os velhos e os novos padrões.

LAMENTOS DE UM SOLTEIRO

Para não pagar dos solteiros, a taxa dolorosa
 Minha mãe, mulher simples, quer que eu me case.
 Ai! ai! ai!
 Pobre de nós, até onde chegamos.
 Tenho quarenta anos e, poxa! Nunca tive vontade de
 casar
 Porque com estas fêmeas, não sei o que ocorre.
 Vê-las junto ao espelho pintando as faces
 Elas põe carmim nos lábios, para parecerem mais
 Belas
 Escondem meio estômago e, ainda mais!
 Os cabelos: Para se assemelharem aos homens,
 Os cortam curtos também.
 Observe-lhes as costeletas que parecem de
 Dançarinas.
 As blusas sem mangas, descoberto o busto
 E depois de tudo isso, atente para mais um tanto
 Elas vestem calças como o infante de copás
 Se não sabem cozinhar feijão,
 Como farão estas fêmeas para educar seus filhos?
 Compadre me diga, mas com sinceridade:
 Com estas fêmeas se pode plantar família?
 O belas senhoritas, ponham sal na cabeça insossa
 Ou vão para o hospício!
 Eu tenho para casar-me, uma vontade maldita
 Mas com estas fêmeas, não tem condição!
 Se tenho pecados na alma, farei mais penitências
 Mas ficarei solteiro e vocês tenham paciência!
 Antes pago, e rápido, seis taxas ao governo
 Mas não quero ser mártir, nem ir para o inferno.

Se pensarmos o conceito de bloco histórico, a nível imediato, como uma relativa estabilidade com "regras do jogo" definidas que permitiam aos diversos estratos sociais moverem-se com relativa segurança em busca de seus interesses, teríamos a aldeia do Antigo Regime cumprindo o papel de um Estado forte, atuando como guardião do consenso em torno da moral da Igreja e da aristocracia. Era na aldeia que o clero agia como elaborador do consenso e era nela que as gentes diziam isso ou aquilo, conferindo uma respeitabilidade à família, ou a desonra pública, num universo onde se respirava religião e se vivia sem grande distinção entre o espaço privado e o

espaço público.

A SUZANA

O Suzana, vista-se, lerá⁹
 Que ao baile quero te levar
 Quando você chegar ao baile
 Ninguém mais irá dançar
 Somente o filho do conde
 Dois ou três giros ele a fará fazer
 E durante os dois ou três giros
 Suas três rosas caíram
 E ao juntar uma rosa
 Um beijo ele deu
 E o único que viu foi seu pai
 Suzana vamos embora que o baile terminou
 Quando chegaram no meio do caminho
 Começou a esbofeteá-la
 Papai porque me bate?
 Você acha que eu merecia?
 Que doida você é
 Você se deixou beijar!
 Fui beijada por tantos
 E nunca me devoraram
 As rosas por um mês
 Não perdem a cor
 E eu por um beijinho
 Não perderei minha honra.

A honra da família significa sua inserção e permanência como integrante da sociedade e é personificada na figura do pai-de-família, o qual depende para ser honrado do comportamento sexual da mulher diante da aldeia, seja ela esposa ou filha. Em meio a isto está a religião zelando pelo consenso em cada instante, a nível de pensamentos, atos e palavras.

Nesta trama, a Igreja era mais que um intelectual orgânico subserviente à aristocracia; ela era também o Estado Pontifício que detinha boa parte das terras da Península, não apenas engendrando o consenso em torno do viver da aristocracia mas também em torno do clero com o ideal de santidade para toda a sociedade. Além disso,

⁹ "Lerá" é equivalente italiano ao "Lá-lá-lá" no Brasil.

era detentora de aparelhos repressivos dos desvios de comportamento em relação ao consenso e contava com a aldeia para guardar a honra e a santidade.

Numa sociedade onde o trabalho familiar envolvia relações de solidariedade entre famílias, o lugar da mulher era junto à família, cuidando dos filhos, marido, anciãos e parentela, costurando, cozinhando, ou carpindo ao lado do esposo. Em qualquer condição, fosse como filha, esposa ou anciã, sempre coube à mulher o recato e o trabalho junto à família.

Muitas vezes os cônjuges vinham a se conhecer somente no dia do casamento. A paixão amorosa arriscaria ligações pouco desejadas pelo grupo familiar, pondo em risco o princípio da fidelidade, e os interesses do grupo. A castidade da esposa era escrupulosamente protegida a fim de garantir herdeiros legítimos ao marido. Além da virgindade da esposa, tinha-se que levar em conta sua condição familiar, a educação recebida que deveria prepará-la adequadamente para seus papéis de esposa e mãe¹⁰.

A BEPINA

A Bepina se pôs na porta
 Com o lencinho na mão
 Passou um rapazinho
 Ela estendeu o dedo
 Bepina, oi bela Bepina
 O que me prometestes
 As promessas que te fiz
 Bepina, as mantereí
 Contento o papai e a mamãe
 Bepina te esposarei
 E quando tiver te desposado
 Te ponho para trabalhar o campo
 Se a chuva te banha
 O sol te enxugará.

¹⁰ PRADO, Danda. O que é família? 2 ed. São Paulo, Brasiliense, 1982, 92 p. (p. 66)

A vontade da mulher como filha, mãe ou anciã era sobrepujada pelas concepções de mundo e aspectos práticos do grupo, os quais eram estreitamente ligados à sobrevivência física e cultural. O mesmo era válido para o homem em qualquer condição, apesar das concessões que lhe eram feitas. Era o homem o guia da família diante do mundo, enquanto a mulher a governava internamente.

A vida era impregnada pelo mundo, e neste mundo a questão cotidiana era a sobrevivência a qual se dava coletivamente, não havendo muito espaço para a vontade individual. Isto porque o valor de cada um se dava antes pelo grupo ao qual pertencia por nascimento. Assim, enquanto filha solteira, a mulher significava um braço a mais para o trabalho, uma boca a mais para alimentar, um vir-a-ser a materialização de um padrão ideal e, antes de tudo, uma ameaça constante à honra familiar. A ligação entre o que se era por nascimento e o que se devia aparentar e agir socialmente era indissociável. Conseqüentemente, um lugar na família significava, antes de tudo, deveres específicos e pré-determinados.

MINHA MAE, A ESPOSA ESTA AQUI

Querida mãe, a esposa está aqui.
 Faça alegria, faça alegria
 Cara mãe a esposa está aqui.
 Como vamos comemorar?
 Dê-lhe a enxada e a faça carpir
 Como vamos comemorar?
 Dê-lhe a foice e a faça roçar
 Como vamos comemorar?
 Dê-lhe a pá e a faça cavar.
 Como vamos comemorar?
 Dê-lhe a agulha e a faça costurar
 Como vamos comemorar?
 Dê-lhe o esposo e a faça amar?

A família camponesa da Alta Itália do século XIX era, antes de tudo, uma unidade produtiva familiar que visava a subsistência do grupo. Nela, costurar é tão importante quanto carpir. Se costurar faz parte do sobre-trabalho coletivo para a mulher que carpia, do mesmo modo o trabalhar fora de sua lavoura e a migração temporária é para o homem. Para se ingressar numa família o fundamental era a capacidade de produzir a subsistência e reproduzir os padrões morais, as concepções de mundo. Apesar de várias letras descreverem o casamento como o paraíso do amor, sua face pragmática mais importante constituía-se no trabalho grupal. As letras que falam do casamento como paraíso cumprem a função de reforço à instituição do matrimônio incentivando uniões lícitas.

A religião, os velhos e a aldeia exerciam constante controle sobre a sexualidade dos jovens. Muitas letras falam do casamento como uma libertação do controle dos velhos, porém os casados não estavam livres da interferência da aldeia, dos velhos e da religião.

A religião controlava dois tipos de desvio dentro do casamento: o da gratuidade e o do excesso. O princípio da procriação corrigia o primeiro. Attingia onanistas e sodomistas acusados de buscarem prazer irresponsável, de serem perdulários sexuais... O segundo desvio era controlado pelo princípio do verdadeiro prazer. O homem apaixonado era um iludido. Cometeria um erro de avaliação superestimando o valor do amor. As especiosas aparências do prazer humano impediam-se de gozar vertiginoso prazer divino. Comparado ao êxtase celestial, a volúpia carnal era irrisória. Quem vivesse a eternidade, veria¹¹.

¹¹ COSTA, Jurandir Freire. Ordenação médica e norma familiar. Rio de Janeiro, Graal, 1979, 282 p. (p. 227)

A MARIANA VAI AO CAMPO

O Deus do céu
 Que faz florir as rosas
 Faça-me encontrar maridos
 Para todas estas moças!
 A Mariana vai ao campo
 Quando o sol se põe
 Quem sabe quando, quando retornará
 Por um marido existem tantas moças
 Que de amor ficam todas loucas
 E todas tem o grande desejo
 De sentir o que um marido
 Faz o coração experimentar

Muitas letras falam do amor romântico, seja com a função de reforço à instituição do casamento ou como prenúncio da nova ordem sentimental decidida pelos parceiros, na qual a família está distanciada da produção enquanto grupo. Porém é na sobrevivência enquanto grupo, enquanto unidade produtiva familiar de subsistência, que as letras dão ênfase, direta ou indiretamente. A idéia do amor romântico como reforço ou prenúncio de uma nova ordem sentimental, diferia profundamente do pensar camponês, pois ele não escondia que não sobrevivia sozinho sem o trabalho da mulher, filhos e parentela.

As esposas camponesas não eram objetos sexuais nem companheiras íntimas. Eram camaradas de trabalho, julgadas por sua habilidade e rubustez, e não pelo formato do nariz¹².

Quanto ao patriarcado, PRADO nos fornece uma definição de família patriarcal:

Patriarcal é aquela estrutura familiar que não somente identifica o indivíduo pela origem paterna (patrilinear) mas, ainda dá ao homem o direito prioritário sobre o filho e

¹² POSTER, Mark. Teoria crítica da família. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, 251 p. (p. 286)

um poder sobre a pessoa da esposa¹³.

Na sociedade camponesa italiana do século XIX o patriarcado era aparentemente indiscutível. Apesar de consensualmente esta sociedade se referir à mulher como ser sub-humano, a mulher apenas representava socialmente esta submissão. De modo oculto, longe dos olhares que ameaçavam sua honra, ela agia fora dos padrões que a colocavam em condição bestial, sendo que no seio da família, ela era respitada e sua palavra interferia nas decisões do grupo. O que importava era que, socialmente, a família parecesse a materialização perfeita do padrão aristocrático-clerical. Além disso, o poder supremo não estava na decisão do pai-de-família, mas, sim, no que a aldeia falava da família e no que Igreja ordenava.

Barzini expõe o "pacto da submissão aparente" da *mamma* italiana, o que garante a ordem da família e que por sua vez, garante a ordem no sobre-trabalho coletivo.

A disposição das coisas não confere com a esmagadora autoridade do marido nem da mulher. Graças a ela, única e exclusivamente, a vida do lar funciona com regularidade. Os séculos a ensinaram, todavia, a fazer o marido esquecer-se de quanto ela é importante. Em geral governa de um jeito sutil, quase imperceptivelmente. Acalma os sentimentos do marido, evita contrastes flagrantes, mas lhe cabe, via de regra, a última palavra, que até mesmo nem chega a pronunciar. Deixa-se ficar no canto, sem dúvida alguma. Perderia a ascendência, evidentemente se o esquecesse. (...) Qualquer que seja sua posição, entretanto, a esposa é dotada de grande poder. Os homens governam o país, as mulheres governam os homens. Na rea-

¹³ PRADO, p. 54.

lidade, a Itália é um criptomatriar-
cado¹⁴.

3.4. TORNAR-SE DIGNO FRENTE A ALDEIA

Creemos que Barzini coloque com propriedade o "jogo da eminência parda", mas faz-se necessário dizer que ele vê a mulher italiana do início século XX. Para a mulher camponesa da Itália pré arranco capitalista, o espaço da família e portanto seu espaço ultrapassa as paredes da casa e vai até onde houver trabalho familiar e tutela do comportamento dos membros da família, principalmente se for anciã enérgica. Por ter tanta responsabilidade, é que a opressão baseada nos padrões de comportamento aristocrático-clericais recai sobre ela com tanta veemência. Mas, uma coisa é o padrão, outra é representar socialmente a submissão a ele, e outra é reproduzi-lo fielmente na prática cotidiana. Também devemos lembrar que as responsabilidades, tanto do homem como da mulher na reprodução desta sociedade, a nível material e de consenso, não recaem somente sobre o esposo, a esposa e anciãos, mas em toda a aldeia.

A hegemonia da aldeia sobre o parentesco e a família, mesmo no contexto do casamento monogâmico afeta as relações entre pais e filhos. As mães camponesas eram ajudadas nos deveres de cuidar dos filhos por parentes, pessoas de idades e moças solteiras.

¹⁴ BARZINI, Luigi. Os italianos. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966, 393 p. (p. 228-229)

As mulheres na aldeia transmitiam às mães jovens os conhecimentos tradicionais sobre amamentação, enfaixamento, cura de enfermidades infantis, etc. Essa assistência era acompanhada de fiscalização. Os aldeões queriam ter a certeza de que os costumes e as tradições eram mantidos na criação dos jovens. A família conjugal não era um espaço privilegiado e privado, mas estava integrada nas mais amplas redes de sociabilidade. As crianças eram possuídas e controladas pelos pais camponeses tão exclusivamente quanto pelos pais burgueses do período moderno¹⁵.

Outra diferença fundamental na educação é a de que no mundo atual a criança é educada para ser autônoma, para competir, enquanto no universo camponês da Itália pré-arranco capitalista ela era educada para a cooperação e obediência. Assim era porquê, num mundo de escassez, só a colaboração e o trabalho comunitário permitiam garantir o mínimo para cada um. Nesta sociedade onde as relações sociais eram muito estreitas entre a família e a aldeia, os desvios de comportamento não se referiam a um indivíduo em relação aos outros, mas ao comportamento de um membro da família tal em relação à aldeia.

A estrutura psíquica infantil era indubitavelmente orientada para a vergonha e não para a culpa. A aprovação das ações era externa, baseada em sanções públicas por toda a comunidade¹⁶.

¹⁵ POSTER, p. 205.

¹⁶ POSTER, p. 205.

BATE BATE

Bate e bate na porta
Para que minha bela venha abrir
Com a mão abre a porta
E com a boca um beijinho me dá
Me deu um beijo tão forte
Que sua mãe escutou
O que você fez, filha minha
Que todo mundo fala mal de ti?
Mas deixe que o mundo fale!
Eu quero amar aquele alpino
Que há três anos está na prisão por mim
A prisão é muito escura
Que me faz morrer de medo
Entre nove meses e alguns dias
Na sua volta eu o desposarei
O desposarei com beleza e abundância
O desposarei com todo o coração.
Viva o amor, viva a liberdade!

Nestas condições, o desvio de conduta em relação ao consenso não era apenas individual, mas envolvia toda a família. Não se era apenas João, Paulo ou Maria perdido na massa, ou um número na folha de pagamento da fábrica; todos eram membros da família tal, da ordem tal e assim por diante. Por este caminho, pode-se explicar as vinditas, a responsabilidade da mãe, esposa e anciãs em relação a manutenção da imagem honrada do macho ativo, pai-de-família frente a aldeia. Eles, pais e anciãos, deveriam educar os jovens para não desonrarem o pai-de-família frente a aldeia. Isso porque a dignidade pública dele estava diretamente ligada à capacidade moral de organizar o trabalho, aliás sobre-trabalho familiar. Possuidor desta dignidade, o pai-de-família deveria balizar as relações entre os componentes desta com a aldeia, por ser nela consuetudinariamente reconhecido como elo entre a família e o resto da sociedade que, como foi dito, não eram tão distanciadas como hoje.

Vivendo "em público", a mulher e os jovens passe-
 ando, namorando, indo a bailes afastados dos pais ou re-
 presentantes destes, significavam perigo à honra fami-
 liar.

E COM O APITO DO VAPOR

E com o apito do vapor
 A partida do meu amor
 Quem sabe quando retornará
 Que pena, ó que dor!
 Quem sabe quando voltará
 Voltará nesta primavera
 Com a espada ensanguentada
 Mas, se me encontrar já casada
 Oi que pena! Oi que dor
 Triste vida fazer amor
 Ficarei porém sem comer
 Mas o amor quero fazer
 Quero tornar-me freira
 Porque no amor não tenho sorte
 Quero pegar um rosário
 Para meu amor quero rezar
 Quero rezar pela manhã e pela noite
 Até que retorne a primavera
 mas meu bem não retorna mais
 Na idade de quinze anos
 Foram cortados os meus cabelos
 Eram longos eram belos
 Tiraram-me a beleza
 Com a idade de dezesseis anos
 Tive um menino
 Era louro encaracolado,
 Desafortunado sem pai.

Por isso as jovens solteiras são postas, pelas
 letras, como animais indômitos, necessitando de cons-
 tante orientação e presença física do pai-de-família, da
mamma e anciões para evitar desvios de conduta em rela-
 ção ao consenso. Assim, não contava o que um elemento de
 uma família fazia, mas se o povo sabia o que tal membro
 de uma família fez. Desta maneira, o processo de educa-
 ção era, antes de tudo, um aprendizado de como lidar com
 as aparências publicamente.

PELEGRINO DE S. ANTONIO

Pelegrino de S. Antonio
 Oi trá, lá, lá
 Reze ao santo por mim
 Reze de todo o coração
 Para que me faça encontrar marido
 Que ele tenha dezoito anos
 Porque dezesseis tenho eu
 E zin e zon, e zin e zin
 Faça vigia a S. Antonio
 Para o o meu matrimônio
 E zim, e zon, e zim e zon
 Reze por mim
 para que ele me dê uma alcova
 Com duas camas de fino lustro
 Com cobertor de pura lã
 E lençóis de puro linho
 E zin...
 Reze a Santo Antonio por mim
 Que ele me dê matrimônio
 E zin...
 Que me dê um lindo berço
 Onde ficará meu filhinho
 Com rendas de seda vermelha
 E de plumas o travesseiro
 Que ele me dê uma coberta
 E tenha em cima um sininho
 Que quando o neném se mexer
 O sininho faça drim, drim
 E zin, e zon.

Neste processo de aprendizagem, a mulher passa de filha jovem para esposa jovem que ainda não é habilitada à reprodução material e moral segundo os padrões estabelecidos, necessitando por isso do "auxílio" da aldeia na lida com os rebentos. Este auxílio também envolve o zelo pelas tradições, honra e consenso por ser o jovem uma ameaça a estes três aspectos. A maturidade não está necessariamente ligada à idade mas à capacidade de reproduzir e passar de auxiliada e zelada para auxiliadora e zeladora das tradições, honra e consenso. Então, passa a gravitar em torno dela uma extensa rede de parentela, podendo assumir também o lugar do pai-de-família devido à morte, incapacidade física ou moral deste. Este pro-

cesso pode ser sintetizado como a passagem da condição de animal indômito para domadora de animais indômitos.

DI BARQUEIRO DE BRENTA

Di barqueiro de Brenta
 Empréste-me a barquinha
 Que quero ir na gôndola
 Quero ir na gôndola
 Quero ir ao alto mar
 Eu a emprésto sim
 Basta que retorne
 A barca afundou
 E não volta mais
 A barca voltou
 Toda vestida de novo
 Lá dentro me encontro
 Ao lado do meu bem
 E ao lado do meu bem
 Me encontrarei feliz
 O coração me diz
 Nineta, a fazer amor.

Isto ocorria num tempo lento dos ritmos da natureza sob a sombra do campanário e do casarão ou castelo *dei signori*. Neste mundo impregnado pela divindade e mundaneidade, sob os ritmos da natureza tudo parecia eterno, constante e cíclico, segundo os eternos desígnios divinos que faziam o tempo parecer mais longo ainda, lento como a lentidão da natureza. A única mudança era dada pela morte que, vista no contexto e ótica da Igreja, não trazia muita novidade, porque um dia haveria uma única reencarnação e após a vida os maus teriam o mal. Além do que os mortos, principalmente os adultos e os velhos, continuavam a fazer parte do cotidiano da família, tanto no culto a eles como no citar constante de seus provérbios, que eram a sabedoria acumulada com a idade e adequadas ao pensar e agir cotidiano.

Neste universo, a mulher anciã que falava mal dos outros não estava se metendo na vida do vizinho, mas cumprindo seu papel de auxiliar da manutenção do consenso, zelando pela "eterna" ordem das coisas. Não se tratava da sociedade de indivíduos, fragmentada e selada por laços seculares; havia uma ordem divina que tudo regia, através da qual todos eram criaturas divinas e o fazer humano se dava por e para a Graça Divina. Era com base nesta ordem e na imagem da Sagrada Família que as mulheres educavam seus filhos. Além disso, devemos lembrar que a criança não vivia dissociada do adulto e seu aprendizado era essencialmente prático, tendo como exemplo a família e a aldeia. A educação não se dava entre quatro paredes da casa ou escola, mas no convívio do fazer cotidiano onde a nobreza produzia nobres e o campesinato camponeses. Todos viviam em estreita ligação com a natureza, na qual o clero e a sociedade leiga viam a obra divina.

3.5. A INTERAÇÃO DAS CONTRADIÇÕES.

DE MANHÃ CEDO

De manhã cedo
 Se ouve os tambores batendo
 Oi, lá, ri, le, rá
 Dê-me as saudações que estou para partir
 Diga-me oi bela, se queres vir
 Oi, sim, sim, eu iria
 Mas onde me levarás
 Te levarei a praia do mar
 Onde é a casa do marinheiro
 Quando terminaram de comer e beber

Acenderam uma vela
 Agora chegou a hora de dormir
 Diga-me bela se queres ir
 Oi, sim, sim, eu iria
 Mas te peço que não me toques
 Sou virginsinha, digna de casar
 Fense antes quando estivestes
 Com o marinheiro
 Tu não és mais filha digna de casar.

Como dissemos, o ritmo da vida só era quebrado pela morte e mesmo assim apontava para uma continuidade. O campo santo junto à Igreja ou as tumbas dentro dela, lembravam que a vida carnal é passageira, devendo-se ao invés de apegar-se às coisas da carne, preparar-se para a vida futura. A Igreja, como intelectual orgânico do bloco histórico, regia o consenso com base na eternidade divina e na eternidade da vida, reforçando o senso de uma ordem eterna na qual o material e o imaterial eram duas faces de uma só coisa. A morte foi utilizada pela pedagogia da Igreja para conseguir um desprezo, um sentimento de vergonha consensual em relação ao corpo e à sexualidade, pondo a mulher como porta do pecado. Apesar de tudo, gozava-se os prazeres do sexo fora do casamento, desde que não se caísse no conhecimento público, pois aí o consenso seria publicamente atacado, assim como a hierarquia da família enquanto unidade produtiva familiar.

BOA NOITE

Boa noite caros senhores (patrões)
 Que nós iremos repousar
 Repousaremos metade da noite
 E outra metade faremos amor
 Faremos amor para sempre
 Deixemos esta gente repousar
 Meio litro nós beberemos
 E outro meio beberemos sim

Desponta a luz da manhã
Ela me faz chorar e suspirar.

Nas letras que estudamos, mulher, sexo, natureza e repressão constituem um conjunto que reincide várias vezes. Depois de muito nos perguntar o porquê, a resposta que nos veio foi que na casa do camponês sempre estava presente a aldeia na defesa dos costumes; além do quê, não haviam os espaços construídos pelo sistema capitalista para o exercício clandestino da sexualidade; motéis, por exemplo.

MORENO, MORENO

Moreno, Moreno, é um belo jovem
Que tem os cabelos como as ondas do mar
Sobre as ondas do mar, a barca deslisava
Rosina chamava: Moreno vem cá
Não posso ir o vento me retém
Para fazer amor, esposar-me convém
Que mãe, oi que mãe! Eu quero moreno
Que porta cabelos como as ondas do mar.
Não posso ir, o ar me impede.
Para fazer amor desposar-me convém.
Que mãe, ó que mãe! Que mãe cruel
Que deixa morrer este jovem de amor
Uma jovem enamorada que tanto o amava
Que sem Moreno, não posso mais ficar.
Ao invés de abandonar Moreno,
Me coloco no leito e me deixo morrer.

Fazer amor num barco, na praia, no bosque, na relva ou entre as vinhas pode ser interpretado como contestação imediata com aceitação (CIA) segundo SATRIANI, pois na prática se opõe aos padrões, porém é feito de modo oculto para não atacá-los publicamente. Nesta sociedade o duplo padrão é uma constante e também uma forma de sobreviver ao padrão consensual. Assim, aspectos diametralmente opostos como a mulher vista como bela para fazer amor, une-se, a nível de expectativa, com a

mulher robusta para carpir; a mulher frágil e desmiolada é a candidata a ser *mamma* ou a *nonna* enérgica; a mulher recatada e solteira é também a mulher bela e disponível para fazer amor; a mulher, ser indômito do qual sempre se desconfia, é a responsável - com o auxílio da aldeia - pela reprodução dos padrões consensuais na educação de seus filhos.

A duplicidade aparente não significa necessariamente oposição radical, pois além dela há um movimento dialético de uma sociedade que absorve suas contradições reelaborando-se constantemente. A própria Igreja, tão rígida, obrigou-se a aceitar variações da religiosidade popular para conseguir a predominância de seus dogmas entre o povo, exercendo assim seu papel de intelectual orgânico.

3.6. VIDA E MORTE

Um exemplo de que os "opostos" não estão em contradição franca nesta mentalidade é a questão da família perante a morte. Nesta questão estão envolvidos os seguintes aspectos: família-morte-religião; família-morte-educação; família-morte-guerra; família-morte-alimento-esperteza. Estes aspectos não são estanques mas interligados de acordo com o momento histórico; porém, assim dividimos para facilitar a exposição. De todas estas

conjunções, a que mais atingia o camponês era a fome.

A alimentação era insuficiente e faltava nela um elemento essencial como carne. As habitações insalubres, o insuficiente aquecimento dos ambientes em período invernal, hábito malsãos como aqueles de permanecer por dias inteiros nas tétricas estrebarias, tornavam o camponês mais facilmente sujeito a doenças e, pelo menos, lhe enfraqueciam a resistência¹⁷.

3.6.1. A MORTE DOS INFANTES

Não é gratuita a frequência com que as letras falam do sonho de comer até arrebentar, pois abundância significava, para o camponês europeu, sobrevivência. "Na França, antes dos tempos modernos, a vida era uma luta inexorável contra a morte"¹⁸. As referências de Darnton, apesar de tratarem do século XVIII, também são válidas para o camponês italiano do século XIX, sobre o qual pesavam altas taxas de mortalidade e natalidade. Além disso, a constante presença da morte reforçava-a como instrumento de doutrinação da Igreja. No Antigo Regime, a morte não era a exceção no cotidiano mas a regra. Para as mulheres a gravidez sempre representava risco de vida, sendo comum as mulheres morrerem por infecções contraídas no parto, bem como era comum se ter uma grande quantidade de filhos e poucos deles sobreviverem

¹⁷ GROSSELLI, p. 70.

¹⁸ DARNTON, p. 44.

aos primeiros anos de vida.

As pessoas não se podiam apegar muito a algo que era considerado uma perda eventual. Isso explica algumas palavras que chocam nossa sensibilidade moderna como estas de Montaigne: "Perdi dois ou três filhos pequenos, não sem tristeza, mas sem desespero", ou as de Molière, a respeito da Lovison de *Le Malade Imaginaire*: "A pequena não conta"¹⁹.

"A pequena não conta", pois não se tinha muita esperança que sobrevivesse, além do que, quem contava nesta sociedade era quem fosse capaz de desempenhar com a comunidade seus papéis na luta cotidiana contra a morte.

Entre as letras temos algumas que falam de morte do filho homem adulto, mas não encontramos letras que falem da morte de infantes. Isto porque, se na sociedade burguesa há um espaço para algo chamado criança, objetivada como tal, o mesmo espaço não existia da mesma maneira na sociedade camponesa do Antigo Regime, na qual a "criança" era apenas um vir-a-ser adulto, o que ocorria com extrema rapidez. Isso impressiona Ariés, tanto que cita novamente Montaigne em outra página.

"Perdi dois ou três filhos pequenos, não sem tristeza, mas sem desespero", reconhece Montaigne. Assim que a criança superava este período de alto nível de mortalidade em que sua sobrevivência era improvável, ela se confundia com o mundo dos adultos²⁰.

¹⁹ ARIES, p. 56-57.

²⁰ ARIES, p. 157.

Talvez este seja o motivo de as letras contemplarem tão pouco a morte de infantes: era fato corriqueiro na vida das aldeias.

3.6.2. A MORTE DO HOMEM JOVEM, ADULTO E VELHO

DEIXO A MULHER COM QUATRO FILHOS

Deixo a mulher com quatro filhos
 E lhe digo: mulher, cuide deles
 Que eu parto e vou a guerra.
 Se me matarem não os verei mais
 Ao chegar lá em San Michele
 Um contra-ataque o inimigo nos fez
 Dar-lhes combate, baioneta no cano
 em direção ao matadouro se vai.
 Fui ferido com uma bala no peito
 Amigos, companheiros, os vejo partir.
 E eu, por terra fui obrigado a cair.
 E o inimigo, o vejo aproximar-se
 Quietamente, austriaco velhaco,
 Tu não vês que estou para morrer?
 Mas o austriaco, com o coração mais vil
 Com seu punhal o fez morrer
 Quando o filho chamava a mãe:
 Cara mamãe, onde está meu papai?
 O teu papai partiu para a guerra
 E os austriacos o mataram
 Quando passo vestida de negro
 O seu retrato, o tenho sempre comigo.
 Todo de pranto o deixo banhado
 E com quentes beijos o quero cobrir.
 Quando soam a Ave-Maria,
 Me vem de chorar e suspirar
 Por ouvir estas pobres crianças que dizem:
 Mamãe, o papai onde está?
 O teu papai está longe.
 Lá no deserto inocente morreu
 O mataram e o dilaceraram
 E ninguém pode salvá-lo.

As letras dão pouca atenção à morte do pai. Possivelmente isso ocorra por ter o pai socialmente o poder de organizar a família, sendo ele reconhecido como o produtor, e os outros componentes dela apenas como aju-

dantes, o que, na realidade, não são. O pai é substituível em sua função, algo como "o rei morreu, viva o rei". As letras que falam da morte do pai reclamam a falta de sua presença como fiel de balança, eixo da moral, ou falam dele como soldado herói que morreu na baioneta do inimigo, ou ainda, como aquele que partiu para a guerra deixando a donzela grávida e sem nome para o filho, ou sem seu trabalho para sustento da família. Na velhice, o homem se aproxima da condição da mulher anciã, reforçando ainda mais sua autoridade moral para compensar a perda de sua posição como centro econômico da família por sua incapacidade de produzir. Por aqui também pode-se explicar o trabalhar até a hora da morte como uma negação de sua condição de ancião não produtor nem reprodutor. Apesar disto, o homem mais novo, ativo e respeitado, é quem detém o comando da produção, mas devendo aos velhos constante reverência.

Em compensação, as letras contemplam várias vezes a morte do filho adulto chorada pela *mamma* e a morte da *mamma* chorada pelo filho. Em ambas condições, duas imagens bíblicas sobressaem, sendo a mais constante a da Pietá com a morte do filho, ou uma Pietá invertida com a morte da mãe que normalmente se soma a imagem do filho pródigo ou da família desonrada pela filha.

O PRANTO DA MAMAE

Esta tumba que encerra os espólios
 De um filho que não verei mais
 Esta tumba recolhe os suspiros
 De uma mãe que tanto o amou
 Eu o criei entre dificuldades e penas
 Mas o destino quis assim
 Não tinha chegado aos vinte anos

E nas prisões inocente morreu
Cada mãe aos seus quer bem
Quando sofre, sofre seu coração
Ser morto entre horríveis penas
Este filho que não verá mais
Tenham compaixão de uma pobre mãe
Que o perdeu na flor da idade
E da dor do velho seu pai
Que até aos turcos daria pena
Quando ao amanhecer o portão se fecha,
O guardião me manda sair
Sou obrigada a deixar aquela tumba
E o meu filho ficará lá em baixo
Se pudesse cavar uma vala
Sepultar-me contigo eu queria
Para poder repousar os meus ossos
Somente um palmo distante de ti
O se eu pudesse!!!
Porque não me respondes
Querido filho que não verei jamais
Sobre a tumba está escrito seu nome
E o do pai e da mãe que tanto o amou.

Em relação à morte do filho adulto, as letras passam a sensação do escultor que, na última cinzelada, racha o mármore, estragando a escultura. Isto se dá em frases do tipo "o filho que nutri e acalentei por tanto anos". O sentido deste tipo de frase pode ser lido não como "perdi alguém de grande valor", ou seja, perdeu o filho ali, mas como a perda de todo um tempo e trabalho dedicado a um vir-a-ser, a uma parte da família que poderia suceder ao pai-de-família. É a diferença entre o artista que pensa a escultura perdida e o que pensa no trabalho perdido. A imagem da Pietá cabe enquanto transmite o sentido da mãe desamparada pela falta de um homem na família, pela falta daquele que não suja as mãos com fraldas e coeiros mas encarna socialmente a família.

3.6.3. A MORTE DA MULHER FILHA, MAE, MATRIARCA.

NOSTALGIA

Me recordo quando era menina
Que gozava aquele mundo tão belo
Fasseava com este e com aquele
Bendita liberdade!
Tantos dotes eu tinha
Agora sou infeliz
Deves pensar antes de tudo
Que o marido é um grande traidor
E agora que estou casada
Acabou minha alegria
Feguei um velho muito ciumento
Que a cada passo me vigia.

Pouco freqüente também é o aparecimento nas letras da *mamma* chorando a morte da filha. Um motivo para isto é que a mulher jovem significava dupla preocupação para a família: para o pai, enquanto solteira, e, depois do casamento, para o marido. Ela significava mais uma boca para alimentar e, o que é pior, uma constante ameaça à honra da família. Era uma ameaça constante por não estar ainda habilitada a lidar publicamente com o duplo padrão santidade clerical-mundaneidade aristocrática. Era o animal indômito para o qual todos os olhares se voltavam temendo que o consenso fosse arranhado. Normalmente o pranto se dava com a morte da mulher jovem, quando o Romeu perde sua Julieta e com ela se perde o sonho de "mais uma família camponesa vivendo um sonho de amor" no casamento. Mas estamos falando de um mundo que não é insensível, porém, no qual, as questões práticas e cotidianas se sobrepõem às sentimentais. Por isso tudo, havia uma preocupação da família em casar as filhas com

homens honrados, livrando-se de tal ameaça e encargo.

Outra situação exposta pelas letras é a que fala da morte da mãe chorada pela filha; porém com pequena ocorrência; quando ocorre, normalmente refere-se à filha que desonrou a família e a mãe que morre de dor por ela. Novamente a mulher aparece dos dois lados da mesma moeda, cara é a jovem, coroa a anciã; uma como perigo indômito, outra como guardiã imediata da honra sob os olhos do pai-de-família, da aldeia, do padre e de Deus.

3.6.4. MORTE E GUERRA

As guerras andaram ao par da expansão capitalista na Europa juntamente com a ascensão dos nacionalismos do neo-colonialismo, de revoluções como a de 1848 e revoltas endêmicas pelo estado de miséria da população. Elas levavam a morte às famílias, roubando-lhes os braços produtivos e fazendo a mulher reposicionar-se frente à morte e à sociedade.

As letras apresentam a mulher como prêmio do soldado que vai a guerra e transforma-se em *Don Giovanni*, irresistível às mocinhas que por eles suspiram e lhe trazem macinhos de flores. De modo que o camponês, fardado com um fuzil na mão, passa de miserável a herói da pátria e ídolo das mulheres.

Era comum soldados partirem para a guerra com o casamento já acertado, assim como eram comuns os nascimentos ilegítimos por conta destes compromissos. A situação era resolvida com o casamento no regresso da guerra; a morte ou o não regresso do noivo significava mácula à honra da família. Apesar das letras colocarem a mulher como uma pobre indefesa, quando não desmiolada, algumas descrevem a mulher assumindo a posição cabeça da família, trabalhando na própria lavoura para terceiros, ou ainda prestando serviços na falta do marido que foi para guerra. As letras que falam da mulher que trabalha para si sem o homem nem a tutela dos anciãos, colocam-na como malvista, aproximando-a da prostituta, ou reforçam sua condição de pobre infeliz, sem homem por ela responsável.

Assim era porque o trabalho dos membros da família e, principalmente, da mulher fora da esfera familiar, ameaçava o consenso sobre o lugar da mulher nesta sociedade, pois cabia ao homem o papel de ordenador da família enquanto unidade produtiva familiar e sua relação com a economia da aldeia. Além disso, o trabalhar fora das raias da família significava a possibilidade de desmantelá-la enquanto unidade de trabalho e subsistência coletiva, pela independência e evasão de seus membros, sendo que a guerra era sempre um elemento de alteração da vida familiar, do trabalho, etc.

ELA TEM SAPATOS ALTOS

Ela usa sapatos altos
 E saia rente meia perna
 Todos perguntam
 Que mistér ela sabe fazer
 Ela é lavadeira
 Ela lava e torce
 Ela rebola²¹
 Para ganhar o pão.
 Olhe que belos ramos
 Com quatro ou cinco folhas
 Sem arranjar mulher
 Não se pode ficar.

GRAMSCI diz serem fundamentais os intelectuais e o exército para os estratos que desejam conquistar a hegemonia ou mantê-la, para a guerra de posição e para a de movimento²². Os estratos que lutavam pela hegemonia, visando garantir a ordem ou conquistar uma nova ordem, também utilizaram-se da música folclórica, a qual extraiu muitos de seus motivos da elite que tentava recriar o bravo soldado romano nas aspirações da população. Isso se percebe quando o conteúdo das letras descreve predominantemente a caserna como o paraíso do camponês fardado.

OS SUSPIROS DAS MOÇAS

Quantos prantos e suspiros
 Que fazem essas moças
 Sobre os balcões das janelas baixas
 Com o lencinho na mão
 Com o lencinho na mão
 Elas enxugam os olhos
 Ao ver estes jovenzinhos
 Partirem para a guerra
 Vendo-os cair por terra
 Com uma ferida no coração
 Com uma ferida no flanco
 Se reencontrarão por mais um pouco
 Quando o céu quiser.

²¹ *Mena il culo in freta*, no original.

²² ORTIZ, Renato. A consciência fragmentada. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980. p.162.

Fardado, o camponês se transformava em um ser sobre-humano, que derrotava com facilidade todos os inimigos, transpondo montanhas e geleiras íngremes, superando a fome e o cansaço. Porém não se preocupava com boas ou más colheitas, nem com o naco cotidiano de polenta e cebola. Ele consegue realizar o sonho de *mangiare da crepar*, além de tornar-se irresistível às pudicas donzelas, transformando-se no maior amante do mundo, fazendo-as adormecer de prazer.

CIAO MORENINHA BELA, CIAO

Ciao, ciao, ciao moreninha bela, ciao
 Que antes de partir um beijo quero te dar,
 Um beijo a minha mãe e dois ao meu pai
 Quinhentos beijos para a minha bela
 E depois me tornarei soldado
 Depois serei soldado, vestido de bersaglier
 Te mandarei um retrato
 Vestido de bersaglier
 Um retrato muito escuro
 Moreninha esteja segura
 Que no meu retorno te esposarei
 A vida do soldado, é uma vida santa
Ele come, bebe e canta
Ele come bebe e canta
E preocupações não tem.

Depois desta descrição, o camponês esfomeado e certo de sua miséria e impotência cotidiana, era tentado a pensar a caserna como um paraíso na terra. Talvez por aí também se explique o voluntarismo marcante que ocorreu no século passado, engrossando exércitos e milícias como as de Garibaldi.

A ALEGRIA

Quando a barca vai mal
 Não se tem vontade de cantar
 Oi, trá, lá, lá
 Na misera bodega,
 Somente se ouve suspirar.

Oi, lá, lá, lá, alegria.
 Alegria faz bem,
 Mas faz sol se Deus quer
 A borrasca acabará
 E depois da chuva vem o sol
 E o belo tempo voltará
 Quando no ócio muito se está,
 O martelo sem bater
 E a serra sem fazer barulho,
 O artesão não pode cantar,
 Quando falta aquilo que dá
 Animo e força para trabalhar
 Não existe vida nem alegria
 Só resta bocejar
 Esta sorte faz enlouquecer
 Mas não quero desesperar,
 De que vale praguejar?
 Mas como se sabe,
 Para todos existe uma cruz para carregar.
 Já foi dito tantas vezes
 Que não há cruz semaltar!
 Alegre-se amigo, venha cá.
 Se não temos dinheiro para contar,
 Se não temos nada para fazer,
 Alegre-se e nos ponhamos a cantar.

Em suma, a guerra e a partida dos homens produtivos fez muitas vezes com que a mulher camponesa da Itália do século XIX fosse obrigada a romper com o "jogo da eminência parda" e sua falsa condição de incapaz sem o homem, assumindo a responsabilidade pela organização do trabalho familiar e mesmo indo trabalhar além das raias da família. Assim, a morte, as guerras constantes e a fome já ameaçavam esta organização social, fazendo-a adaptar-se aos momentos de crise.

A BARBEIRA

Oh barbeira, bela barbeira!
 Queres fazer a minha barba?
 Sim eu a faria,
 Mas meu marido foi a França
 Com esperança de retornar
 Se ele não retornar
 A tua barba eu quero fazer.

3.6.5. TRABALHO, MORTE E ALIMENTO

O tempo lento das coisas postas como imutáveis para o camponês, até o período que antecede o arranco capitalista, também é o tempo da falta de tecnologias para a melhoria da produtividade; tempo da fome. É um tempo que se faz curto para o trabalho coletivo compensar as adversidades técnicas, sociais e mentais. Somente o sobre-trabalho coletivo, que GROSSELLI chega a chamar de escravidão, poderia sobrepor-se às adversidades para se ter um mínimo de subsistência. Neste mundo, com toscos instrumentos, como um canivete ou faca e pedaços de madeiras, se fazia um rastelo ou um arado que, não raramente, era tracionado pelo próprio camponês.

No tempo lento do universo do camponês, não havia tempo para fadiga, pois a relação se dava entre satisfação e fadiga coletiva, e não entre capital e trabalho; entre as estações do ano e respectivos afazeres, e não entre o tempo e salário. A fadiga da unidade produtiva familiar em relação ao que se conseguia desfrutar com ela era a medida da rentabilidade do trabalho. Neste mundo, somente a fadiga coletiva servia como arma, às vezes unida a algum ardil, para sobreviver à "imutabilidade" das coisas. Não era a sociedade de classes, mas sim a das ordens, na qual o miserável podia perfeitamente ser mais reverenciado que o rico. Trabalhar era lutar contra a morte.

TODOS SE LAMENTAM

Se lamenta também o barbeiro
 Que vai mal em sua profissão
 Certos homenzinhos bem formados
 Fortam barba como frades
 E nem pensam em cortá-la.
 O pobre barbeiro não pode comer
 E assim se senta a lamentar
 Também o pobre moageiro
 Está muito fatigado
 Não ganha quase nada
 Falta água em seu moinho
 Não ganha um tostão
 Depois se ouve lamentar
 Também o camponês
 Todo dia fadiga e cansaço
 Vive de água e fubá de milho
 E a carne com o vinho bom,
 Vai para a boca do patrão.
 Se lamenta também o estanha-panels
 Que tem a mulher bonita
 Por ter a mulher bonita
 Ele estanha os buracos da panela
 Se ele tem o que lhe apraz
 Ele estanha a vontade.

Forém, em um dado momento (1860-1870), esta sociedade do tempo lento e do viver para salvar a alma, chocou-se com o mundo do tempo rápido, do fútil, do desvanecente, do edonismo como regra. Devido a isso, as concepções de mundo não eram algo que se criasse ou se alterasse na velocidade das máquinas. Tanto que a Igreja se fez aceitar pela burguesia como intelectual orgânico conservador do novo regime, o que colaborou para a manutenção de aspectos do antigo a nível da mentalidade. *Ma nei tempi che fú²³* da alta Itália do século XIX em seus meados, temos um camponês com a cabeça plena de valores do decadente medievo, tendo um pé na Itália em vertiginosa ascensão do capitalismo e outro fora dela. Nestas condições é que ele foi compelido a *far l' America*.

²³ Nos tempos que se foram.

RIO GRANDE

Rio Grande, caem as calças,
Ficam as cuecas
Fomos até, fomos até uma festinha
Na qual havia músicos
Se comia só pinhão
Se soltava, se soltava peidos
Fomos a uma festinha
Na qual havia musicos
Se tocava uma gaitinha
Se dançava até amanhecer.

O camponês, que por sua condição era sempre explorado de várias maneiras, foi ainda envolvido numa conjuntura assás desfavorável, e emigrou para um mundo que não conhecia, pensando que este mundo fosse como uma folha em branco, na qual ele traçaria livremente seu destino. Saber quem ele era, principalmente saber como ele pensava o mundo, são nossas questões imediatas, além de detectarmos quais eram as prioridades em sua mentalidade. Cremos que a maior delas era lutar coletivamente pela vida e abundância.

3.7. MANGIARE DA CREPAR

A alimentação dos camponeses era pobre, baseada essencialmente no uso de cereais e hortaliças acrescidos de algum produto derivado do leite e pouco leite. A polenta era muitas vezes a base do almoço e fazia-se acompanhar de batatas, nabos, feijão e repolhos em conserva. O peixe raramente entrava nesta dieta e a bebida típica era a água que se juntava frequentemente uma bebida que era um

misto de água e pouco de vinho que com o tempo azedava...²⁴

Pouca bebida, pouca farinha branca e pouquíssima carne, era o quadro da alimentação do camponês. Coisas como o macarrão e as pizzas, que se tem como alimento típico do imigrado, eram raras até na mesa *dei siori*, pois a farinha branca era rara e cara.

Mesmo em nosso século continuou o embate entre a mentalidade ligada ao Antigo Regime e os novos hábitos.

BOMBARDEIO DE CANHAO

Vitório Emanuel
 Escreveu para a rainha
 Se vieres a Trieste
 Te mando um coche
 Bim, bom, bombardeio de canhão
 As moças de Checo Beco (Francisco José)
 Montam em aeroplanos
 Só para mostrar as pernas
 Ao povo italiano
 Bim e bom, bombardeia o canhão
 Pedro e Paulo se fecharam na cantina
 Eles queriam trepar com as freiras
 E roubar-lhes a farinha
 E bim e bom bombardeia o canhão
 Pedro e Paulo diziam: Porco zio
 Todos trepam
 Queria eu trepar também.*
 Já girei por toda a Itália
 Não encontro mais farinha
 Ela está espalhada
 Nas faces das senhoritas.

Letras como essa falam de um período de crise estrutural, fruto da ruptura do antigo bloco histórico frente a uma nova ordem que avança lépidamente em direção à hegemonia. A crise económica e a farinha nas faces das senhoritas, são dois aspectos do vento norte.

²⁴ GROSSELLI, p. 67.

* Há uma versão com a estrofe abaixo.

A mentalidade do camponês é parte de um processo histórico guiado ao longo de séculos pela aristocracia e clero, tendo ele aspirações que se assemelham às das elites dirigentes como a de possuir terras. Porém, a aspiração do camponês de ter terras não era igual à da aristocracia, clero ou burguesia ascendente. O camponês sonhava com estabilidade e não com riquezas infindáveis, a não ser quando terras significam muita comida. Para a aristocracia a fome voraz da terra significava poder na sociedade das ordens, e para a burguesia um meio de produção excludente do qual extraía mão-de-obra e excedentes para a indústria. Já o camponês, como é posto nas letras, não sonhava em ser rei, mas amante da princesa. Era um mundo fatal, contínuo, onde tudo estava posto previamente.

Para o camponês ter significava despreocupação, que era a sua riqueza, pois será sempre lembrado de qual seria o seu lugar. Fosse pequeno produtor com terra ou meeiro, ele era camponês e a filha do rei seria sempre inacessível, o que não lhe impedia de cobiçá-la. O sonho camponês de *mangiare da crepar* significava ficar livre da opressão dos senhores e revezes da natureza, resumindo-se essencialmente na frase "não tem preocupações".

GIULIETA MINHA

Giulietta minha,
 A mãe te chama que te quer falar
 Ela quer te dar a um jovem sapateiro
 A um jovem sapateiro não
 Porque me faz o dia todo puxar linha
 E este mistér eu não faço não.
 Giulietta minha, a mãe te chama
 Ela quer te falar

Ela quer te dar a um jovem camponês
 A um jovem camponês, mãe minha, não, não
 Porque todo dia me faz trabalhar na enxada
 e esse mistér me cansa; mãe minha, não, não
 Giulietta minha, a mãe te chama
 Ela quer te falar
 Ela quer te dar a um jovem comerciante de café.
 A um comerciante de café, mãe minha, sim, sim
 Porque todo dia me faz café com leite
 E esse mister me apraz, mãe minha, sim, sim.

Darnton, ao escrever sobre a visão de mundo do camponês francês do século XVIII, na qual era louvável o uso da esperteza e artimanhas como arma do desvalido, diz que o camponês partia do princípio de que o mundo é mau e que só o mais vigarista dos vigaristas sobrevive²⁶.

As letras de músicas folclóricas italianas falam de um mundo que é mau num tom de realismo conformista (níveis CIA - ACH), dizendo que os ricos são maus e aos pobres resta o trabalho e a luta contra a fome. Porém, isto é feito de uma forma em que predomina a passividade, não acreditando que através das instituições ou artimanhas pudesse ser alterada a vida do camponês. Talvez a eficiência da ordem eterna e divina das coisas, pregada pela Igreja, tenha sido maior nos vales e montanhas da Itália que em Paris. A esperteza que Darnton diz usar o francês para defender-se do mundo cão não era a regra italiana. Na Itália, o camponês utilizou-se de outra estratégia, que fez da família a sua fortaleza. Nas letras não há predominância de fadas e outros entes que resolvam a sua vida, mas sonhos nas letras de montanhas que se transformam em polenta e rios que se

²⁶ DARNTON, p. 48.

transformam em molho, porém sem um ente mítico que realize o desejo. Isto é o que ocorre na letra seguinte:

SE OS MONTES FOSSEM POLENTA

Se o mar fosse molho
 E o mundo fosse polenta
 O mãe que comilança
 Se as pedras fossem barris
 E os córregos cachaça
 O mãe que bebedeira
 Se os rios fossem leite
 E as encostas recipientes
 O mãe quanto queijo
 Se as plantas fossem ouro
 O mãe ... (intraduzível)
 Se as as encostas fossem brasas
 E espinhos fossem carne
 O mãe que comilança
 Se os fungos fossem tortas
 O mãe quanta sorte
 Se estrume fosse amor
 E alfafa fosse olivas
 O mãe quantos viveres
 Se os sonhos fossem realidade
 E eu pudesse sonhar à vontade
 O mundo eu queria mudar
 Mãe, o mundo eu queria mudar.

Por vias diversas, segundo cada cultura e momento, o camponês sonhava em realizar o desejo de *mangiare da crepar*. Isto ocorria por viverem num mundo em que a fome e a morte são a regra cotidiana, sendo a abundância a exceção. Analisando um conto francês, Darnton fala de Baptiste como personagem central:

Baptiste submete-se a esse exercício de amor fraterno, mas não consegue pegar alimento suficiente para manter sua família viva e então sai pela estrada. Finalmente encontra-se com uma fada bondosa, La Renarde, que o ajuda a decifrar uma série de enigmas que conduzem a um pote de ouro enterrado e à realização do sonho de um camponês - uma casa, campos, pastagens, bosques: "e seus filhos comiam um pedaço de bolo todos os dias"²⁷.

²⁷ DARNTON, p. 48.

O sonho de *mangiare da crepar* é encontrado não só no folclore do camponês italiano, mas também nos de outras regiões da Europa. O que difere são as maneiras, segundo as concepções de mundo que cada povo tem em cada período como consensualmente lícitas ou adequadas, para realizá-lo. Segundo Darnton, para o francês do século XVIII, era adequado ser mais velhaco que os velhacos. Porém, na Itália pré-arranco capitalista, santidade, trabalho, família e honra eram as bases da visão de mundo do camponês. Dentro desta concepção de mundo, o caloteiro é visto como alguém que é marginal, pois a base da vida está na retidão pública que confere dignidades para com a família, a aldeia e a Igreja. Quanto ao calote nos senhores de terras ou no proprietário da cantina, as poucas vezes que aparece nas letras transmite a mensagem de um ato heróico não recomendável por serem os senhores os detentores da repressão.

OS 16 COMPANHEIROS

Somos 16 companheiros
 Estamos todos desesperados
 A hospedaria nós fomos
 Para beber e para comer
 Depois de termos bebido e comido bem
 Bebido até nos estufarmos
 Chegou a hora de pagar
 Ele disse que pagará
 Mas nem o brilho de um vintém
 No bolso ele não tem.
 E o patrão que é esperto
 Pegou-o pela jaqueta
 Prendeu-o num quartinho
 E lhe disse: Pague aqui.
 Fique parado com essas mãos
 Que brincadeiras eu não quero!
 Saque a carteira e pague aqui
 O bravos jovens
 Não fiquem pisando sobre o muro
 Pisem sobre a face
 Da guarda da cidade.

3.8. FAMÍLIA E SOBREVIVÊNCIA

Retornando a SATRIANI, adotando sua metodologia não para colocar o folclore como outra cultura que contesta a hegemônica, mas para avaliar em que medida o senso comum, no qual se enquadra o folclore, absorve os preceitos da elite conferindo-lhes o caráter de consensuais e reforçando a hegemonia desta. Observamos que a maioria das letras classificam-se dentro da aceitação da cultura hegemônica (ACH). São minoria absoluta as letras que se enquadram em (CIR), contestação imediata com rebelião, fazendo uma oposição total e frontal aos valores aristocráticos-clericais. Dentro da pouca contestação, a maioria das letras que o fazem se enquadram em (CIA), ou contestação imediata com aceitação. Pouquíssimas se enquadram como (CIO), ou contestação imediata por oposição, fornecendo o outro do padrão normal. Um tema que nas letras se enquadra em (CIO) e (CIA), é o do ócio como o "outro" do trabalho, da despreocupação normalmente associada ao sonho de *mangiare da crepar*, por ser frequente a necessidade de justificar o ócio frente a sociedade, o que significa aceitação do padrão hegemônico, apesar de contestá-lo. Tal duplicidade dificultou a classificação de alguns temas em (CIA) ou (CIO).

Segundo esta análise, a predominância de (ACH) reflete uma concepção de mundo como se este fosse "imutável". O futuro do pretérito é o tom constante da

constestação, como na frase "Se os sonhos fossem reais, o mundo eu queria mudar". Esta frase somada a outra máxima que diz: "Primeiro trabalhe depois reze", deixa claro que sonhar não é a saída para os problemas do camponês italiano do século XIX, ao mesmo tempo que mostra o caminho consensual da subsistência que é o trabalho conjunto que dá o alimento, se Deus quiser assim.

SATRIANI nos permite avaliar a eficiência da Igreja como intelectual orgânico do Antigo Regime pela análise da proporção de letras (ACH), que são a maioria, indo além da aceitação passiva e reproduzindo os padrões aristocrático-clericais tidos como imutáveis.

Entedemos que nas letras os personagens e seus padrões de comportamento vão além da simples condição de personagens, adquirindo características de personalidade, real e historicamente constituída, na medida em que passam a fazer parte do consenso popular. Nas letras, os revoltosos sempre arcam com o preço da revolta, sendo demitidos do trabalho, perseguidos pela polícia ou pelos donos de cantinas que lesaram. Não há uma fada que os salve da materialidade do cotidiano, além do trabalho familiar e da graça divina aliada ao fazer tradicional dos antigos e sua sabedoria.

O VELHO TRIVELIN

A velha Trivelina
 tem a vista (vida) curta
 Mas ainda assim ela insulta
 O velho Trivelin
 Não, não, assim não vai
 O velho Trivelin está mal
 O velho Trivelin às vezes se enfurece

Ele sobe a ladeira
Para catar amendoas
Não, não, assim não dá
O velho Trivelin adoeceu
E agora não soa mais aquela musiquinha
Pois vai ver Jesus
Não, não, assim não dá
O velho Trivelin se deu mal
A velha Trivelina tem as tetas murchas
Lhe doem as ancas e o buraco do cú.
Não, não, assim não dá
O velho Trivelin se deu mal.

Assim, não importa se um terreno é adequado ou não para determinado tipo de planta, o que importa é que ela é plantada ali há várias gerações. Também não importa se outros modos de trabalhar ou até de investir o pouco dinheiro são mais frutíferos, o que importa é o que é seguro por ter dado certo com os antigos. Assim é, por pesar sobre os ombros do pai-de-família a decisão entre seguir os antigos, garantindo a pouca comida, ou o risco da novidade, que pode significar fome. Não há nesta concepção de mundo características da ideologia liberal, como o risco, sob o discurso de que as oportunidades são iguais para todos. O que há não é o sonho de riqueza, mas o de estabilidade, segurança e despreocupação. Para enfrentar a fome imediata o comonês não podia se dar ao luxo de correr riscos.

A sociedade é dividida, nesta concepção maniqueísta de mundo, entre os ricos e os pobres. Lutava-se para sobreviver aos ricos e aos revezes da natureza que resultam em fome ou morte. Deste modo, o que seria um mau negócio pela lógica capitalista, como vender um bem a preço ínfimo, a um da família ou a um pobre, não é mau negócio nesta lógica, pois se beneficiou a família e se

aumentaram os laços de obrigação de reciprocidade. Se a venda for feita a um pobre não pertencente a família, se beneficiou um filho de Deus, sendo certa a reciprocidade divina. Somente através do trabalho mútuo e da reciprocidade entre os miseráveis, era possível sobreviver aos *siori* e às más colheitas.

3.9. MUDANÇA E SOBREVIVENCIA

A ESTRADA DE FERRO

Agora que temos estrada de ferro
Em meio dia se vem e se vai
Tingue, tanque, tum que, tingue
Agora que temos estrada de ferro
Com boa jornada à cidade se vai
Agora que temos estrada de ferro
Comida na panela não faltará

A lógica camponesa chocou-se com a lógica capitalista, e a via férrea foi um dos veículos deste choque. Num primeiro momento o camponês acreditava que o trem poderia auxiliar a amenizar a fome endêmica, realizando o sonho de *mangiare da crepar*, ao colocar em outros mercados com mais facilidade os produtos do trabalho familiar e facilitando a importação de grãos. Isto alteraria a *tyagostnost*.

O meio mais potente para unificar o território eram as ferrovias. Em 1831 haviam em toda a Itália 2.273 Km. A primeira linha, Napoli a Portici, foi inaugurada em 1839; a segunda, Milano a Monza, em 1840. Mas o maior avanço foi conseguido depois da unidade. Nos quarenta anos que vão da unificação até o final do século, a rede se es-

tendeu a todo território nacional:
6.710 Km em 1871, 9806 em 1886, 13964
em 1891 e 16451 em 1901.²⁰

Porém o sonho de *mangiare da crepar* não foi realizado com o avanço dos trilhos. Ao contrário, o que ocorreu foi um aumento na intensidade da concorrência com países técnica e politicamente mais adiantados, com os quais a fraca agricultura e indústria da Alta Itália não tinha condições de concorrer para custear a quase total dependência da importação de grãos.

Em suma, as ferrovias e o arranco capitalista das décadas de 1860 e 70 entraram em choque com a concepção de mundo camponesa e respectivas práticas cotidianas. O arranco capitalista não atingiu os camponeses apenas no aspecto econômico, mas em sua concepção de mundo, questionando a solidariedade, a reciprocidade e outros tantos valores que lhes eram inquestionáveis. Mesmo o *mangiare da crepar* no novo regime é um anseio inadequado, por visar apenas a satisfação imediata e a estabilidade, não fazendo parte dele a avidez da acumulação capitalista. O "vento norte" veio agravar a situação do camponês que possuía uma mentalidade e práticas cotidianas adequadas à sobrevivência no Antigo Regime mas não adequadas ao novo bloco histórico em construção.

O POBRE CAMPONES

O pobre camponês
Perdeu o chapéu
Só por amor
Tornará a comprá-lo
Tirar o chapéu,

²⁰ ROMANO, p. 40.

Que lindo de se ver
Até que a bela vá ao mar
Ao mar do marinheiro
O pobre camponês
Perdeu a camisa
O pobre camponês
Perdeu o sapato
Perdeu o colete
Perdeu a gravata
Perdeu as calças
Perdeu a namorada.

Entre a lentidão e a velocidade, preso entre a ruptura de um bloco e a ascensão de outro, foi na Igreja como uma das vigas-mestras de sua mentalidade que ele se apoiou para fazer a travessia rumo ao novo que surgia. Num mundo veloz, onde a Igreja aliava-se a quem detinha a hegemonia, não seria com ela que o camponês iria contar em primeiro lugar para subsistir, e sim com a família. Realismo ou pessimismo, não importa; importava é que, maximizando o trabalho familiar e a opressão sobre a família que a sociedade lhe impunha, o pai-de-família tentou atravessar as intempéries provocadas pelo vento norte e sobreviver à miséria no Antigo Regime. Foi através do sobre-trabalho familiar que o pai-de-família desta sociedade buscou garantir um mínimo para cada membro de unidade produtiva familiar e não através de fadas, magos ou velhacarias. A crise dos anos sessenta reafirmou com veemência o lugar de cada um na família camponesa, que se viu frente à opção de urbanizar-se ou emigrar. Para quem sempre buscou o mais seguro para os seus, a cidade era fome certa e a emigração uma melhoria possível, pela qual optou.

3.10. O PAI-DE-FAMILIA E A UNIDADE PRODUTIVA FAMILIAR

Tratamos até aqui do folclore como saber popular a nível do senso comum, e em que medida este reproduz os padrões hegemônicos; da mulher e seu comportamento sexual como base da sociedade camponesa, cabendo a ela a reprodução física e cultural da sociedade, com a ajuda da Igreja e da aldeia; constatamos que a mentalidade camponesa do emigrante reproduz o padrão aristocrático-clerical de honra e santidade, mundaneidade é recato, ocultando-se o edonismo, o epicurismo e a luxúria; falamos do sonho camponês de *mangiare da crepar* frente à fome endêmica, que não está ligado ao desejo de lucro e acumulação capitalista, mas ao de estabilidade e abundância para a família, livrando-o da avareza dos ricos e dos revezes da natureza.

Sobre o pai-de-família pesava o fardo de reger a ordem consensual e o trabalho familiar. A desconfiança do emigrante face a tudo e a todos que não eram conhecidos, deve ser entendida num contexto no qual a família sempre contou consigo para sobreviver, tendo motivos de sobra para ser arredia à interferência externa. Mesmo que estes auxílios parecessem bem intencionados, a história pela qual passaram mostrou que estes sempre acabaram saindo muito caros, como, por exemplo, o auxílio dos cafeicultores de São Paulo para emigrarem. Além do que, a reciprocidade fazia parte de sua mentalidade e de suas

práticas cotidianas de sobrevivência, mas não da nova ordem capitalista.

O camponês não queria ficar devendo obrigação a outros para ter direito ao auxílio, numa sociedade onde reciprocidade era indissociável da sobrevivência.

Na sociedade do tempo lento, não havia clara dissociação entre o material e o espiritual, assim como não havia clara separação entre a autoridade terrestre e a divina. Desse modo uma ofensa, desrespeito ou desonra de um membro da família ao pai-de-família não era desvinculado de um desrespeito a Deus, o que reforçava a autoridade do pai e dos anciões.

A idéia de que não havia oposição entre o natural e o sobrenatural pertencia ao mesmo tempo às crenças populares herdadas do paganismo, e a uma ciência tanto física quanto teológica. (...) Nós só agimos sobre um elemento da natureza quando admitimos que ele é suficientemente isolável. A partir de um certo grau de solidariedade entre os fenômenos, (...) não é possível intervir sem provocar reações em cadeia, sem destruir a ordem do mundo: nenhuma das categorias do cosmo dispõe de uma autonomia suficiente, e nada pode ser feito contra o determinismo universal²⁹.

Na sociedade camponesa da alta Itália pré-industrial, todo valor se dá pública e coletivamente, e o referencial de valor social de cada um se dá enquanto membro desta ou daquela família ou ordem.

²⁹ ARIES, p. 34.

A TEREZINHA

Eu fui a Trieste, meu bem
 E encontrei a Terezinha, meu bem
 Ela fazia um buquê
 Buquê para os soldados
 Para a bela juventude
 Se tu fosses uma rainha, meu bem
 Te faria coroar
 Mas tu és uma camponesa, meu bem
 Vai ao campo trabalhar
 Ao campo eu não vou meu bem
 Porque o sol me faz mal
 Eu vou ao quartinho
 Costurar e bordar
 O que bordas, meu bem
 Lenços e toalhas
 Lenços para a minha bela
 Toalhas para mim

Porém, ter um lugar na família é, antes de tudo, cumprir publicamente os padrões e afazeres pré-estabelecidos da posição que se ocupa na hierarquia, sendo que a imutabilidade do divino está intimamente ligada à "imutabilidade" da ordem social humana. Tudo é correlato, o que afeta a um afeta a todos, não havendo espaço para frases como "eu não me importo", porque tudo importa a todos. Na hierarquia, o poder da aldeia em legitimar a honra de tal casa, soma-se ao padrões da aristocracia e do clero, pesando sobre os ombros do pai-de-família, dos anciões, dos jovens e, principalmente, da mulher jovem, solteira ou casada, para garantir a legitimidade da descendência.

EU TINHA QUINZE ANOS

Eu tinha quinze anos
 Ainda incompletos
 Estava com a mamãe
 E com a velha avó
 E você me abandonou
 Desposando outra mulher
 Adeus, pobrezinha

Fico sozinha
 E eu que me chamava Rita
 E Rita fui traída
 Se no amor fui traída
 Desgraçada, chora a mãe
 Da filha desaventurada
 E maldiz o dia que ela nasceu.³⁰

Abrindo mão de rótulos como machismo e outros, não é o pai-de-família quem oprime a mulher e os filhos, ele apenas cumpria socialmente sua função, seus afazeres, garantindo a reprodução da ordem tanto quanto a *mamma*, ou a *nonna* mãe-de-família. Se, por vezes, as letras têm um tom "machista", colocando a mulher como imbecil, é porque ela não assumiu ainda seu lugar de mãe-de-família, que é o de guardiã da tradição, do consuetudinário, tanto quanto o pai-de-família, constituindo, assim, um perigo à honra da família.

Por isso as letras dão tanto espaço para a mulher, devido à cobrança social e familiar de sua passagem da condição de indômita ao padrão ideal de mulher: a Madona. Dizemos que cabe à mulher reger a família e ao homem dirigir a unidade produtiva familiar, sendo cada componente um aspecto do mesmo grupo social; ficando o pai com o símbolo externo do poder social, e a *mamma* com o governo interno da família. Segundo disse Barzini, "os homens governam o país, as mulheres governam os homens"³¹. Assim, o padrão ideal contido nas letras é o de caber à mulher as questões intrínsecas da família e ao homem as da unidade produtiva familiar.

³⁰ O trecho em negrito tem conotação de desonra pública.

³¹ Ver p. 85.

A criança na sociedade pré-industrial ainda não era objetivada como tal, mas como um adulto pouco hábil, que adquire habilidade no trabalho e na reprodução do consenso, com a convivência entre seus pares de estrato social, sendo que a maior habilidade era o respeito à hierarquia e às tradições.

A BONECA

Outro dia a querida mãezinha
 Prometeu-me uma boneca nova
 A tarde, de um burgo vizinho
 Retornou com a boneca .
 O que bela boneca é a minha
 Quase mais bela do que eu
 Tem um vestido de raios celestes
 O cabelo de seda turqueza
 Parece mesmo a nossa rainha
 Quando passa na carruagem com o rei
 O que bela é a minha boneca
 Quase mais bela do do que eu
 A tarde a embalo
 E a levo ao leito
 Não acorda, não diz nada
 Tão boa dorme sozinha
 Quase, quase mais bela que eu!

Segundo Darnton "todos enfrentavam um trabalho interminável, sem limites, da mais tenra infância até o dia da morte"³². Além disso, neste mundo do interminável trabalho e da escassez, havia uma estreita relação entre o número de braços produtivos com o de bocas para alimentar. Entre estes dois não estava a relação salário, preço lucro, mas um coeficiente de fadiga coletiva em relação à possibilidade de desfrutar em mesmo grau do produto.

...Um filho, muitas vezes significava a diferença entre a pobreza e a indigência. Mesmo quando não sobrecarregava a despensa da família, podia

³² DARNTON, p. 55.

trazer penúria para a a próxima geração, aumentando o número de dependentes, quando a terra dos pais fosse dividida entre seus herdeiros³³.

O pai-de-família camponês, na busca do equilíbrio entre as necessidades da família e sua capacidade produtiva, não via o mundo como controlável, mas como imutável, segundo a vontade divina. Tinha como seu único suporte material de subsistência a capacidade produtiva daqueles a quem ele regia, com os quais trabalhava. Quanto maiores fossem as dificuldades, advindas da natureza ou do sistema de exploração do trabalho, mais trabalho e fadiga coletiva seria necessários para satisfazer as necessidades familiares. Para tal maximização do trabalho coletivo, que servia como arma contra a maximização das dificuldades não controláveis por ele, fazia-se necessário que também fossem maximizados o poder e o controle do pai, da mãe-de-família e dos anciãos sobre o trabalho e moralidade familiar e comunal. Portanto, quanto mais avessa a situação, mais o pai-de-família assemelhava-se a um feitor.

E esta a forma de pensar e agir que os emigrantes italianos trouxeram e viveram na *Mérica*.

³³ DARNTON, p. 44.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de partida de nossa inquietação, e que gerou a presente pesquisa, vem do largo tempo de convivência com imigrantes italianos e seus descendentes, que nos proporcionou uma observação assistemática sobre as diversidades entre aspectos da visão de mundo do imigrante italiano e seus descendentes diretos em relação aos mesmos aspectos na cultura brasileira. Sempre nos impressionou nos imigrantes italianos e descendentes diretos a hierarquia familiar e o senso de dever de cada um dos membros agindo como parte do grupo, além da religiosidade que se alia à educação familiar ensinando a ser mais duro que a dureza da vida, exigindo tenacidade e paciência beneditina, bem como agir como se vivesse para sempre. Sistematizar as observações, pesquisar para obter respostas aos porquês que estas diversidades suscitavam passou a ser nossa meta. Desvelar as concepções de mundo e padrões ideais de comportamento do camponês que emigrou da Alta Itália pré-industrial passou a ser nosso objetivo.

O caminho que encontramos foi a análise dos temas das letras de músicas folclóricas e suas respectivas conotações, pensando-as sendo cantadas em boca camponesa. Para executar esta tarefa nos baseamos em GRAMSCI, so-

mado a uma bibliografia sobre família, campesinato, ética e etiqueta no Antigo Regime e imigração italiana.

GRAMSCI nos forneceu alguns pontos de partida como o do folclore enquanto parte do senso comum que extrai muitos de seus motivos dos estratos hegemônicos, no caso senhores de terra que tinham na Igreja Católica Apostólica Romana o intelectual orgânico do sistema. Nós porém, cremos que a Igreja era mais do que um intelectual subserviente à aristocracia, aos senhores de terras e por isso, enquadrámos as concepções de mundo do camponês como aristocrático-clericais.

A formação da mentalidades ou a conquista do consenso em torno do viver e pensar daqueles estratos que ascendem à condição de hegemônicos não se dá rapidamente, ao contrário, é um processo lento, muito mais lento que as mudanças a nível material. Tanto isto é válido que a burguesia italiana que ascendeu à condição de hegemônica com o arranco capitalista entre as décadas de 1860 e 1880 viu-se obrigada a cooptar a Igreja como intelectual conservador para um novo regime que se arvorava liberal. A Itália unificada foi fruto da habilidade política de homens como Cavour em unir antagonismos sem grandes choques que ameaçassem a ainda frágil unidade política, e de homens como Garibaldi, que empunharam as armas. Ela é fruto de intelectuais e de exército no arranco que o capitalismo na Europa exigiu da débil burguesia italiana da época.

Mas estamos tratando de concepções de mundo do emigrante italiano do século XIX, e o ano de 1870 é fundamental, pois é um marco do novo bloco histórico com a conquista de Roma e também da emigração que se acelera a partir de então. Aquele que emigrou ainda era parte, a nível de concepção de mundo, de um período que antecede este marco, ele é parte do bloco histórico anterior ao que se consolida em 1870. Isto se percebe pelo padrão ideal de mulher que ele deseja, padrão que também lhe cabe como vemos na seguinte letra:

QUEREM QUE EU ME CASE

Querem que eu me case
 Não, não, não, pensei nisto
 Para ser comandado
 Tenho tempo para esperar
 Casar não caso
 Tenho o sangue que ferve
 Quer dizer que esposa
 A desejaria também eu
 Se eu a encontro pequena, pequena, pequenina
 Ela varre a cozinha e outra coisa não faz
 Se a encontro grande, grande, grandona
 Desejará fazer-se de patroa
 E eu terei que ficar num canto
 Se eu a encontro grande, cumprida e pobretona
 Ela se senta na poltona e não faz mais nada
 Se a encontro preguiçosa
 Preguiçosa e vagabunda
 Ela se senta na poltrona
 E não faz mais nada
 Se eu a encontro rica, rica, ricaça
 Ela vestirá calças e comandará a mim
 Se a encontro pobre, pobrezinha
 Necessitarei de uma mina
 Para dar-lhe de comer
 Se a encontro gorda, gorda, gordona
 Ela me ocupa toda a cama
 O colchão é estreito
 Nele em dois não se fica
 Se eu a encontrar gorda, o colchão é estreito
 Terei que arrumar mais um pedaço
 Para poder ficar em dois
 Se eu a encontrar uma magra, magérrima
 Todos a chamarão de arenque
 E eu vou ter que gastar para fazê-la engordar
 Se eu a encontrar feia, a terei para sempre

Quando vier perto de mim, ela me fará espavento
 Se encontrar uma bela,
 Terei sempre gente em casa
 E eu necessitarei calar e deixa-la divertir-se
 Se eu a encontrar bela, belíssima
 Terei sempre gente em casa
 E eu terei que calar-me
 E passar por rufião
 Não, não, não me caso não
 Porque sou um pouco ciumento
 Não servirei para esposo
 Nenhuma desposarei
 A história acabou
 Colocaremos um prego
 Cada um a quer a seu modo
 Assim também a quero eu.

Na concepção de mundo deste camponês temos por base os padrões de honra pública, legitimidade da linhagem e o respeito à hierarquia, comuns à aristocracia e ao clero. Os padrões de santidade e eternidade pertencentes ao clero tinham como contraponto o de mundaneidade aristocrática, o qual possibilitava a não-contestação frontal (CIR).

A linhagem que para o nobre estava diretamente ligada à hierarquia e alianças políticas que garantiam a prosperidade da casa, estava para o camponês ligada à organização da família enquanto unidade produtiva familiar e conseqüente obtenção da subsistência cotidiana.

Assim como para o nobre o casamento era um ato político e econômico em primeira instância por necessitar de alianças, ficando o sentimental num segundo plano, o casamento para o camponês significava a aliança a uma família honrada frente a aldeia e além possuir mulher e filhos para co-dividir seus afazeres. A honra se dava com o reconhecimento público da

legitimidade da linhagem e da capacidade de reproduzir o comportamento o estabelecido pelo consenso. Isto valia tanto para o sior de terras como para o camponês, pois a honra pública era o outro lado da medalha da autoridade conferida pelo nascimento.

Os componentes deste mundo, no qual o material e o sobrenatural não estavam separados, sabiam que o respeito à hierarquia significava a sobrevivência cotidiana do grupo social a que pertenciam e que ele só sobreviveria se o grupo sobrevivesse. Como estes padrões eram parte de um consenso popular levado por séculos pela Igreja e aristocracia, o que contava era o reconhecimento público de seu cumprimento. De certo modo a família, a linhagem e a honra, padrões fundamentais do regime aristocrático-clerical, forneceram um rumo prático cotidiano à população diferente da defesa de um consenso nacional, nesta sociedade politicamente fragmentada, substituindo-o pelo da honra familiar e da aldeia. Assim, a aldeia desempenhava proporcionalmente as funções de um Estado forte.

A questão da mulher e seu predominate aparecimento como tema nas letras de músicas, sempre ligada à família e posta como imbecil, como animal não domado enquanto jovem, dá-se por dois motivos: o primeiro por que era a mulher jovem, solteira ou casada capaz de provocar escândalos sexuais publicamente reconhecidos, ameaçando a autoridade do pai-de-família e, portanto, a própria subsistência material da família e a sobrevivência do sistema; o segundo, vinculado ao primeiro, era a legiti-

midade da linhagem como uma das bases da hierarquia. A mulher normalmente só adquiria o status de matriarca no período próximo da menopausa, quando diminuía possibilidade dela causar escândalo, estando então habilitada a passar de reprimida a reprodutora da repressão. Até adquirir tal status, ela é uma ameaça à ordem material e sobrenatural e, portanto, para este camponês, ela é mula não domada.

CHEGOU A HORA DE PARTIR

Chegou a hora de partir
 Sobre a minha barca, se quereis vir
 Nós iremos ao alto mar
 Lá acenderemos um belo fogo
 Alguma coisa nós cozinharemos
 A moda do barqueiro
 Barqueiro leve-me embora
 Quero contar para a minha mãe
 Quero contar-lhe a desonra.
 Eu fiz quatro passos
 E encontrei uma velhinha
 Que disse: Oi minha pequenina
 Como vai a tua honra?
 Eu fiz quatro na sala e três na cozinha
 Só para escrever uma cartinha
 Com o sangue do meu coração.

Em uma palavra, é sobre o comportamento sexual da mulher, em última instância, que pesa a ordem deste mundo; tanto que as leis italianas até há bem pouco tempo condenavam o adultério feminino, mas não o masculino.

Quanto ao padrão clerical de comportamento, que se funde ao aristocrático no consenso popular, temos como principal o de santidade da Sagrada Família de Cristo. A mulher deve ser a casta serva de Deus, o qual é identificado com o padre, e personificado na figura do marido e na voz da aldeia. Mesmo a autoridade do marido

é dependente da aprovação ou vergonha pública ditada pela aldeia e anciãos. A santidade está diretamente ligada à humildade, à obediência, ao serviço, aos afazeres determinados a cada um pela ordem cronológica de nascimento, à paciência beneditina que resulta na recompensa ou castigo imediato e posterior, os quais não são postos como dois tempos não distintos plenamente.

Aquele que rompe os padrões aristocrático-clerical, de modo publicamente reconhecido, afeta a ambas as ordens que não estão dissociadas: a material e a espiritual. Assim, é impossível se cometer um pecado, sem afetar a ordem material, na qual tudo depende da aprovação do padre e aldeia; bem como é impossível arranhar a ordem material, posta como designio divino, sem afetar o sobrenatural. Não estamos tratando de uma mentalidade fragmentada, no sentido da separação entre o material e o imaterial na qual o lugar de Deus é no templo, o lugar do trabalho é na fábrica e o da família é em casa.

Na concepção de mundo do camponês da Alta Itália pré-capitalista, trabalho e honra, Deus e hierarquia, vida e morte, não estavam separados mas eram interdependentes no cotidiano. Mesmo a hierarquia não se constituía no governante distante, não era fragmentada e dissimulada como hoje, pois ela era o padre, a aldeia, os anciãos, os senhores de terras e o monarca de um minúsculo reino que não era mais que um grande sior. A moral, a autoridade e a hierarquia estavam próximas e eram identificáveis com este ou aquele, dando-se publicamente no cotidiano do qual extraíam sua dignidade para serem

respeitadas como tais.

Nesta sociedade, enquanto a mulher devia sair do estado de jovem imbecil e adquirir públicamente sua dignidade de matriarca, o homem devia provar públicamente sua dignidade como trabalhador e como pai-de-família enérgico, viril e, ao mesmo tempo, fiel da balança dos preceitos morais. Enquanto os padrões aristocrático-clericais estipulavam para a mulher apenas o padrão de recato, estipulavam que o homem deve provar ser ao mesmo tempo viril e santo para poder conquistar públicamente a dignidade de substituir o pai-de-família, ou mesmo para constituir a família da qual necessitava para sobreviver.

Assim, ser pai-de-família não significava apenas uma honra ou superioridade social, mas um duplo encargo para o camponês, constituído pelo seu trabalho e pela responsabilidade de deliberar dentro do que a sociedade lhe permitia sobre a *tyagostnost*. Aqui derrubamos o rótulo de machismo como explicador banal de tudo, pois esta sociedade aristocrático-clerical oprimia indistintamente homem e mulher. Mostrar-se casta, para a mulher, equivalia ao homem parecer publicamente viril e santo. O trabalho realizado em casa pela mulher, além do sobre-trabalho no campo, tinha como contra-partida o trabalho do homem fora da unidade produtiva familiar e na guerra. Caso o homem não conseguisse provar ser ao mesmo tempo viril, santo, trabalhador honrado e enérgico no comando, mesmo sendo primogênito, poderia ser substituído pelo irmão mais novo, pelo cunhado ou até pela irmã na gestão

da unidade produtiva familiar. Evidentemente, desde que algum destes provasse ser mais apto para garantir a reprodução dos costumes, a organização do trabalho e a avaliação a validade da fadiga coletiva ou tyagostnost. Assim, uma jovem que tivesse as bênçãos dos anciãos conceituados poderia dar lição de moral até nos anciãos, bem como poderia substituir aquele que, por direito de nascimento, seria o pai-de-família. Ou seja, do mesmo modo que pesava sobre todos o dever de participar da reprodução dos costumes e da fadiga coletiva, também pesava o "direito" de ascender publicamente nas dignidades, mas sempre dentro do mesmo grupo social. Lembramos que não se trata de uma sociedade que valorizava o **ter** mas sim o **ser publicamente**, pois o que se é publicamente conferia o possuir.

Um aspecto importante era o papel dos pais e mães-de-família, especialmente os anciãos, formando um "conselho da aldeia". Estes, que hoje seriam chamados de intrometidos nos assuntos pessoais e familiares alheios, nesta sociedade e nesta concepção de mundo tinham outro papel. Não era a sociedade do "eu não me importo", por tudo importar a todos e pela ordem e padrões coletivos importar na sobrevivência de cada um enquanto parte de uma família, aldeia ou ordem, os "intrometidos" eram guardiães da sobrevivência, do consenso e da hierarquia, dos quais dependia o pão.

No viver saturado de Deus e do mundo, no qual o material e o sobrenatural eram duas faces de uma mesma moeda, era impossível romper com uma das ordens sem cau-

sar uma reação em cadeia. Tal ruptura abalaria o ordenamento familiar, a organização do trabalho e a relação com as hierarquias terrestres, que eram tidas como um degrau da celeste, porque se era parte indissociável de tudo. O "intrrometido" não era igual à "Dona Maricota" de hoje, metendo-se na vida privada de alguém; mas era parte da aldeia, protegendo a ordem "natural-divina" das coisas de um rompimento que, se efetuado, ameaçaria a todos nos planos material e sobrenatural.

No entanto, não há sistema social sem contradições, e disto não escapa o pensar de nosso camponês, que o coloca como honrado fidalgo santo e miserável, igual apenas aos seus pares. A primeira contradição que evidenciamos é a aspiração de viver nobremente, apesar da pobreza. Mas sem despreocupação financeira, não há doce vida, apenas trabalho e sonhos de montanhas que se transformam em polenta ou rios de degelo que se transformem em molho. A doce vida e a despreocupação são características exclusivas da nobreza. Poderíamos dizer que, enquanto para a aristocracia "a nobreza obriga", para o camponês "a obrigação enobrece".

A segunda contradição é que tal modo de pensar o mundo e a vida arraigou-se durante séculos no pensar deste camponês, não só pela habilidade pedagógica da Igreja, mas porque a sociedade aristocrática lhe reservava um lugar, um mau lugar, que não lhe dava outras opções práticas para subsistir, além de que a mundaneidade aristocrática era complemento às avessas do padrão clerical, permitindo a hipocrisia pública. O espaço in-

dividual e privado burgues não se adaptava ao padrão clerical porque a individualidade burguesa não admitia conveniência da onipresença de Deus. A diferença estava em que antes da ascensão burguesa, Igreja e aristocracia formavam um belo par, sendo que o padrão aristocrático permitia fugas ao excessivo rigor dos padrões clericais, como no caso das letras que falam do fazer amor no campo. Isto já não ocorria com a ascensão burguesa, na qual a onipresença divina era um inconveniente a nível de mentalidade. A burguesia, também por este motivo, buscou formar e cooptar intelectuais leigos. Ao estudarmos este camponês justamente no período de ruptura de seu universo, entendemos que foi justamente a falta de opções de sobrevivência na sociedade estamental que o obrigou a fazer da hierarquia da aristocracia e da moral do clero implantada rigidamente na família a sua única opção para subsistir.

A terceira contradição é a da família unida sob a tutela dos anciãos, padre e aldeia, opondo-se a ela o sonho de *mangiare da crepar* somado à ausência de preocupações, porque era justamente a sua misera condição que fazia a família deste camponês ser *La grande famiglia*, por ser ela o baluarte de sua subsistência com a *tyagostnost*. Relembremos que fazer parte desta *famiglia contadina* é, antes de tudo, ter um lugar correspondente a funções pré-determinadas, é tomar parte da *tyagostnost* enquanto um coeficiente de valor da fadiga coletiva para se obter algo, em relação à possibilidade de desfrutá-lo, proporcionalmente ao esforço dispendido.

La famiglia como arquétipo da família italiana no Brasil atual, não era, quando camponesa do século passado na Itália, unida por amor ou italianidade. Não, não era assim, pois quem unia era a miséria que exigia rígida moralidade pública de todos os membros da família para que o pai e o *sior* pudessem controlar os miseráveis com longas jornadas de trabalho em várias atividades. Ou seja: havia nesta família camponesa uma necessidade imperiosa de sobre-trabalho coletivo para se obter um baixíssimo retorno.

A todas estas contradições, que no Antigo Regime faziam uma síntese na vida deste camponês, somou-se o choque do vento norte. A disputa entre os grandes somava desgraça aos pequenos. O novo sistema que surgia não tinha mais o olho divino onipresente e sim o panóptico com o olho humano. Não havia mais lugar para *La famiglia*, pois cada um é obrigado de vender individualmente seu trabalho, ao contrário do que ocorria na produção coletiva familiar de subsistência. Não havia mais a ética cristã como regra de vida, mesmo que hipócrita, como base da mentalidade coletiva, e sim o acumular e o consumir. O possuir passou a significar não apenas despreocupação, mas sim a posse dos bens de produção, a qual deve se elevar à enésima potência; ou seja, a religião deixou de ser a filosofia orgânica no regime capitalista.

Por fim, lembramos que tudo que foi exposto nesta dissertação resgata parcialmente um padrão ideal de conceber o viver na Alta Itália da grande emigração, o qual

foi extraído da análise das letras de músicas folclóricas italianas e da bibliografia utilizada. Na observação assistemática de famílias de imigrados, deparamo-nos com o diverso, em relação ao modo de vida hegemônico no Brasil atual, que gerou a pesquisa. O grau em que os camponeses italianos e os imigrados ainda se identificam com o padrão aristocrático-clerical só será revelado com pesquisas em várias colônias receptoras e em lugares da Itália, as quais devem levar em conta as especificidades de cada local receptor, grupo, leva emigrante, geração e região de origem dos emigrantes.

Nos contentamos, por enquanto, em colaborar com a historiografia paranaense, resgatando os principais aspectos do pensar e agir daquele que imigrou, esperando que tal contribuição nos ajude a compreender a diversidade cultural do Brasil.

ANEXO I

TRADUÇÃO DE LETRAS DE MUSICAS FOLCLORICAS EXTRAIDAS DE ASSIM
VIVEM OS ITALIANOS E TAMBEM COLETADAS ENTRE EMIGRADOS E SEUS
DESCENDENTES, DISCOS E FITAS ITALIANOS, ETC...

DEIXO A MULHER COM QUATRO FILHOS

Deixo a mulher com quatro filhos
E lhe digo: mulher, cuide deles
Que eu parto e vou a guerra.
Se me matarem não os verei mais
Ao chegar lá em San Michele
Um contrataque o inimigo nos fez
Dar-lhes combate, baionta no cano
Em direção ao matadouro se vai.
Fui ferido com uma bala no peito
Amigos, companheiros, os vejo partir
E eu, por terra fui obrigado a cair.
E o inimigo, o vejo aproximar-se
Quieto, quieto, austriaco velhaco,
Tu não vês que estou para morrer?
Mas o austriaco, com o coração mais vil
com seu punhal o fez morrer
Quando o filho chamava a mãe:
Cara mamãe, onde está meu papai?
O teu papai partiu para a guerra
E os austriacos o mataram
Quando passo vestida de negro
O seu retrato, o tenho sempre comigo.
Todo de pranto o deixo banhado
E com quentes beijos o quero cobrir.
Quando soam a Ave-Maria,
Me vem de chorar e suspirar
Por ouvir estas pobres crianças que dizem:
Mamãe, o papai onde está?
O teu papai está longe.
Lá no deserto inocente morreu
O mataram e o dilaceraram
E ninguém pode salvá-lo

PINHOTA

Pinhota, bela Pinhota
 Que vai ao baile para bailar
 Quando estava no meio do baile
 A Pinhota se sentiu mal
 Rápido chamem um médico
 Ela sentiu uma pontada no coração
 E não pode respirar
 O doutor lhe receitou
 Um juvenzinho para fazer amor

O PASSARINHO

Aquele passarinho sobre o ramo
 Chama a mãe lá, ri, le, lá
 Para amá-lo
 Diga-me então lurinha como vai
 Aquele passarinho sobre a janela
 Ele faz festa
 Aquele passarinho na sala
 Ele canta e baila
 Aquele passarinho sobre o forno
 Ele canta em torno
 Aquele passarinho sobre o carrinho de mão
 Ele canta e voa
 Aquele passarinho sobre a planta
 Restá lá cantar

CIAO MORENINHA BELA, CIAO

Ciao, ciao, ciao moreninha bela, ciao
 Que antes de partir um beijo quero te dar
 Um beijo a minha mãe e dois ao meu pai
 Quinhentos beijos para a minha bela
 E depois me tornarei soldado
 Depois serei soldado, vestido de bersaglier
 Te mandarei um retrato
 Vestido de bersaglier
 Um retrato muito escuro
 Moreninha esteja segura
 Que no meu retorno te esposarei
 A vida do soldado, é uma vida santa
 Ele come, bebe e canta
 Ele come bebe e canta
 E preocupações não tem

TRAGA AQUI UM LITRO DE VINHO

Traga aqui um litro de vinho
Que esta tarde quero divertir-me
Enquanto não estamos casados
Divertir-me um pouco neste mundo
Divertir-me quanto eu quiser
E depois quando estivermos mortos
Ouviremos as trombetas soarem
Escuta, escuta as trombetas que soam
A minha bela chorará
Chore, core tuas paixões,
Alguém te consolará

RIO GRANDE

O Rio Grande, caem as calças,
Ficam as cuecas
Fomos até, fomos até uma festinha
Na qual havia músicos
Se comia se pinhão
Se soltava, se soltava peidos
Fomos a uma festinha
Na qual havia músicos
Se tocava uma gaitinha
Se dançava até amanhecer

ADEUS

Adeus, adeus, retornaremos a vós
Retornaremos a nos ver um dia
Deixar os nossos queridos
Pena inexpressável
Um dia nos veremos. Adeus.
Partiremos para mares desconhecidos
O amor dos que nos são caros
Longe nos guiará um dia
Se o Céu conceder que voltemos
Nos guiará ao retorno
Adeus! Já está esticada a vela mestra
Ao olhar já se some
O solo e o céu nativo
Angústia inexpressável
Tornaremos a nos ver um dia

CANÇÃO DO VINHO

Bebam, bebam companheiros
Se não vos espancarei!
Não me espanque compadre
Que agora beberei
Enquanto o companheiro bebe
Nós cantaremos
Eu o bebi todo e não me fez mal
A água faz mal e o vinho faz cantar
Esta é a regra que seguem os itálicos
Elevam os cálice, esvaziam os copos
O suco do gargalo
Tem a cor da crista
Quem tem o copo na mão
Ao seu companheiro empresta

A JUVENTUDE

Bendito seja sempre
O vigor da juventude
Viva, viva a alegria
E o júbilo do coração
Da vida em abril
Não pensar em tristezas e prantos
Na idade da alegria e do canto
Não se fale, não se fale de dores e tristezas
Viva, viva a alegria e o júbilo do coração
Como é bela a juventude
Se a guia o amor e a fé
A esperança a precede
No caminho salpicado de flores
O coração indo ao encontro do porvir
Que para ela se abre sorrindo
Alegre é o coração, alegre é a mente
Na idade, na idade do vigor
Sempre alegre é a juventude
Abençoada pelo Senhor
Sempre alegre é a juventude
Bendita pelo Senhor.

LA EM MEIO AO MAR

Lá em meio ao mar tem uma nave
 Que sem vento não pode movimentar-se .
 No meio do mar tem uma coluna
 E a Madona do marinheiro
 No meio do mar tem um sapato
 E o barquinho do marinheiro
 Polenta dura, rataplan
 Queijo da Holanda, rataplan
 São os víveres do marinheiro
 Em meio ao mar tem um cantil
 E a cachaça do marinheiro
 Em meio ao mar tem um garrafão
 E o bom vinho do marinheiro
 Em meio ao mar há três irmãs
 Uma delas quero desposar
 Não é a primeira, nem a segunda
 A de cabelos louros e encaracolados quero desposar
 Lá no meio do mar tem uma pedra
 E um grande estrorvo para o marinheiro
 No meio do mar estão as estrelas
 São as irmãs do marinheiro
 Em meio ao mar há um cantil
 Que bela expressão na face do marinheiro
 Em meio ao mar tem uma florzinha
 Sem moreno não se pode ficar
 Em meio ao mar há um campo de rosas
 Sem a namorada não se pode ficar
 Em meio ao mar tem um pouco de folhas
 Sem a mulher não se pode ficar
 Em meio ao mar há um prado de ervas
 Sem a serva não se pode ficar, rataplan
 Em meio ao ma há uma bela rocha
 Serve de regaço ao marinheiro

AO MAR

A sombra de um castelo
 Que se eleva em meio ao mar
 Nós iremos sobre uma nave
 Sobre as ondas navegar
 Ao mar corramos companheiros
 Ao mar devemos ir
 Da lua no esplendor
 Saltitando o peixe vai
 Se o descobre o pescador
 Que presa dele faz
 E a Virgem do céu
 A minha estrela em meio ao mar
 Estende a cada momento o manto e o véu
 A seu fiel marinheiro

GIOANIN ESTÁ LÁ A DORMIR

Gioanin está lá a dormir
 Eu fui embalar o berço
 Mas esta é a sorte
 Que tem as mulheres que se casam
 E com o zigo-zago
 Saltou fora o mago com o cachimbo na boca
 Carapuça vermelha
 Tu me faz morrer de paixão
 De paixão me sinto morrer
 Eis que ele chega agora
 Ele tem calças com listras
 Se encontrá-lo direi que fique em casa
 Ele tem sobre a cabeça um chapéu de palha
 Ele tem a aparência de um taraidor
 Ele vem meio bêbado
 Para buscar a namorada
 Ele tem a cara de raposa
 Que espaventa até aos asnos

GRANDE DEUS DO CEU

Grande Deus do céu
 Se eu fosse uma andorinha
 Voaria, voaria
 Para os braços da minha bela
 Pegue o balde
 E vá até a fonte
 Lá está o teu amor
 Que na fonte espera
 Pegue a mochila
 E lance-a por terra
 Queremos a paz, queremos a paz
 Queremos a paz e não,
 Nunca mais a guerra
 Olhe a lua como ela caminha
 Vais sobre os montes,
 Sobre os lagos e a marinha
 Ela passa em frente a minha bela
 Eu queria que dissesses
 O que achas bonito aqui em baixo.
 Que sempre olhas lá do céu
 O lua bela
 Leve para minha mãe um beijo
 E aos meus irmãos uma saudação
 E um abraço
 Queridos irmãos
 Para todos desponta a hora
 Somos todos caros ao Nosso Senhor.

A MAE DA GIULIETA

A mãe da Julieta
Está junto às ondas
A mãe pega água
Com olhos brancos e negros
A mãe pega água na fonte
Levante e desça moageiro
Que já é dia
Estou aqui desde ontem a tarde
Com os olhos brancos e negros
Estou aqui para moer
Enquanto a pedra girava em torno
As mãos sobre peito, com olhos brancos e negros
As mãos sobre o peito lhe colocava...
Te quiete, moageiro, com estas mãos
Que tenho seir irmãos
Com olhos brancos e negros
Que te massacrarão
Não tenho medo de seis,
Muito menos de sete
Fois tenho uma pistola bem carregada
Com cinco balas de ouro
E a disparo contra ti
Com os olhos brancos e negros
A disparo conta ti, meu belo tesouro.

O VELHO TRIVELIN

A velha Trivelina
Tem a vista curta (ou a vida -probl. no original)
Mas ainda assim ela insulta
O velho Trivelin
Não, não, assim não vai
O velho Trivelin está mal
O velho Trivelin às vezes se enfurece
Ele sobe a ladeira
Catar amendoas
Não, não, assim não dá
O velho Trivelin adoeceu
E agora não soa mais aquela musiquinha
Fois vai ver Jesus
Não, não, assim não dá
O velho Trivelin se deu mal
A velha Trivelina tem as tetas muchas
Lhe doem as ancas e o buraco do cú
Não, não, assim não dá
O velho trivelin se deu mal

MEU COMPADRE GIACOMETO

Meu compadre Giacometo
Ele tinha um belo frango
Quando ele canta abre o bico
De maneira encantadora

Comadre, comadrinha
Tenha em casa o seu galo
Que fica sempre aqui comigo
A bicar o meu marido.
O meu galo tem asas
Pode voar daqui e de lá
Sob a cama ela se abaixou
Um belo dia a patroa
Para fazer festa aos convidados
Ela esticou o pescoço do galo
E o pôs para cozer
Saltou fora o gavião
E roubou um belo galeto
O compadre Giacometo
Ficou desesperado
E as galinhas todas loucas
Pela perda do galo
Ele deixou roto o galinheiro
Da raiva que ele tem
Benditas as galinhas
Que não tem ciume
Com um só galo como companhia
Que o soltam a pastar
Ao anoitecer ao leito tarda ir
Ao amanhecer levanta cedo
Arruma a cama e sai fora
E as coisas lhes parecem boas
Benditos os colonos
Que trabalham como mulas
A anoitecer sempre exaustos
De tanto trabalhar
Mas quando é dia de domingo
Eles comem belos galetos
E sempre estão contentes
Com um gole de vinho bom

E COM O APITO DO VAPOR

E com o apito do vapor
E a partida do meu amor
Quem sabe quando retornará
Que pena, ó que dor
Quem sabe quando voltará
Voltará nesta primavera
Com a espada ensanguentada
Mas, se me encontrar já casada
Ói que pena! Ói que dor
Triste vida fazer amor
Ficarei porém sem comer
Mas o amor quero fazer
Quero fazer-me freira
Porque no amor não tenho sorte
Quero pegar um rosário
Para meu amor quero rezar
Quero rezar pela manhã e pela noite
Até que retorne a primavera
Mas meu bem não retorna mais
Na idade de quinze anos

Foram cortados os meus cabelos!
 Eram longos eram belos
 Tiraram-me a beleza
 Com a idade de dezesseis anos
 Tive um menino
 Era louro encaracolado,
 Desafortunado sem pai

A MILANESA

Que belos sapatinhos tem a milanesa
 Belos sim, feios não
 Sapatinhos são belos, milanesa não
 Que belo vestido tem a milanesa
 ...olhinhos, cabelos, face, orelhas.

SOBRE A COLINA

Sobre a colina ,
 Na qual se eleva o sol
 Há três belas jovens
 Todas as três amáveis
 Uma delas, a mais bela
 Começa a navegar
 Navegou tanto
 Que lhe caiu o anel
 Ele caiu no mar
 E ninguém pode encontrá-lo

DI DE CASA

Oi de casa, senhor patrão
 Que os céus vos dê
 Paz e santidade
 Que vos conceda
 Um ano feliz
 Pleno de alegria
 De prosperidade
 Brindemos em honra
 Em honra a Maria
 Em hora ao Menino
 Um copo de vinho
 Faz cantar docemente.

VOA POMBINHA (Composta por NILLA PIZZI, caiu em domínio público)

Deus do céu, se eu fosse uma pomba
 Iria voar lá em baixo onde está meu amor
 Ajoelhada em San Giusto
 Reza com a alma sincera (com fervor)
 Faça que o meu amor retorne, retorne rápido
 Voa pombinha branca voa
 Diga-lhe por mim que retornarei

Diga que não ficará mais só
E que nunca mais a deixarei
Fomos felizes unidos e estamos divididos
Nos sorria o sol o céu e o mar
Nós deixávamos o campo contentes do nosso trabalho
E o campanário din-don nos fazia coro
Todas as tardes vou dormir triste
Em meus sonhos choro e invoco a ti
Forém o meu velho te sonha,
Pensa nas penas sofridas
Chora e esconde a face entre as cobertas

A NINETA NA JANELA

Oi Nineta na janela
Ela se sente mal
Mas levem-na ao hospital
Deste mal sarará.
Ao hospital a levaram
Seu pai foi visitá-la
Oi nineta como vai?
Oi papai, vou mal
Mande dizer ao meu namorado
Que venha ao meu encontro
E que antes de morrer
Gostaria de falar com ele
Ele foi encontra-la
Colocou-se aos pés do leito
E com um branco lençinho
Ele começa a suspirar
E se hoje te abandono
Não chore mais meu belo louro
Até nos vermos no outro mundo
Lá te espero no céu um dia
Se você morrer esta noite
Te faremos embalsamar
Com quatro tochas acesas
E uma banda militar
Nineta se você morrer
Farei te dizer missa
De um lado os músicos
De outro os militares
Se você morrer Nineta
Mandaremos fazer para ti os ofícios
Com quarenta soadores
E quatro velas acesas
Quando te vejo passar
Com uma alta e baixa cruz
Com o padre murmurando
Ele canta o miserere

MARIDO MEU

Marido meu estou aqui
Ao lado do leito toda gelada
Esposinha querida,

Quantos fusos você já fiou? (fuso=pênis)
 Fiei um
 Esposinha querida, não apurriñhe (incomode)
 Que ainda não é ora de você dormir comigo
 Fiei dois
 Ainda não é hora
 Fiei três
 Ainda não é hora
 Fiei quatro, cinco seis.
 Fiei sete
 Cara esposinha venha dormir comigo

VIVA NOÉ

Viva Noé, o grande patriarca
 Salvou a arca, sabeis por que?
 Porque foi o autor do doce licor
 Que alegre nos faz.
 Bebiam nossos pais? Sim
 Bebiam nossas mães? Sim
 E nós que filhos somos, bebamos, bebamos
 Bebe teu pai? Sim
 Bebe a tua mãe? Sim
 Do branco e moscatel
 Do tinto e do marzemim
 Se tivesse um barril, queríamos ver seu fim
 Bebe teu irmão? Sim
 Bebe a tua irmã? Sim
 Do branco e moscatel
 Do tinto e do marzemim
 Se houvesse um barril queríamos ver seu fim
 A saúde de nossos pais
 Façamos brinde; à amizade
 E nós que somos jovens e temos para gastar
 Deixamos os débitos para o final do ano

O CAÇADOR DO BOSQUE

O caçador do bosque
 Encontrou uma camponesa
 Era graciosa e bela
 Graciosa e bela
 Que o caçador se enamorou
 Ele a toma pela mão
 E a conduz a sentar-se
 Pelo gosto e pelo prazer
 A bela mocinha adormeceu
 Enquanto ela dormia
 O caçador vigiava
 E pedia aos passarinhos
 Que não cantassem
 Para que a bela pudesse dormir
 Quando a bela se acordou
 Ela voltou os olhos ao céu
 "Coração cruel que me enganou"
 Bela eu não te trai

Eu sou filho de um grande senhor (de terras)
E juro, te desposarei
Tu não és senhor, muito menos grande senhor
Você é aquele traidor, aquele caçador que
Também no sono me fez trair
E se papai não quiser que eu despose um caçador?
Fugiremos para bem longe
Até que nos casemos.

NÃO TENHO A CHAVE DO PORTÃO

Não tenho a chave do portão
Para abrir a casa
Bebamos então mais um litro
Daquele bom
Depois, iremos para casa

O PASSARINHO DO BOSQUE

Aquele passarinho do bosque
Pelo campo ele voa
Aquele passarinho do bosque
Pelo campo ele voa.
Para onde ele voou?
Voou para minha janela
O que ele portou
Uma cartinha "lacrada"
O que é que ela diz
Quero casar-me contigo
Eu me casei ontem
E já estou arrependida
Casei-me com um velho feio
Ele é cheio de ciúmes
Se ainda fosse solteira
Não me casaria
Viva a liberdade
E quem a sabe gozar.
Quem não sabe gozar
Sofrerá noite e dia

PEDREIROS

Esta manhã bem cedo
Se ouviu assoviar
São os pedreiros
Que vão ao trabalho
Todos os pedreiros
São enganadores
Iludiram a loura
Com um beijo de amor
Jovem eu sou
Desejos tenho três:
O primeiro a namorada
A xícara de café
Quero presentear a amada minha

Que sábado partirá
 Quero te ver morta
 Sobre a folha de um limão
 Para não te ver mais
 Morrer de paixão.

ELA CORTA SEUS LOUROS CABELOS

Ela corta seus longos cabelos
 Ela se veste de militar
 Ela sobe no aeroplano
 Lá sobre o Piáve se vai
 Quando foi para além do Piáve
 Um tenente ela encontrou
 Mas sois uma donzela
 Travestida de militar
 Sou um pobre conscrito
 Pelo governo fui requisitado
 Deixei mamãe e papai
 Por causa daqueles míseros inimigos
 Ao front não quero ir
 Deixei mamãe ao portão
 E o papai deixei no balcão
 Estavam a ver sua filha
 Quando entrei no grande batalhão
 Virgenzinha eu era antes
 Virgenzinha sou ainda
 Fazem três anos que estou na guerra
 Sempre junto ao meu primeiro amor

FAZEM TRES MESES QUE SOU SOLDADO

Fazem três meses que sou soldado
 E em licença quero sair
 A licença eu te darei
 Se retornares um bravo soldado
 Te juro senhor capitão
 Que retornarei um bravo soldado
 Quando chegou perto de sua aldeia
 Escutou os sinos soarem
 Será que soam pela minha mãezinha
 Que quando parti deixei doente no leito
 Maca que leva este morto (réde)
 Se quando viva não a beijei o quanto queria
 Agora que está morta quero beijar.

FAZEM TRES MESES QUE ESTOU MOLHADO

Fazem três meses que estou molhado
 Me parecem três anos que estou no inferno:
 De dia e de noite é sempre um tormento
 Não quero mais viver desta maneira
 O barqueiro que embarca as mulheres

Quer embarcar minha mulher esta tarde?
 Quereis embarcá-la com boas maneiras
 E depois jogá-la no mar para se afogar?

GIRA E REGIRA

Bela, você me dá um beijo?
 Mas porquê?
 Mas porque um beijinho me nega?
 Esperta, você sempre me diz não.
 Mas já sei, se eu te pedir você me dará.
 Também os pombos fazem assim
 Vão para cá, vão para lá.
 E depois beijos se dão.
 Doce é beijar com vontade
 Minha pequena, boca a boca faz assim
 Gira e torna a girar, lourinha
 Amável, a vida a gozar se leva
 Quando te vejo perto, meu coração
 Sempre faz, tique-tá, bate forte
 Nesta tarde esperarei seu pai
 Quando ele for dormir
 Saltarei lá em cima
 E a tua procura irei
 Furtivamente a escada subirei
 Irei a sua porta
 E você me abrirá
 Se acordo teu pai, já se sabe...
 Já se sabe que em um salto lá embaixo irei
 Diz um provérbio minha pequena
 Que a juventude se vai e não volta mais
 Passa a vida entre a idade, entre a idade
 De mamãe e o cachimbo do papai
 Rosas e cravos são.
 Que boquinha, que beijinho
 Que beijinho quero te dar
 Se com um marido você sonha
 Um marido tem aqui

A BELA VENENZIA

A bela Venenzia quer se casar
 Roupas de criança deixou de usar
 Nineta quer se casar
 E para marido, Garibaldi quer se candidatar
 Abram as portas para que passe Garibaldi
 Ele tem a cabeça grande e a cara de um assassino
 E para as bodas, os peixes que tiver o mar
 E para alegria, as bombas de canhão
 Abram as portas que passa o batalhão.
 O batalhão passa sem munição

A BONECA

Outro dia a querida mãezinha
 Prometeu-me uma boneca nova
 A tarde, de um burgo vizinho
 Retornou com a boneca
 O que bela boneca
 Quase mais bela que eu
 Tem um vestido de raios celestes
 E o cabelo de seda turqueza
 Parece mesmo a nossa rainha
 Quando passa na carruagem com o rei
 O que bela é a minha boneca,
 Quase mais bela que eu
 A tarde a embalo
 E a levo ao meu leito
 Não se acorda, não diz nada
 Tão boa que dorme sozinha
 Quase, quase mais bela que eu!

A MONTANHA

No cume da montanha,
 O nosso pé colocaremos
 Olhando os campos
 De alegria um canto elevaremos
 Longe da falsidade
 Das faces da cidade
 Gozaremos o ar puro
 A verdadeira liberdade
 Hip, hip, hurra!
 Nosso grupo se vai
 Córregos e vales, adeus!
 O cume sem véu
 De glória um hino a Deus
 Elevem ao céu
 O sol nos beija a face
 Dos pinhos provamos o odor
 Ferto do paraíso
 Se e eleva nosso coração

AO CAMPO SE VAI

Festa de luz e cor,
 canta feliz o coração
 E ao campo sorridente abundância
 Nos convida docementente
 Todos sorriem porque
 Vida mais bela não existe
 ???
 Que falam de amor cantando assim:
 O, o, o, ao campo se vai cantando
 O, o, o, a guitarra bailar nos faz
 O, o, o, se aquele prado pudesse falar
 Cada pequena flor

Lembrança de amor, diria: "mamãe"!
 Sob a pérgola em flor
 ???

Lábios consentem, suspiros e delírios
 Carícias que fazem delirar
 Te amo meu louro tesouro
 Estreite-me forte sobre teu coração
 E quase sempre sobre o verde
 A cabeça se perde cantando assim
 O, o, o, refrão.

SOBRE O MAR BRILHA (SANTA LUCIA)

Sobre o mar resplende o astro de prata
 Plácida é a onda, prospero é o vento
 Venham à ágil barquinha minha
 Santa Lucia...
 Com esta brisa assim suave
 O como é belo estar sobre a nave!
 Subam passageiros, venham embora
 Santa Lucia...
 O doce Napoli, ó sol beato
 Onde sorrir quer a criação
 Tu és o império da harmonia
 Santa Lucia...
 Porque tardar? Bela é a tarde,
 Sopra uma brisa fresca e leve
 Venham à ágil barquinha minha
 Santa Lucia...
 Um mar tão tranqüilo, um vento tão bom
 Fazem esquecer as penas do marinheiro
 Que vai gritando com alegria
 Santa Lucia..
 Sobre as ondas "fazer" a ceia
 Em uma noite tão serena
 Quem não deseja,
 Quem não diria,
 Santa Lucia...

O DIA DA PARTIDA

Este é o dia da partida
 Da partida o dia é
 E viva viva a alegria
 E viva Baco e viva nós e viva nós
 Nós queremos comer e beber
 E dormir contentes iremos
 Do branco e moscatel
 Do negro e do marzemín (tipo marsala)
 Se houvesse um barril
 Queríamos ver seu fim
 Em companhia de sete ou oito amigos
 Que riem e brincam
 E que não pensam mal
 Esta é a regra que seguem os itálicos
 Levantam os copos e os esvaziam

Esta é a regra para não se morrer nunca
 Esta é a regra para não se morrer jamais
 Oi, sim, com coimbalalilalela
 Oi, sim, com ciombalalilela
 O que alegria, que contentamento!
 De chegar prazer eu sinto!
 O que grande prazer eu sinto!
 O que grande felicidade
 Oi ciombalalilalela
 Oi ciombalalilelá
 Sim, me parece que a cabeça gira
 E com o tempo a visão
 Mais turva se faz

TODOS SE LAMENTAM

Se lamenta também o barbeiro
 Que vai mal em sua profissão
 Certos homenzinhos bem formados
 Portam barba como frades
 E nem pensam em corta-la.
 O pobre barbeiro não pode comer
 E assim se senta a lamentar
 Também o pobre moageiro
 Está muito fatigado
 não ganha quase nada
 Falta água em seu moinho
 Não ganha um tostão
 Depois se ouve lamentar
 Também o camponês
 Todo dia fadiga e cansaço
 Vive de água e fubá de milho
 E a carne com o vinho bom,
 Vai para a boca do patrão.
 Se lamenta também o estanha-panelas
 Que tem a mulher bonita
 Por ter a mulher bonita
 Ele estanha os buracos da panela¹
 Se ele tem o que lhe apraz
 Ele estanha a vontade.

OLHE QUE BELO RAMO

Olhe que belo ramo
 Com quatro, cinco folhar
 Antes seis anos como soldado
 Que casar-me.
 Seis anos de soldado
 E cinco de sentença
 O que diria minha mãe
 Que me queria bem
 Que me levava passear
 Beber café com gazosa

¹ A expressão "estanha os buracos da panela" poderia ser traduzida, em português, por "ele trepa (mantém relações sexuais) à vontade."

Adeus cara namorada
 Não nos veremos mais
 "cuide de tua vida"
 Com toda a liberdade.

MORENO, MORENO

Moreno, Moreno, é um belo jovem
 Que tem os cabelos como as ondas do mar
 Sobre as ondas do mar, a barca deslisava
 Rosina chamava: Moreno vem cá
 Não posso ir o vento me retém
 Para fazer amor, esposar-me convém
 Que mãe, oi que mãe! Eu quero moreno
 Que porta cabelos como as ondas do mar.
 Não posso ir, o ar me impede.
 Para fazer amor desposar-me convém.
 Que mãe, ó que mãe! Que mãe crue!
 Que deixa morrer este jovem de amor
 Uma jovem enamorada que tanto o amava
 Que sem Moreno, não posso mais ficar.
 Ao invéz de abandonar Moreno,
 Me coloco no leito e me deixo morrer.

O DIA DA PARTIDA

Este é o dia da partida
 Da partida o dia é
 E viva via a alegria
 E viva Baco e viva nós
 Nos queremos comer e beber
 Até que o fundo se veja do copo
 Nós queremos comer e beber
 E dormir contentes iremos 3X
 Do branco e moscatel
 Do tinto e do marzemín
 Se houvesse um barril,
 Queríamos ver seu fim
 Em companhia de sete ou oito doidos
 Que riem que brincam e não pensam mal.
 Esta é a regra que para não se morrer nunca,
 Esta é a regra para não se morrer jamais.
 Oi, sim, com ciombalalilalelá.
 Oi, sim, com ciombalalililé.
 O que alegria, que contentamento!
 O que grande prazer eu sinto!
 O que grande felicidade
 Oi ciombalalilalela
 Oi ciombalalililé.
 Se me parece que a cabeça vacila e
 Com o tempo a visão mais turva se faz.

VERSAO II - ESTA E A REGRA QUE SEGUEM OS ITALICOS
 LEVANTAM OS CALICES, ESVAZIAM OS COFOS.

A VIRGENZINHA

Já girei a Itália e o Tirol
 So para encontrar uma virgensinha
 E ciombalalilalela, viva o amor!
 Os bersaglieri são bravos soldados
 Só querem a virgensinha
 E ciombalalilalela, viva o amor!
 Tiroleses são bravos soldados
 Toda a noite de sentinela
 Ciombalalilalela, viva o amor!
 Se não é bela a quer pintar
 Primeiro por dentro, depois por fora
 Ciombalalilalela, viva o amor
 Se é magra, a faremos engordar
 Primeiro por dentro depois por fora
 Ciombalalilalela, viva o amor
 Se ela é alta a faremos encurtar
 Primeiro por cima, depois por baxo...
 Se ela é chucra a faremos amansar
 Primeiro por bem, depois com o chicote...

OI BELA GIULIETA

Oi bela Giulieta,
 Venha para baixo para o baile
 Que a tua mãe se sente muito mal
 Ela está para morrer.
 Toda de vermelho quero me vestir
 Sapatinhos vermelhos eu quero mandar fazer
 Soem as trombetas, eu quero bailar
 Aquele lencinho que você me presenteou,
 Bela Giulieta, eu quero pagar.

O TEU LENCINHO

Dê-me o teu lencinho
 Vou a fonte, vou lavá-lo
 O lavarei com água e sabão
 Cada batida é um beijinho de amor
 O estendenderei sobre ramos de rosas
 O vento de amor deve enxuga-lo
 O passarei com ferro a vapor
 Cada prequinha, um beijinho de amor
 O portarei para você no sábado à tarde
 Bem escondido de mamãe e papai
 REFR: Quem são os que dizem
 Que o amor não é belo
 Certamente aqueles que o amor não sabem fazer
 OU todos aquele que não tem coração.

NOS JURAMOS

Nós juramos com o sorriso da sorte,
 Os italianos não temem a morte

Nós juramos com o sorriso da terra
 Para servir esta sacra bandeira
 O bela Itália, do solo natal
 Recebe o adeus dos Alpes o caçador
 Es dos alpes, és dos Alpes o caçador
 Irmãos corramos, a pátria nos chama
 Nos conclama a Itália salvar...
 Marchemos todos, deixemos nossas esposas
 Socorramos a bandeira
 Cinjam a cabeça com rosas e flores
 Ao martírio no sangue banhado
 E viva o sangue que escorria
 Bela bandeira tricolor
 E viva a Itália, a Itália,
 E Garibaldi foi sempre o vencedor
 Mas os alemães, ????
 Ao ouvir as trombetas de guerra
 Mas os italianos em coro gritavam:
 As armas
 As armas e ao sangue estrangeiro.

OS 16 COMPANHEIROS

Somos 16 companheiros
 Estamos todos desesperados
 A hospedaria nós fomos
 Para beber e para comer
 Depois de termos bebido e comido bem
 Bebido até nos estufarmos
 Chegou a hora de pagar
 Ele disse que pagará
 Mas nem o brilho de um vintém
 No bolso ele não tem.
 E o patrão que é esperto
 Pegou-o pela jaqueta
 Frendeu-o num quartinho
 E lhe disse: Pague aqui.
 Fique parado com essas mãos
 Que brincadeiras eu não quero!
 Saque a carteira e diz: Pague aqui
 O bravos jovens
 Não fiquem pisando sobre o muro
 Pisem sobre a face
 Da guarda da cidade.

VEM MORENINHA

Oi moreninha, oi moreninha
 Você me parece sempre mais bela
 Você tem os olhos feitos de estrelas
 Que me fazem enamorar.
 Quantas estrelas existem no céu
 Por cada uma um beijo te daria
 Mas um só me bastaria
 Para fazer você se enamorar
 Estou aqui sob o teu balcão

venta e chove de enxarcar
 Faça querida para a tua mãe
 Que te deixe fazer amor
 Se você quer uma namorada
 Faça uma de madeira
 Que de mim você não é digno
 De tocar-me nem os pés

VEM MORENINHA

Vem, vem vem, moreninha
 Venha ao campo cortar o feno
 Quando o feno estiver revirado
 Nós gozaremos a liberdade
 Nós gozaremos a liberdade
 O ar puro, o ar puro
 Nós gozaremos a liberdade
 O ar puro, o ar puro,
 Nós gozaremos a liberdade
 O ar puro em meio ao prado
 E se o vinho estiver a bom preço
 Sempre nos embriagaremos em meio ao prado

A FILHA DO REI

A filha do rei
 Se colocou na janela
 Olhem que bela lourinha.
 Passavam três soldados
 Que voltavam da guerra
 Olhem que bela lourinha
 O mais belo dos três
 Levava uma flor na cabeça
 Dê-me esta flor
 Dê-me gratuitamente
 A darei sim
 Mas você será minha esposa
 Dê-me teu vigor
 As minhas forças
 São a França e a Inglaterra

HA UMA VERSÃO QUE O REI POE O PRESUNÇOSO PARA CORRER
 AMEAÇANDO MANDAR FUZILA-LO.

HOJE COMEREMOS

Hoje comeremos, beberemos e cantaremos
 E dormir contentes iremos
 Hoje me parece que a cabeça gira
 A cantina retornaremos
 Devemos ir
 Hoje é um dia de festa
 Contentes e felizes
 E um dia que seja.
 E viva, a cantina!

E viva, viva as companhias!
 Quando meu pai batia em minha mãe
 Banquinhos e cadeiras voavam pelo ar
 E eu pensando que fosse festa,
 Batia também eu.

POLENTA E VINHO

Polenta cozida e vinho de Caxias
 Oi que alegria em companhia!
 Como nós não existem outros
 Se houver outros que apareçam.
 Comer, beber, cantar e rir.
 O que bela vida em companhia
 Nós italianos com nossa inventividade:
 Dinheiro de papel, calçados de madeira
 A grande polenta está sobre a mesa
 A comeremos bem tostada
 Nas cantinas estão os barris
 Cheios de vinho, de vinho bom
 O melhor vinho está em Caxias
 Porque os italianos o sabem fazer bem
 Nós que somos espertos, cantamos alegres
 Os nossos cantos são os mais belos
 E agora contentes soaremos um canto.
 Oi, lá, lari, oi la lá, ri lá lá.

O CAPITÃO DA COMPANHIA

O capitão da companhia
 Ferido, está para morrer
 E manda dizer aos alpinho
 Que venham ao seu encontro
 Os alpinos mandam dizer
 Que não tem calçados para caminhar
 Eu os quero aqui!
 Agora que chegamos
 O que ordena o capitão?
 Ordeno que meu corpo
 Em cinco pedaços seja cortado
 O primeiro pedaço para a minha pátria
 O segundo pedaço ao batalhão
 O terceiro pedaço para minha mãe
 Que se lembrará de seu filho
 O quarto para minha bela
 Para que pense em seu primeiro amor
 O último pedaço para as montanhas
 Para que o cubram de rosas e flores

SOBRE AQUELA RELVA

Sobre aquela relva fresca
 Havia uma bela flor
 Mandaremos colhe-la
 Para aquelas três moças

E quase meio-dia
 E hora de partir
 Ela apanha a cestinha
 E começa a caminhar.
 Caminhando pela estrada
 Ela encontrou um rico cavaleiro que ordenou
 Ponha por terra a cestinha
 Que falaremos de amor
 E não, não, não coloco a cesta no chão
 Pois tenho pressa de caminhar
 Ele tirou sua espada
 E no coração dela cravou
 E um amor assim tão belo
 Jamais ela encontrará

A HISTORIA DO VINHO

Que belas ramas, raminhas, ramões
 Ciribiribim, brotava o vinho
 dos ramos a uva em pérgola
 Do giral a uva no cacho
 Do cacho a uva na mão
 Da mão a uva no cesto
 Do cesto a Yvai para a moenda
 Da moenda para o barril de fermentação
 Do barril ao garrafão
 Do garrafão para o copo
 Do copo a uva na boca
 Da boca a uva na barriga
 Da barriga a uva na terra

ADEUS, MINHA BELA ADEUS

Adeus minha bela adeus
 Eu parto a meia-noite
 Não nos veremos mais
 Reze ao Céu por mim
 Quando os conscritos partem
 A juventude mais bela
 Até a vista, bela
 Quando o céu quiser
 Quando os canhões baterem
 As trombetas me chamam
 Deixo papai e mamãe
 Devo tornar-me soldado
 Deixo os irmãos agora
 Quisera maldizer aquela hora
 Que tive que tornar-me soldado.

SOBRE A FONTE DE BASSANO

Sobre a ponte de Bassano
 Nos daremos as mãos
 E um beijo de amor
 Por um beijinho de amor

Sucedem tantas tristezas
 Não acreditava que um dia
 Necessitasse abandonar-te
 Querer-te tanto bem
 Romper as cadeias
 Que me prendem o coração
 Que me prendem o coração
 Por toda a vida
 Ai de mim que fui enganada
 Por um beijo de amor!
 Se te acorrenta o coração
 Serás minha namorada
 E em maio serás minha esposa
 E eu serei soldado
 No sexto regimento
 Não partirei contente
 Se não tiver te desposado

A CAMPONESA

Que belos olhinhos tem a camponesa
 Estes olhinhos belos
 os tenho para fazer amor
 Quanto é bela a camponesa,
 Ela vai sobre os campos trabalhar
 E quando anoitece aos campos não se vai
 Morrer me faz a camponesa de amor
 Que boquinha bela que ela tem
 Esta boquinha bela
 A tenho para fazer amor
 Que belas pernas tem a camponesa amável
 Esses belas pernas as tenho para fazer amor

FIDOLIN

O pescador da onda Fidolin
 Já no céu o sol aparece
 E a hora do pescador
 Com o vento ir, Fidolim pescador oi lá
 A dama na janela, Fidolin
 Caiu meu anel
 Venha repesca-lo aqui em baixo
 Venha pescar mais perto daqui
 Bela dama, Fidolin
 O anel eu pesquei
 O que me darás em troca
 Te dou cem escudos
 E uma bolsa cheia
 A bolsa eu não quero, Fidolin.
 Não quero cem escudos
 Nem bolsa cheia.
 Quero somente um beijinho de amor

QUERIA BEIJAR A ROSINA

Queria beijar a Rosina
 E ela me disse não
 Em baixo da escadinha
 Beijar não se pode
 Queria beija-la na face
 Mas ela me disse não
 Porque ela é um paraíso
 Beijá-la não se pode
 Queria beijar seus cabelos,
 Mas ela me disse não
 Porque são encaracolados e belos
 Beijá-los não se pode

SOBRE A PRAÇA DE SÃO MARCOS

Sobre a praça de São Marcos
 Havia escrita uma sentença
 Marietinha, necessita ter paciência
 Que a morte devo ir
 Me prenderam e me amarraram
 Me amarraram com correntes
 Mariolina, sob esta pena
 Sinto vontade de chorar e suspirar
 Se a morte eu vou, vou inocentemente
 O que dirão as pessoas?
 Que morte bárbara!
 Onde estás que não te vejo?
 Estou aqui sob a erva vermelha
 Vendo a minha amada
 Com os outros fazendo amor.

MINHA VIDA É BELA

Neste dia gentil e alegre
 Quero cantar para todo o grande mundo
 Oi, lá...
 Minha vida é bela, doce e florida
 Plena de alegria em cada flor
 Manhã alegre, contemplo o belo sol
 Que surge esplêndido atrás das colinas, oi lá
 Levanto os olhos ao meu bom Senhor, oi lá
 E uma oração desponta no meu coração, oi lá

A ESTRELA MAIS BELA

Da aurora, tu surges mais bela
 Com teus raios faz contente a terra
 Entre os astros que o céu encerra
 Não há estrela mais bela que tu
 Bela tu és qual o sol
 Branca mais que a lua
 E as estrelas mais belas

Não são belas ao par de ti
 Os teus olhos são mais belos que o mar
 A tua testa tem a cor dos lírios
 As tuas faces beijadas pelo filho
 São duas rosas e os lábios são flores
 Te coroam doze estrelas
 Aos teus pés rezam as asas do vento
 Da lua turva-se o prateado
 Não há estrela mais bela que tu

ANDORINHA PEREGRINA

Andorinha peregrina que pousa na varanda
 Repetindo a cada manhã avela suave canção
 Que quer você me dizer no teu linguajar
 Solitário no esquecimento, pelo teu esposo abandonada
 Chora então o meu canto viuvinha desconsolada
 Chora no teu linguajar peregrina andorinha
 Mas és menos infeliz que eu
 Tu és tuas penas ao menos te entregas
 Percorre o lago e a encosta
 Enche os ares com teus gritos
 Todo dia em tua fala
 Ele chamando, ó andorinha!
 Oh, se também eu pudesse disputar
 Esta baixa e pequena abóboda
 Onde não brilha o sol
 Onde o ar também me é tolhido
 De onde a você a minha vez mal chega andorinha!
 O setembro está chegando e para deixar-me te preparas
 Tu verás lugares longínquos, novas montanhas novos mares
 Saudando com tua fala peregrina andorinha
 E eu, todas as manhãs reabrindo os olhos ao pranto
 Entre as neves e as brumas acreditarei
 Estar ouvindo teu canto que divide comigo o pranto
 Uma cruz na primavera encontrarás sobre este solo
 Andorinha ao anoitecer, sobre ela pouse
 E me deseje paz no teu canto andorinha peregrina.

O LIMPA-CHAMINES

Limpador de chaminés que vem dos monte
 Dos monte para a cidade vai gritando
 Prezadas senhoras, o chaminé é para limpar?
 Veio para fora uma bela jovem
 Ela lhe disse venha cá
 Que o chaminé é para limpar
 Tirou fora o raspador e o martelinho
 Então deu uma olhadinha
 E subiu pelo chaminé
 Ele raspa daqui e dali
 Então disse a senhora
 Que o chaminé já estava limpo
 Oi diga-me gentil homem
 Que paga te devo dar?
 Eu não quero nem pão, nem vinho

E nem mesmo uns trocados.
 Eu quero só um beijinho
 Para contentar este coração
 Marche embora, feio, sujo;
 Feio sujo de um negrão!
 Você quer tornar-se meu esposo
 Com um saco de carvão
 Irei a casa da minha mãe
 Cabeça e pés me lavarei
 Com água e sabão
 Belo e branco retornarei.
 Você será minha pequena
 E eu serei o teu amor
 Tu serás minha esposinha
 E eu não limparei mais chaminés
 Bom dia, bom ano
 Jaqueta de pano
 Botões de prata
 Dê-me a tua mão
 Que eu fico contente.

O LIMPA-CHAMINES

Para cima e para baixo
 Por estas vilas,
 Daqui e de lá se ouve
 Uma vez alegremente:
 Está aqui o limpa-chaminés
 Se pôs na janela,
 Uma bela moça
 Com voz assas meiga:
 Vem cá, limpa-chaminés.
 E depois de ter comido,
 Comido e bebido bem:
 Se quiseres vou ver
 O buraco da chaminé²
 E o que me desgosta,
 E que a minha chaminé é estreita
 Como farás jovenzinho,
 Como farás para subir?
 Não duvide senhora,
 Sou velho no mistér,
 Sei fazer meu dever
 Para cima e para baixo na chaminé.
 E antes de sair
 Desta santa porta,
 Provemos outra vez
 A tampa (coifa) da chaminé
 E depois de nove meses,
 Nasceu um belo menino
 Ela lhe colocou o nome
 Do limpa-chaminés.

² A expressão "buraco da chaminé", refere-se à vagina da mulher. É uma figura de linguagem intencional que se difere de arquétipo que vela um significado oculto.

O LIMPA-CHAMINES.

Tenho frio e fome
 Sou pobrezinho
 Nas crianças meto medo
 E às vezes as mães (dizem) às crianças:
 Se alguma vez não forem bons
 Chamarei o negro,
 Chamarei o negro limpa-chaminés
 Não tenho uma moeda
 Nos meus bolsos
 Mesmo assim vou gritando
 Limpa chaminés
 Milano é grande, Milano é bela
 Muito mais belo é a minha aldeia
 Onde está minha mãe numa casinha
 Atrás do meu Lago Maior
 A casa minha, onde nasci
 A pátria minha, abandonei
 E não tenho uma moeda
 Nos meus bolsos
 Porém vou gritando
 Limpa-chaminés

VEM MORENINHA

Quando desponta a manhã
 E a estrela vai longe,
 Eu te digo: Ciao querida,
 nos veremos amanhã!
 Vem, vem, vem, moreninha,
 Vem para cima da montanha
 Vem, vem, vem, moreninha
 Vem para cima da montanha fazer amor.
 Lá no céu tem uma estrela
 Que brilha com esplendor
 Mas de todas a mais bela
 E a estrela do meu amor.

A GIGIA ESTA DOENTE

A Gigia está doente
 Fobre de mim...
 Se ela está doente
 Mandem chamar o doutor
 Chamem o doutor
 Que ela sarará
 O doutor entrou no quarto
 E apalpou o seu pulso
 Disse: A vossa filha
 Está doente de amor

O PEQUENO NAVIO

Havia um pequeno navio
 Que não sabia,
 Não sabia navegar
 E se lançou a navegar 3x
 Mas não podia, não podia ir avante
 E depois de longa fadiga
 As suas forças lhe faltaram
 E depois de duas, quatro, cinco, seis, sete semanas
 Ele não aprendeu a navegar.
 Se esta estória vos enoja
 Nós tornaremos, tornaremos a contar

NO FUNDO DO CEMITERIO

No fundo do cemitério
 Uma voz ouvia chamar
 Ela me disse: Volta atrás
 Volta atrás a rezar
 Oi bela, diga-me se tu soubesses
 Quanto és bela, quanto és querida
 De-me só um beijo e não me faça penar
 Pela manhã, me levanto às nove
 Me ajoelho e me ponho a rezar
 E com lágrimas banhava a terra
 a terra do meu bem
 Ao fundo do cemitério
 Uma cruz devemos levar
 Toda escrita com palavras em ouro
 Com o nome do meu bem

A BARBEIRA

Oh barbeira, bela barbeira!
 Queres fazer a minha barba?
 Sim eu a faria,
 Mas meu marido foi a França
 Com esperança de retornar
 Se ele não retornar
 A tua barba eu quero fazer.

EU E A MULHER LOURA

E eu a mulher loura, não a quero não
 Pois todos os todos os homens lhe fazem galanteios
 A loura eu não quero.
 E eu a mulher negra, não quero não.
 A mulher negra não é sincera
 A negra não quero não
 E eu a mulher pequena não a quero não
 Pois quando ela caminha parece uma bonequinha
 A pequena não quero não
 E eu a mulher alta não a quero não
 Quando ela caminha parece uma ripa (vara)
 E eu a mulher de cabelos cacheados não quero não

Sob os cachos ela tem (esconde) caprichos
 A mulher de cabelos cacheados não quero não.
 E eu a mulher apática a quero sim
 A mulher apática, a mulher forte quero sim
 A mulher apática quero sim.

O JOVEM MARINHEIRO

Venha rápido, venha
 Não me faça sofrer de amor
 Veja a rede, veja
 Nas ondas vou gritar
 Ande, estenda os braços
 Ajude-me a puxar
 Este jovem marinheiro
 Quer sempre te beijar
 Junto ao mar
 Fazia (ou façamos) amor
 E coração a coração
 Queremos gozar
 Sou marinheiro
 Fluxo a rede (polissemia -rede/mulher)
 De alegria
 Quero gozar
 Veja que batem as ondas
 Como este meu coração
 De lágrimas me inunda
 Você me faz enamorar
 Venha sobre esta areia
 Quero alegrar-te
 Se aproxima a sereia
 E para nós fica a cantar
 Olha, eu puxo a rede
 E tu estás a me olhar
 Os peixes em alegre dança
 Tu não vês saltar?
 Veja as estrelas
 Você me faz enamorar
 Com aquele belo olhar
 Você me faz suspirar

SABADO A TARDE

Sábado à tarde, ao por do sol
 Naufragava uma barca
 Sobre o Lago Maior
 No mesmo momento
 Passavam três marinheiros.
 Três belas moças queriam salvar
 Salva a primeira,
 Salva a segunda.
 A terceira e bela com cabelos encaracolados
 Quero eu desposá-la
 Bela, você está dormindo sobre o leito de flores
 Acorda de mim receba um beijo de amor.
 Um beijo quero te dar

E até a tua morte, quero sempre amar-te

CARA MÃE DE-ME CEM LIRAS

Cara mãe dê-me cem liras
 Que à América quero ir
 Cem liras eu te dou
 Mas não para ir à América
 Os seus irmãos na janela:
 Minha mãe deixei-a ir
 Vai, vai então ó filha ingrata
 Que algo te acontecerá
 Vai, vai filha ingrata
 Em meio ao mar poderás ficar
 Ela pegou o cavalo branco
 Que é mais sincero que o cavalo(can)
 Quando estava no meio do caminho
 O cavalo branco se espantou
 Ela pegou o barco
 Que contra o vento tem que ir
 Quando estava em alto mar
 O navio virou
 O navio foi ao fundo
 E para este mundo não voltará
 Os seus cabelos encaracolados e belos
 A água do mar os apodrecerá
 O seu sangue tão doce
 Os peixes do mar o beberão
 A sua carne assim tão jovem
 A baleia devorará
 Seu vestido de pura seda
 No fundo do mar apodrecerá
 O seu anel de puro ouro
 Os pescadores o pescarão
 As palavras de seus irmãos
 Foram as que a enganaram
 As palavras de cada mãe
 Dizem sempre a verdade

O SIRIO

Em quatro de agosto
 As cinco da tarde
 Foi quando em Gênova
 O Sirio partiu.
 O que sorte mízera
 Para o Sirio infeliz
 O mar profundo foi
 Pare ele tumba cruel
 Quando de Gênova
 O Sirio partiu para a América
 Ao encontro de seu destino
 Sem temor o Sirio corria
 Com leveza sobre o plácido mar.
 O Sirio, Sirio,
 A mízera esquadra

Foi para tantos mizero fim
 Sobre o alto mar a nave colidiu
 Encontrando o recife fatal
 Quatro barcas nevegam sobre o mar
 Em socorro dos nossos irmãos
 A bordo o padre cantava
 E lhes dava a benção
 Pais e mães beijavam os filhos
 Depois desapareciam
 Entre as ondas do mar

A JUVENTUDE

Bendito seja para sempre
 O vigor da juventude
 Viva, viva a alegria
 E o júbilo do coração
 Da alegria em abril (primavera)
 Não se fala de lágrimas
 Na idade da alegria e do canto
 Não se fale, não se fale de dor
 Viva, viva a alegria
 E o júbilo do coração
 Como é bala a juventude
 Se a guia o amor e a fé!
 A esperança a precede
 No caminho salpicado de flores
 Coração ao encontro do porvir
 Que a ela se abre sorridente
 Contento é o coração
 Alegre é a mente
 Na idade do vigor
 Sempre alegre é a juventude
 Bendita pelo Senhor!

O MERLO PERDEU O BICO

O merlo perdeu o bico
 Como fará para bicar?
 Pobre merlo meu,
 Com fará para bicar?
 O merlo perdeu a língua.
 Como irá cantar?
 O merlo perdeu o nariz.
 Como irá inalar?
 O merlo perdeu os olhos.
 Como fará para vêr?
 O merlo perdeu uma asa.
 Como irá voar?
 O merlo perdeu outra asa.
 Como irá voar?
 O merlo perdeu os pés
 Como irá andar?
 O merlo perdeu a cauda
 Como irá abanar a cauda?

A GARIBALDINA

As estrelinhas que nós levamos
 São a disciplina de nós soldados
 E você lourinha, caprichosa Garibaldina
 E a estrela, é a estrela de nós soldados
 O chapéu que nós levamos,
 E o guarda-chuva de nós soldados
 E o capacete que nós levamos
 É a defesa de nós soldados
 E os calçados que nós portamos
 São as barquinhas de nós soldados
 E as butinas que nós portamos
 São a defesa de nós soldados
 E as perneiras que nós portamos,
 São o vigor de nós soldados
 E a farda que nós levamos
 E a alegria de nós soldados
 E o fuzil que nós levamos
 E a defesa de nós soldados
 E o cinto que nós portamos
 E o porta-balas de nós soldados
 E a espada que nós portamos
 E a honra de nós soldados
 E o cantil que nós levamos
 E a cantina de nós soldados
 E a bandeira que nós levamos
 E o relógio de nós soldados

DIGA SIM, DIGA NÃO

Diga sim, diga não
 Se ela pertuntar se tenho botas
 Diga que sim, mas não estão pagas
 Diga sim, diga não.
 se ela me quer ou não
 Se ela perguntar se tenho meias
 Diga que sim, mas tem buraquinhos
 Se ela perguntar se tenho calças
 Diga que sim, mas estão rotas
 Se ela perguntar se tenho camisa
 Diga que sim, mas que encomendei e não chegou
 Se ela perguntar se tenho colete
 Diga que sim, mas que não é meu
 Se ela perguntar se tenho chapéu
 Diga que sim, mas não é belo.

EU ESTAVA NO BOSQUE

Eu estava no bosque
 E pensava na prisão
 Veio dia, na hora da Ave-Maria
 Levaram-me embora sem razão
 Vá dizer a minha mãe que venha me encontrar
 Que ela leve dinheiro

Que minhas horas passo aqui
 Vá à dizer aos meus irmãos
 Que venham ao meu encontro
 Que me levem polenta
 Pois estou cansado de comer pão
 Vá dizer a minha bela
 Que venha ao meu encontro
 Que traga água fresca
 A prisão perpétua fui condenado

TRINTA DIAS DE NAVIO

Da Itália nós partimos
 Trinta dias de barco a vapor
 Na América nós chegamos
 Não encontramos nem palha nem feno
 Dormimos sobre a terra mesmo
 Como as bestas que vão repousar
 A América é cumprida e larga
 e circundada por montanhas e planícies
 E com o trabalho de nossos italianos
 formamos aldeias e cidades

BATE BATE

Bate e bate na porta
 Para que minha bela venha abrir
 Com a mão abre a porta
 E com a boca um beijinho me dá
 E deu um beijo tão forte
 Que sua mãe escutou
 O que você fez, filha minha
 Que todo mundo fala mal de ti?
 Mas deixe que o mundo fale!
 Eu quero amar aquele alpino
 Que há três anos esta na prisão por mim
 A prisão é muito escura
 Que me faz morrer de medo
 Entre nove meses e alguns dias
 Na sua volta eu o desposarei
 O desposarei com beleza e abundância
 O desposarei com todo o coração.
 Viva o amor, viva a liberdade!

A BRUNETTA

A minha mãe é pobrezinha
 E me faz levantar cedo
 Ela me coloca o balde nos ombros
 E à fonte me faz ir.
 No meio do caminho
 Um cavalleiro lhe encontrou
 Onde vai bela Bruneta!
 Assim sozinha pela cidade?
 Vou até a fonte

Para onde minha mãe me mandou
 Estive agora na fonte mas a água
 Está suja como um pântano
 Espere porém, bela Bruneta
 Que a água clareie.
 O primeiro balde que apanhar
 Dará de beber ao meu cavalo.
 Vosso cavalo já está satisfeito,
 Não há necessidade de servi-lo.
 Bruneta, bela Bruneta,
 Estou enamorado por você
 Irei à casa de minha mãe
 E ela me dará um bom conselho:
 Filha minha, não se deixe enganar
 Por desconhecidos cavaleiros.

OLHE A LUA

Olhe a lua como ela resplende
 Olhe a lua como ela resplende
 Duça estas serenatas propícias ao amor

OLHE A BRANCA LUA

Olhe que branca lua
 Olhe o céu sereno
 Andemos sim, cara andemos
 Vem carolina vem...
 Duça que ela consola o coração
 Vem, vem, vem...
 Venha sobre a canoa
 Vem meu amor, vem.
 Três horas dorme um viajante
 Quatro horas dorme cada corpo
 Cinco horas dorme um porco

MAMAE, ME, MI

Mamãe, me, minha dama lombarda
 Mamãe, me mi
 Mas tenho marido
 Mas o que faz você do teu marido?
 Faça-o morrer!
 Não sou capaz de matá-lo
 Pegue duas cabeças de serpentes
 E as coloque no vinho
 Vai ao encontro do pai o filho de sete anos
 Papai não beba este vinho pois está envenenado
 Quando o marido chegou em casa, estava com grande sede
 Disse à esposa: Senhora Lombarda
 Vá pegar aquele vinho pois estou sedento
 De qual vinho quer que traga, do branco ou do tinto?
 Traga o melhor que houver.
 Senhora Lombarda, não quero este vinho pois está turvo
 O que aconteceu com este vinho para que ficasse turvo?

Foram as trovoadas na noite passada
 que o fizeram ficar turvo
 Pegue e beba você este vinho que eu não o quero.
 Então o pai pegou seu próprio filho, o beijou e o saudou.

O ANGIOLINA

O Angiolina, bela Angiolina
 Mas quem está contigo?
 E o padeiro da aldeia
 Que me ensina a fazer pão³

O ANGIOLINA, BELA ANGIOLINA

O Angiolina, bela Angiolina
 Enamorado estou por ti.
 Apaixonei-me outra tarde
 Quando vim dançar contigo
 Oh Angiolina, bela Angiolina
 Apaixonado sou por muitas
 Mas o amor, só contigo.

ELA USAVA VESTIDO VERMELHO

Ela usava vestido vermelho
 E bolsinha cor do mar
 Com sapatinhos rosados
 Feitos especialmente para dançar

UMA HORINHA DA NOITE

Moreno passava, lerá
 Rosina chamava, lerá
 Moreno vem cá
 Não posso ir,
 O meu cavalo foge
 O coração me falta
 Para te dizer não
 Moreno entra
 E senta na cadeira
 Rosina lhe pede que beba café
 Eu bebi café há pouco
 Moreno se levanta,
 Rosina o abraça
 Que gentil que é o meu bem.

A AURORA

Desponta a aurora
 De uma bela manhã
 Eis que se aproxima um novo dia

³ A frase compara os gestos do padeiro ao anassar o pão com os gestos do ato sexual.

Prosperidade e longa vida
 E a esculpida felicidade
 Das palmas e rosas em flores
 Aos nossos senhores lhes auguramos
 Neste dia de ano novo
 Agora iremos embora aos nossos afazeres
 Por cem anos retorne novamente
 Para vós a aurora de um tão belo dia.

LAMENTOS DE UM SOLTEIRO

Para não pagar dos solteiros, a taxa dolorosa
 Minha mãe, mulher simples, quer que eu me case.
 Ai! ai! ai!
 Fobre de nós, até onde chegamos.
 Tenho quarenta anos e, poxa! Nunca tive vontade de casar
 Porque com estas fêmeas, não sei o que ocorre.
 Vê-las junto ao espelho pintando as faces
 Elas põe carmim nos lábios, para parecerem mais belas
 Escondem meio estômago e, ainda mais!
 Os cabelos: Para se assemelharem aos homens,
 Os cortam curtos também.
 Observe-lhes as costeletas que parece de dançarinas.
 As blusas sem mangas, descoberto o busto
 E depois de tudo isso, atente para mais um tanto
 Elas vestem calças como o infante de copas
 Se não sabem cozinhar feijão,
 Como farão estas fêmeas para educar seus filhos?
 Compadre me diga-me, mas com sinceridade:
 Com estas fêmeas se pode plantar família?
 O belas senhoritas, ponham sal na cabeça insossa
 Ou vão para o hospício!
 Eu tenho para casar-me, uma vontade maldita
 Mas com estas fêmeas, não tem condição!
 Se tenho pecados na alma, farei mais penitências
 Mas ficarei solteiro e vocês tenham paciência!
 Antes pago, e rápido, seis taxas ao governo
 Mas não quero ser mártir, nem ir para o inferno.

A ALEGRIA

Quando a barca vai mal
 Não se tem vontade de cantar
 Oi, trá, lá, lá
 Na mísera bodega,
 Somente se ouve suspirar.
 Oi, lá, lá, lá, alegria.
 Alegria faz bem,
 Mas faz sol se Deus quer
 A borrasca acabará
 E depois da chuva vem o sol
 E o belo tempo voltará
 Quando no ócio muito se está,
 O martelo sem bater
 E a serra sem fazer barulho,
 O artesão não pode cantar.

Quando falta aquilo que dá
 Animo e força para trabalhar
 Não existe vida nem alegria
 Só resta bocejar
 Esta sorte faz enlouquecer
 Mas não quero desesperar,
 De que vale praguejar?
 Mas como se sabe,
 Para todos existe uma cruz para carregar.
 Já foi dito tantas vezes
 Que não há cruz sem altar!
 Alegre-se amigo, venha cá.
 Se não temos dinheiro para contar,
 Se não temos nada para fazer,
 Alegre-se e nos ponhamos a cantar

A ALEGRIA

A alegria vem dos jovens 3x
 E não dos velhos casados
 Sempre alegre não se pode estar
 Mas também nem sempre melancólico
 Então minha amada, vá embora.
 Os teus pensamentos
 Os colocarei sob os pés
 Enquanto as coisas estão assim,
 Bagunça, confusão
 Enquanto as coisas estão assim,
 Bagunça, confusão
 O dia inteiro

A BELA FRIULANA (no original está "furlana")

A bela friulana
 Ela plantava fava
 E quando ela plantava
 Ela plantava assim
 A bela friulana
 Rega a fava
 E quando ela rega
 Rega assim
 (colhe, come)

SE OS MONTES FOSSEM POLENTA

Se o mar fosse molho
 E o mundo fosse polenta
 O mãe que comilança
 Se as pedras fossem barris
 E os córregos cachaça
 O mãe que bebedeira
 ???*
 O mãe quanto queijo

* Não foi possível a tradução.

Se as plantas fossem ouro
 E as mulas fossem dinheiro
 O mãe os???
 Se???
 E os espinhos fossem carne
 O mãe que comilança
 Se???
 Se os fungos fossem tortas
 O mãe quanta sorte
 Se estrume fosse amora
 E alfafa fosse olivas
 O mãe que belos viveres
 Se os sonhos fossem realidade
 E eu pudesse sonhar a vontade
 O mundo queria mudar
 Mãe, o mundo eu queria mudar

POLENTA E BACALHAU

Se o lago fosse molho
 E o Baldo uma polenta
 O mãe que comilanta
 Se o mar fosse molho
 E os montes polenta
 O mãe, comilança!
 Polenta e bacalhau

(Lago di Garda próximo ao
 monte Baldo)

KIRIE ELEISON

Onde está este Bastião?
 Está com o rabo na mão
 No fundo da sacristia.
 Kirie para cima, kirie, kirie, sem kirie
 Kirie para cima, kirie, kirie eleison
 Eleison, eleison, eleison
 Onde está este vigário?
 Está escondido no armário
 No fundo da sacristia
 Onde está este Bertoldo?
 Está esperando dinheiro
 No fundo da sacristia
 Onde estão estas moças?
 Foram namorar
 No fundo da sacristia
 Onde estão estes rapazes?
 Estão comendo doce de amêndoas (polissemia intencional)
 No fundo da sacristia
 Onde estão estes jovenzinhos?
 Estão fazendo travessuras
 No fundo da sacristia.
 Onde estão estes senhores?
 Foram para os cantos
 No fundo da sacristia
 Onde estão estas senhoras
 ??????
 No fundo da sacristia.

MINHA MAE, A ESPOSA ESTA AQUI

Me minha, a esposa está aqui.
 Faça alegria, faça alegria
 Cara mãe a esposa está aqui.
 Como vamos comemorar?
 Dê-lhe a enxada e a faça carpir
 Como vamos comemorar?
 Dê-lhe a foice e a faça roçar
 Como vamos comemorar?
 Dê-lhe a pá e a faça cavar.
 Como vamos comemorar?
 Dê-lhe a agulha e a faça costurar
 Como vamos comemorar?
 Dê-lhe o esposo e a faça amar?

A ESTRADA DE FERRO

Agora que temos estrada de ferro
 Em meio dia se vem e se vai
 Tinquê, tanque, tum que, tinquê
 Agora que temos estrada de ferro
 Com um dia, boa jornada a cidade se vai
 Agora que temos estrada de ferro,
 Comida na panela nunca mais faltará.

ADEUS MAMAE

Mamãe eu parto vou a Milano
 Com a bandeira na mão retornarei
 Mamãe eu parto, vou a Trieste
 Depois das festas retornarei
 Mamãe eu parto, vou lá fora
 Quando chegar a hora, retornarei
 Mamãe eu parto, vou para a guerra
 Na primavera retornarei
 Pegue esta carta, leia esta folha
 O bem que te quero, ninguém sabe
 Olhe quantos ramos com pouca uva
 Se ela está verde, ela se fará

DOMINGO INDO A MISSA

Domingo indo a missa
 Acompanhada por meus admiradores
 Surpreenderam-me os meus genitores
 Freirinha me fizeram ser
 Oi sim, sim, oi não, não.
 Diga que me amas
 Sou inocente como o sol
 Que resplende sobre o mar
 Quero dar adeus ao amor
 Oi sim, sim, oi não, não.

Cortaram meus louros cabelos
 Eram longos, cacheados e belos
 Jovens chorem comigo.

A PASTORA

Lá no alto, em cima da montanha
 Havia lá em cima uma pastora
 Pastoreando seus cabritinhos
 Sobre a relva fresca e bela
 Ali passou um senhor
 Que lhe disse: "oi jovem pastora,
 Cuide bem de seus cabritinhos
 Se não o lobo os pilhará".
 Saltou do bosque um lobo
 Com a cara negra, negra
 E comeu o mais belo cabritinho
 Que a pastora tinha.
 Então, ela se pôs a chorar
 Por ver o belo cabritinho
 Ao encontro da morte.

OH BERNARDO

Bernardo, meu belo Bernardo
 Dê-me as nove consolações
 Pensou de andar pelo mundo
 E não voltar antes de 17 anos
 Assaram seis, sete, oito anos
 E o meu Bernardo não vejo retornar
 Vai ao estábulo dos cavalos
 E sela o mais belo
 Coloca a sela e depois o cabresto
 E vai até a orla do mar
 Ela viu chegar um navio
 Cheio de bravos soldados
 Em em meio a eles,
 Havia um pobre peregrino
 Caridade, caridade senhora
 Para este pobre peregrino.
 Se fosse meu belo Bernardo,
 Caridade poderia fazer
 Ele meteu a mão na sacola:
 Olhe o anel com o qual te desposei.

A MONTANHESA

Lá em cima das montanhas
 Entre bosques e vales dourados
 Entre as ásperas encostas ecoa
 Um cântico de amor
 A montanhesa ué
 Se ouve cantar
 Cantemos a montanhesa
 Para quem não a sabe
 Lá em cima dos montes

Entre córregos prateados
 Há uma cabana coberta de flores
 Era a pequena e doce morada
 De Soregina^o, a filha do sol

LONGE PARA O INFINITO

Longe para o infinito
 A entardecer
 O quanto me deleita
 Deslizar sobre as ondas
 Com um barquinho!
 Remar, remar sobre o mar
 Sopra suave como um carinho
 Sobre a face a doce brisa
 Deslisa, deslisa sobre o mar
 Deslisa barquinha
 Vai em direção ao doce lugar
 E a tua meta para o infinito
 Delisa barquinha sobre o mar
 Se você pudesse deixar as ondas
 Junto com a águia
 E docemente pelo céu voar
 Deslisa pelo mar, longe para o infinito
 Aquela é a tua meta
 Aquele é o teu lugar.

VAI O ALPINO

Vai o alpino sobre os altos cumes
 Passa ao vôo o esquiador
 Dorme sempre sobre os cumes
 Sonha com a mãe e seu lar.
 Entre rochas e abismos
 Sempre rápido é o seu caminho
 Quando passa a montanha
 Pensa sempre o seu destino
 Pensa alpino no teu destino,
 Tem geleira para passar,
 Porém com o coração tranquilo
 No despenhadeiro pode cair
 Pensa alpino na tua casinha
 Que agora tornará a ver
 Pensa na tua menina
 Ogulhosa do teu amor

ELA TEM SAPATOS ALTOS

Ela usa sapatos altos
 E saia rente meia perta
 Todos perguntam
 Que mistér ela sabe fazer
 Ela é lavadeira

^o A Soregina é um ente mitológico, filha do sol que habita as montanhas.

Ela lava e torce (polissêmia)
 Ela rebola (ou se prostitui) mena il culo in freta
 Para ganhar o pão.
 Olhe que belo ramos
 Com quatro ou cinco folhas
 Sem arranjar mulher
 Não se pode ficar

A FAMÍLIA DOS CORCUNDINHAS

Ontem a tarde sai a passeio
 Com o clarão da lua
 Encontrei por sorte
 A família dos corcundinhas
 O pai era corcunda
 A mãe era corcunda
 Os filhos todos corcundas
 O avô era corcunda
 Os netos todos corcundas
 A família corcundinha

PASSAMOS POR TRIESTE

Passamos por Trieste
 E vimos um belo jardim
 Dentro estava Teresinha
 Ela fazia um ramalhete
 Teresinha, Teresinha,
 Para quem faz este ramalhete
 O faço para os soldados
 Para que o levem a Umberto I
 O soldados, meus soldados
 Quantas milhas terão que fazer?
 Temos que fazer trezentas milhas
 Teresinha não quer mais
 A viagem é muito longa
 E o macinho murchará
 E ramalhete murcho
 Não é presenteável

RAINHAZINHA CAMPONESA

De madrugada desponta o sol
 Lá no Abruzzo todo de ouro
 Os prósperos camponeses
 Descem aos vales em flor
 Quando tem festa na aldeia
 Com seus balaies
 Vão trotando os burricos
 Ela os leva em direção da cidade
 Mas a tarde ao por do sol
 Quando com suas amigas vai
 Está toda concentrada
 Contando aquilo que viu na cidade
 Oi camponesa bela

Tu és a pequena rainha
 Nos teus olhos tem o sol,
 Tem a cor das violetas
 Dos vales floridos
 Se cantas, a tua voz
 E uma harmonia de paz
 Que se confunde e diz
 Se quiser viver feliz
 Deve vir aqui em cima.

A BELA VIOLETA VAI

A bela Violeta vai
 Vai sobre os campos sonhando
 Que seu Gingin a estava olhando
 O que admira Gingin amável
 Olho a ti porque tu és bela
 Quero saber se queres
 Ir comigo para a guerra
 Não, à guerra não quero ir
 Não quero ir
 Contigo para a guerra
 Porque se come mal
 E se dorme por terra
 Não, por terra
 Não dormirás, não dormirás
 Tu dormirás
 Sobre um leito de flores
 Com quatro soldados
 Que te atenderão

SOBRE O CHAPEU QUE NOS PORTAMOS

Sobre o chapéu que nós portamos
 Há uma longa pena negra
 Que nos serve de bandeira
 Sobre os montes a escalar
 Viva, viva o regimento
 Viva, a corporação alpina
 Sobre as montanhas nós iremos
 Colheremos stelle alpine (flores)
 Para levar às namoradas
 E fazê-las chorar e suspirar
 Para cima das montanhas nós iremos
 Levantaremos acapamento
 Brindaremos ao regimento
 Viva o sexto regimento alpino

A VELHA FEIA

Havia uva vez uma velha feia!
 Ela queria se casar
 Ela penteou seus cabelos e fez cachos
 E depois ela foi pela cidade.
 Ela encontrou um juvenzinho

E perguntou se ele queria se casar
 Ela o pegou pela mãozinha
 E o levou frente ao padre
 A primeira coisa que olhou
 Foi a sua boca
 Nela havia só três dentes
 E dos três um dançava,
 Outro pulava
 E outro fazia vento
 Saia daqui sua velha feia
 Você quer iludir este juvenzinho.
 Se não é moderna
 ela vai modernizar.-

NOSTALGIA

Quando estou longe do meu teto natal
 Revolto a alma em vão
 Em outra coisa não penso que na casinha minha
 Lá longe no vale
 Com lágrimas retorno ao meu ninho natal
 O lembrança dos belos dias no lar com meus irmãos
 Junto ao papai e minha mamãe espalhando alegria entorno
 Escapa-me o pensamento pela aura celestial
 Lanço vôo ligeiro que me surja o meu lar
 Volto a minha casinha lá longe no vale
 Levar a quem me espera a nostalgia filial
 Quando a noite chega a hora de ir repousar
 Entra-me no coração a nostalgia de lá
 Agora orando a Deus lhe peço com fervor
 Que estenda ao meu ninho o seu divino amor
 Desponta a alvorada, me levanto do leito para trabalhar
 Com o pensamento saúdo ao meu ninho natal
 E me retorna agora a nostalgia de lá
 Com o pensamento salto ao meu ninho natal
 E me vem agora a nostalgia de lá.
 E penso: Chegue a hora em que eu possa retornar.

QUANTAS ESTRELAS

Quantas estrelas tem no céu
 Mais que este tanto quero te beijar
 Bastaria um pela manhã
 Para poder te consolar
 Nós iremos atrás dos montes
 Procurar brancas roseiras
 A presentear diamantes ao entardecer
 No alto sopra o vento
 Que nas baixadas suavisa
 Mariolina suspirando
 suspirando para fazer amor

PASSEI POR BRESSAGLIA

Passei por bresságlia
 E vi um belo jardim
 Lá estava Teresinha
 Que fazia um ramalhete
 Eu disse: Oi Teresinha,
 E este ramalhete?
 Quando passarem os soldados,
 Quero dar ao meu primeiro amor

A TRANÇA LOURA

Vela moça da trança loura
 Chamada pelo nome de Veneranda
 Os jovens para você fazem a ronda (corte)
 Papai não quer, mamãe muito menos!
 Como faremos para fazer amor
 Quer você vir ao meu jardim?
 Você encotrará ó bela, uma tulipa
 Que foi feita para a tua cestinha (metáfora)
 E se me deres um olhar enamorado
 Eu, bela te quero dar a flor que tenho
 E que me deu amor
 Então te direi que rosas na primavera
 Não são queridas como você
 E você terá deleite e...
 Boa noite.

VIVA A POLENTA!

Dos grãos do belo milho passando pelo moinho
 Entre duras e toscas máquinas que nos dão
 A farinha de ouro que cozida em água fervente
 E bem temperada advem o alimento amável,
 Ao qual nós prestamos honras. E viva a polenta
 Cantemos todos que o corpo sustenta
 E alegre o coração Trá, lá, lá!
 Em outubro ????

A erva se assemelha ao sol, se semeia o milho
 De melhor qualidade.
 No mês de dezembro também se costuma de outro tipo semear
 Mas tem menor valor
 Agora que as espigas com barbas louras e negra
 Nos pés secam que descem dobrando-se
 Os camponeses as colhem
 E nas longas tardes, cantando os descascam
 Que alegres sons que bela sena rústica
 Ver a polenta fumegando sobre a mesa dos bons agricultores!
 Ver as palavras ingênuas que se aventam em torno a eles
 Com risos, gestos e alarido
 de ingênuo bom humor.

MONTE CANINO

Não se recorda do mês de abril
 Daquele longo trem que ia para a fronteira
 E transportava milhares de alpinos
 Embarquem, corram, e hora de partir
 Depois de três dias de estrada de ferro
 E outros dois de longa caminhada
 Sob o céu sereno tivemos que dormir
 Quem tiver fome
 Olhe para longe
 Quem tiver sede, tenha o copo na mão
 Que a neve nos refrescará

NOSTALGIA

Me recordo quando era menina
 Que gozava aquele mundo tão belo
 Passeava com este e com aquele
 Bendita liberdade! Tantas dotes eu tinha
 Agora sou infeliz
 Deves pensar antes de tudo
 Que o marido é um grande traidor
 E agora que estou casada
 Acabou minha alegria
 Peguei um velho muito ciumento
 Que a cada passo me vigia

A VELHA SIGOLA

Se você a visse, quando ela vai a missa
 Com que beleza, com que beleza.
 Firin, pom, pom,
 Ela vai ao mar, ela vai ao mar
 Ela vai ao clube para fazer amor
 Se visse quando vai para a cama
 Que é muito estreita, não cabe
 Se a visse quando vai ao campo
 Com todo mundo, ó que bom!
 A velha Sigola perdeu os dentes
 Com seu instrumento não soa mais
 Havia uma velha de oitenta anos
 Ela se enfeitava toda
 Para arrumar marido.

LEVANTEI-ME ESTA MANHÃ

Esta manhã me levantei
 Meia hora antes do sol
 Coloquei-me na janela
 Então vi meu primeiro amor
 Eu vi que ele conversava
 Com uma moça mais bela que eu
 Cara mãe, leve-me a igreja

Leve-me a um confessor
 Com a boca eu confessava
 Mas com o coração fazia amor
 Perguntei se é pecado
 Se é pecado fazer amor
 Com quem é belo não é pecado
 Com quem é feio, é pecado mortal
 Se é pecado, que seja
 A minha mãe me ensinou
 Quando pequena
 Quando menina aprendi
 Que com a palha se faz o chapéu
 E com quem é belo o amor se faz

A MARIANA VAI AO CAMPO

O Deus do céu
 Que faz florir as rozas (há versões que dizem: as abób-
 Faça-me encontrar maridos boras)
 Para todas estas moças!
 A Mariana vai ao campo
 Quando o sol se põe
 Quem sabe quando, quando retornará
 Por um marido existem tantas moças
 Que de amor ficam todas loucas
 E todas tem o grande desejo
 De sentir o que um marido
 Faz o coração experimentar

ITALIA BELA

Parto com a farda verde
 Para ir a fronteira
 Um adeus a minha mãe
 Eu vou para a guerra
 Deus abençoe o soldado
 Que tudo deu e gastou por ti
 Itália bela, valente e forte
 Sorriso eterno de primavera
 E Deus escreveu sobre tua bandeira
 O nome santo da liberdade
 Se agita sobre trieste
 A bandeira tricolor
 Que nasceu como fruto de fortes lutas
 Ela alegra nosso coração
 E já por terra e por mar
 Se ouve gritar: "Viva o rei"
 Mãe, te recordas
 Do dia que de teixeira
 "Querido filho me dissestes
 Um dia nos reencontraremos"
 E hoje depois da batalha
 Com uma medalha retorno a ti.

O MONTE GRAPA

O Monte Grapa, como és belo
 Tu és o matadouro da juventude!
 O Monte Grapa verde e branco,
 Grande campo-santo da juventude!
 Monte Grapa como és negro,
 Es o cemitério da juventude!
 Monte Grapa como és alto
 Es a derrota da juventude
 Monte Grapa como és forte
 Tu és a morte da juventude
 Monte Grapa, como és feio
 Tu és a destruição da juventude
 Bolsos vazios, mas nunca cansados
 Com o abate da juventude

VALE MAIS UM COPO DE DALMATO

Vale mais um copo de dalmato
 Que meu primeiro amor.
 Eu amava uma moça
 De olhos azuis cor do mar
 Não quero mais amar as mulheres
 Porque são falsas no amor

HAVIA TRES BELOS JOVENS

Havia três belos jovens
 Que cortavam o feno
 Foram até a casa
 Ver se a comida estava pronta
 Enquanto dois comiam
 O outro olhava para mim
 Não posso beber nem comer
 Estou enamorado por ti
 Tenho outro amor na França
 Que é melhor que você
 Te comprarei um vestido
 De trinta e seis cores
 Mandarei o tecido para
 Trinta e seis alfaiates cortarem
 Mandarei ser costurado
 Por um menino encantador
 E do que sobrar
 Dois macinhos de flores

ESTOU AQUI NA FIAÇÃO

Estou aqui na fiação
 Esperando que venha meu namorado
 Que venha fazer amor
 Lourinha, oi bela lourinha
 O bela lourinha amável
 Eu com a barquinha

E você com o timão
 Iremos lentamente, belamente
 Sobre a orla do mar
 Lá sobre a orla do mar
 Existe uma pequena fonte
 Com água fresca e bela
 Que me refresca o coração

ADEUS MINHA BELA

Adeus, minha bela adeus
 A esquadra se vai
 E se eu não partisse
 seria um ato vil
 O saco está preparado
 O fuzil está no meu flanco
 No despontar do sol
 Irei para longe de ti
 Não chores, oi minha bela
 Quepor certo retornarei
 Se eu morrer na batalha,
 Em cima, no céu te esperarei
 Não à fraterna a guerra
 Que eu combaterei
 Da italiana terra
 O estrangeiro expulsarei
 Soam as cornetas
 Agora devo andar
 Um beijinho para minha bela
 E viva a liberdade

EU TINHA QUINZE ANOS

Eu tinha quinze anos
 Ainda incompletos
 Estava com a mamãe
 E com a velha avô
 E você me abandonou
 Desposando outra mulher
 Adeus, pobrezinha
 Fico sozinha
 E eu que me chamava Rita
 E Rita fui traida
 Se no amor fui traida
 Desgraçada, chora a mãe
 Da filha desaventurada
 E maldiz o dia que ela nasceu.

NA CANTINA

Aquele vinho que está na cantina
 Está lá no fermentador
 Rápido, rápido, vamos lá em baixo
 Eu o quero provar
 Quando o vinho

Beberemos vinho
 Nós cantaremos sim
 E quando o vinho
 Nós cantaremos sim
 La bunba, óli, oi la
 Nós queremos aquele clarinho
 Que alegre e nos manda prá cama
 Logo, logo faz dormir
 Sem fazer-nos balançar
 E traga aquele verdinho
 Tem também um tinto
 Verdinho que dá alegria
 Verdinho que faz cantar
 Agora que o vinho já bebemos
 Mal humor foi embora
 Mas o mal humor voltou
 Na hora de pagar.

A ALFACE

A alface está na horta
 E a carne na dispensa
 Os filhos na cantina
 As filhas???
 Levantem filhos que já é dia
 A vossa mãe vos chama
 Ela vos chama no campo
 No campo para trabalhar
 Passou um e me saudou
 Passa outro, fez o mesmo
 Passou o meu namoradinho
 Nem ao menos me saudou
 Outra vez que ele passar
 Ficarei cabisbaixa e carrancuda
 Só para fazer-lhe saber
 Que boas maneiras ele não tem
 Ouça o trem, está para partir
 Ouça o apito do vapor
 Te saúdo minha mãe
 Deus sabe quando retornarei
 Beberei um copo de vinho
 E o amor do meu namoradinho
 O colocarei sob o travesseiro

A FORMIGA

O grilinho e a formiga faziam um belo par
 Quando se puseram, se puseram a...
 O grilinho e a formiga faziam um belo par
 Quando se puseram aos pes do altar
 Ao pé do altar, ao pé do altar
 Mas quando na formiga ele colocou o anel,
 O grilinho levou um tombo e feriu-se na cabeça
 Agora a formiguinha foi para a beira do mar
 Chamar um médico para medica-lo
 Mas quando a formiginha chegou na porta

Chegou a nova que o grilinho estava morto
 Então a formiga se sentiu mal
 E pela grande dor, jogou-se no canal
 Pobre grilinho que era tanto belo
 Quando portava a pluma sobre o chapéu

A POMBINHA

A pombinha tem asas
 E com elas toca o céu
 Toca o céu, toca a terra
 Esta primavera quero desposá-la
 Quero desposá-la por que é bela
 Ela tem uma estrela no meio do coração
 Se não é a primeira, é a segunda
 A loura cacheada, a quero depositar
 Quero desposá-la alegremente
 Para ficarmos juntos noite e dia.

VAMOS A CANTINA

Rápido, rápido vamos a cantina
 Sob a torneira do barril
 Beber daquele melhor
 Olhe bem, salve a pele
 Tu és cruel
 Deixa-me estourar (de tanto beber)

CAMINHANDO POR UMA ESTRADINHA

Caminhando por uma estradinha
 Ouvi um sininho soar
 Que sininho é este
 que meu coração não pode ouvir?
 Estará morta a minha bela
 Ao campo-santo a levarão
 Os vizinhos dos meus vizinhos
 A minha amada onde foi?
 Tua amada a levaram para a igreja
 bem vestida e iluminada
 Levaram-na para a igreja?
 A igreja de S. Antonio
 Está fechada num caixão
 Seus cabelos que eram tão belos
 A terra os apodrecerão
 Seus lábios que eram tão belos
 Nunca mais os beijarei
 Sua carne que era tão branca
 Os vermes a comerão
 Vizinhos dos meus vizinhos
 Minha amada não verei mais

A BEPINA

A Bepina se pôs na porta
 Com o lencinho na mão
 Pasou um juvenzinho
 Ela estendeu o dedo
 Bepina, oi bela bepina
 O que me prometestes
 As promessas que te fiz
 Bepina, as mantereí
 Contento o papai e a mamãe
 Bepina te esposarei
 E quando tiver te desposado
 Te ponho para trabalhar o campo
 Se a chuva te banha
 O sol te enxugará.

SE O DISTRITO ME DER O QUEPE

Se o distrito me der o quepe
 Eu pobrezinho, serei soldado
 Não chore amada minha
 Se eu vou embora, voltarei
 Se o distrito me der o fuzil
 E eu partir para fazer-me militar.
 Não chore amada minha
 Se vou embora retornarei
 Mãe minha, dê-me um beijo agora
 Quero um beijo agora, depois te deixarei
 Mas não chore que logo voltarei
 Mãe minha, sou soldado alpino
 Sou soldado alpino
 E para cima das montanhas irei
 Te trarei uma bela flor
 Com um beijinho de amor
 E a amada minha está chorando
 Chorando desconsolada
 Por me ver partir
 Por trinta e seis meses como militar

A MULA DE PARENZO

A mula de Parenzo
 Foi até uma bodega mula =moça
 De tudo ela vendia
 Porque não me amas mais
 A minha amada é velha
 A tenho de reserva
 Quando brota o pasto
 A solto para pastar
 A solto para pastar
 No mês de setembro
 Quando chega novembro
 Vou recolhe-la
 A levo pastar

Junto com as cabritinhas
 O amor com as empregadinhas
 Não farei mais
 Todos me chamam por loura
 Mas loura eu não sou
 Tenho cabelos negros
 Negros como o carvão
 Se o mar fosse molho
 E as montanhas polenta
 O mãe que comilança
 Polenta e bacalhau.

O DONO DA ADEGA

O dono da adega e um garçom
 Tragam-nos comida e bebida
 Tragam carne e vinho bom
 Com a minha carteira os pagarei
 Após comerem e beberem bem
 Se faz tudo para não pagar

OS SUSPIROS DAS MOÇAS

Quantos prantos e suspiros
 Que fazem essas moças
 Sobre os báculos das janelas baixas
 Com o lençinho na mão
 Com o lençinho na mão
 Elas enxugam os olhos
 Ao ver estes jovenzinhos
 Partirem para a guerra
 Vendo-os cair por terra
 Com uma ferida no coração
 Com uma ferida no flanco
 Se reencontrarão por mais um pouco
 Quando o céu quiser

MAMAE QUERIDA

Mamãe querida, eu sinto uma dor
 Meu primeiro amor foi ser soldado
 Será soldado de Garibaldi
 E cedo ou tarde retornará
 Se eu voltar, esta bela flor
 Será o amor que eu te trouxe
 E se eu voltar, com alegria
 Amada minha te desposarei

ADEUS AO QUARTEL

Adeus ao quartel
 Com todos os oficiais
 Sargentos e comandantes
 Não nos comandarão mais lá, lá, lari

Adeus ao quartel
 Ao porta granadas e ao cinto
 A revista da butina
 Não nos farão mais lá, lá, ri
 Ponha a máquina em movimento
 Todos nós somos burgueses
 E para a casa queremos ir

CLARIDADE SOBRE AQUELE MONTE

Lá onde o sol de levanta,
 Estavam três irmãs
 Todas as três amáveis
 A Giulieta a mais bela
 Se pôs a navegar (metáfora)
 Enquanto sobre o mar navegava
 Caiu-lhe o anel
 Ela olha para o mar
 Não vê nem ao menos o sol
 Lançando o olhar para as ondas
 Ela viu um pescador
 O pescador das ondas
 Venha pescar aqui mais perto
 Recupere meu anel que caiu no mar
 Se eu o recuperar para você
 O que você vai me dar?
 Eu te dou trezentas moedas
 E uma bolsa cheia
 O que quero é um beijo de amor
 Somente um beijinho de amor
 Se você quiser dar-me
 A noite eu quero um beijinho
 Pois ninguém nos verá
 A noite tem somente a lua
 Que não nos espionará

LA SOBRE O CARSO

Lá sobre o Carso
 Nós estávamos entrincheirados
 Onde se ouve as bombas explodir
 De onde se espera feliz retornar
 Onde se morre com grande valor
 Fui ferido no peito
 e obrigado a cair por terra
 os meus companheiros vejo partir
 E o inimigo vejo chegar
 Aquieta-te lá inimigo cruel
 Você não vê que estou para morrer?
 E o inimigo com o coração vil
 morrer me faz.

O TREM DE SOLDADOS

O trem de soldados que parte de Torino
 Em Milano não para mais
 Mas vai direto ao PiaVe
 Cemitério da juventude
 Nós partimos em vinte e nove
 Somente em sete retornamos aqui
 E os outros vinte e dois
 Foram mortos em San Doná
 Cara freira estou ferido
 Até amanhã não chego
 Esta flor para minha mãe
 Te deixarei para entregá-la
 Em nervasa há uma cruz
 Meu irmão foi sepultado lá
 Eu escrevi sobre ela
 "Nineto" para minha mãe encontrá-lo

A AMEAÇA DE UMBERTO

A ameaça de Umberto
 Você me fez tantas
 Você me roubou a amante
 Você me feriu o coração
 A Itália está florida
 A Itália é um belo jardim
 Vou ao jardim para colher uma flor
 E com os servidores faço amor
 O servidor não me engane
 Sou juvenzinha, posso morrer
 Mas ao cárcere me levarão.
 Querido é o meu bem que nunca vem
 Quatro palavras, estaria bem
 Olha o meu bem sentado sobre o feno
 Quanto mais o vejo
 Mais belo me parece

E TAMBEM CHECO BECO (FRANCESCO GIUSEPPE)

E também Checo Beco
 Queria ir para Roma
 Quando estava no meio do caminho
 Perdeu a ??????????????????
 E pim, pom, pim
 Bombardeio de canhão
 Também Checo Beco
 Era carroceiro
 E para não atrelar as mulas
 Atrelava sua mulher
 Esta noite, à meia noite
 Passava um aeroplano
 Sob o qual estava escrito
 Palavras em italiano
 Já revirei toda a Itália

E não encontro mais farinha
Ela está nas faces
De todas as senhoritas

A FORMIGUINHA

Que belo nariz tem a formiguinha
Que feio narigão tem o formigão
A formiguinha vai em cima da espiga
Ela pega o grão e vai-se embora
Que belos olhinhos tem a formiguinha
Que grandes olhos feios tem o formigão
Que belo dentinho tem a formiguinha
Que belo dente tem o formigão

BEBERROES

Dia depois, dia seguinte
Chega o vapor
temos que descarregar
Tra, lá, lá...
Descarregando um
Descarregando outro
Depois deu salto
Não quero mais descarregar
Tra, lá, lá...
Chega o patrão
Muito irado
Ascelerado,
Vá embora daqui
Que me perdoe
O senhor patrão,
Mas sem bebida
Não se trabalha.

LA NO VALE

Lá no vale há uma cantina
E a alegria dos alpinos
Se estou com minhas cores pálidas
Não quero médico
Se estou desbotada como um trapo,
Vinho e garrafas de vinho
Na encosta daquele monte
Há uma fileira de alpinistas
E a estrada de nós alpinos
Lá em Cervino existe uma coluna
E a Madona de nós alpinos
Lá no vale existe uma lourinha,
E a ruína de nós alpinos
Lá no vale há um ponto negro
E o cemitério de nós alpinos

ONDE VAI, MARIETINHA

Onde você vai Marietina
 Assim tão cedo em meio ao prado?
 Eu vou ao campo trabalhar,
 Se você estivesse sozinha
 Eu te acompanharia
 Se o orvalho se levantar,
 Te molhará o avental

E ANTES DE PARTIR

E antes de partir
 Quero saudar a praça (soldados)
 Eu vi uma moça
 Que está em meu coração
 Que está em meu coração
 Que está ao meu lado
 Não posso deixar por menos (perder a oportunidade)
 No bar dos homens,
 Há uma bela moça
 E quem a quiser por esposa
 Faça-a perguntar
 Faça-a perguntar
 Ao seu irmão maior
 Se ele lhe dá o anel
 O anel do amor
 E quem não quer ouvir
 Que feche seus balcões
 Nós somos patrões
 Cantamos aquilo que queremos

DESPONTA O SOL

Desponta o sol,
 Desponta o sol na colina
 E a trombeta, a trombeta soa
 Não, não chore
 Não chore minha querida
 No fim da guerra,
 No fim da guerra retornarei
 Você me diz que sou tua querida
 E nisso, e nisso eu acreditarei
 Mas a tua,
 Mas a tua amarga partida,
 Noite e dia,
 Noite e dia a prantarei
 Dê-me um cacho
 De-me um cacho dos teus cabelos
 Que no coração,
 Que no coração eu levarei
 Lá no campo,
 Lá no campo do meu castelo
 Noite e dia,
 Noite e dia o beijarei

QUANDO ESTIVERMOS

Quando estivermos em nossas casas
 A nossa mãe nos abraçará
 Onde estiveste, meu caro?
 Trinta e seis meses no exército
 Quanto estivermos em nossas casas
 A minha amada me beijará.
 Onde estivestes meu querido?
 Trinta e seis meses a fazer-me soldado

OLHE QUE BELA LUA

Olhe que bela lua
 Em meio a tantas estrelas
 Qual será de qual
 Que reza ao céu por mim
 Será a minha amada
 Outros a desposarão
 E eu ficarei soldado
 Ao invés de fazer-me soldado
 Prefiro ser assassino de estrada
 O primeiro tiro de canhão
 Que acerte em mim
 Olhe para o céu
 Veja uma nuvenzinha
 O coração da Marieta
 Que reza ao céu por mim
 Haja paz em tua bela alma!
 Doces as tuas penas!
 Feliz a flor dos anos!
 E viva Marieta no céu!
 Ela reza ao céu e aos santos
 Que eu faça bom retorno
 Feliz seja o dia
 Que te desposarei.

OLHE QUE BELA LUA

Olhe que bela lua
 Em meio a tantas estrelas
 Qual será a que reza por mim
 Que roga ao céu e aos santos
 Será a minha amada?
 Outros a desposarão
 E eu me farei soldado
 Ao invés de fazer-me soldado
 Prefiro ser assassino de estrada
 O primeiro tiro de canhão
 Que acerte em mim
 Olhe para o céu
 Verás uma nuvenzinha
 E o coração da Marieta
 Que reza ao céu por mim

Haja paz na tua bela alma!
 (Sejam) Doces os teus anseios
 Feliz a flor dos anos!
 E viva Marieta no céu!
 Ela reza ao céu e aos santos
 Que eu faça bom retorno
 Feliz seja o dia
 Que te desposarei

NO 29 DE JULHO V.II

No 29 de julho
 Quando eu esperava
 O cartão vermelho
 Devemos partir novamente
 Devemos partir novamente
 Com a tristeza no coração
 Deixando a amada
 Com os sardos a fazer amor
 E de Cagliari nós partimos
 E em Bari nós ficamos
 Em Durazzo embarcamos
 E na Grécia nós chegamos
 Motorizados e a pé
 Com a pena no chapéu
 Com a muchila flagelada
 Para o alpino é sempre assim
 A você, querida "capela" ? (OU BARRETE)
 Te entrego a medalha
 Nós a conquistamos
 No campo de batalha
 Com sangue e suor
 Para levar a Roma
 Civilidade e honra

VOCE SE RECORDA ADELINA?

Você se recorda Adelina
 Sob a, sob a sombra daquele ramo
 Me dissestes: Te amo, te amo
 Era tudo falsidade
 Mas porque
 Adelina não pensas mais em mim?
 Os bersaglieri são melhores que eu?
 Irei para cima da montanha
 De eremita me vestirei
 Todo o tempo da minha vida
 Penitência eu farei
 Irei pelas estradas
 Pela via do campo-santo
 Quatro lágrimas de pranto
 Dos teus olhos correrão
 Enquanto viveres nesta terra
 Nunca terás paz
 Porque sempre te lembrarás
 Da tua falsidade

A MUSICA DOS INSTRUMENTOS

Oi compadre, o que sabe tocar?
 Que instrumento sabe soar?
 Sei tocar o carrilhão
 Que som ele faz?
 Trintete, faz o carrilhão
 Oi compadre que instrumento sabe tocar?
 Sei tocar o tamborim
 Que som ele faz?
 Pifete, pafete, faz o tamborim
 Oi compadre que instrumento sabe tocar?
 Sei tocar o violino
 Que som ele faz?
 Ino, ino, faz o violino
 ...guitarra, gaita, flauta, violão...

A MUSICA MODERNA

A música moderna
 E feita pela reunião de quatro gatos
 Que cantam como loucos
 Miao, miao, miao
 E todos os gatos fazem
 Miao, miao, miao
 O primeiro gato
 E como o (gato) da cozinha
 Com voz fina começa a miar
 O segundo gato então
 E como o da sala de estar
 Com voz de fagote
 Começa a miar
 O terceiro gato
 E como o do sótão
 Com voz chorosa
 Começa a miar
 O quarto gato então
 E aquele da cantina
 Com voz jocosa
 Começa a miar

ONDE ESTA A MARIANA

Onde está a Mariana
 Que aqui na praça não a vejo?
 Está fechada no quarto
 Para costurar e bordar.
 O que ela borda?
 Ela borda rosas e flores
 Em que ela borda?
 Em lencinhos e toalhas de mão
 O lencinho a darei para a minha bela
 E as toalhas serão para mim
 Dê-me aquele belo cravo

Que eu o porei sobre o chapéu
Vá ao horto, vá pegá-lo
Cuide para colher o mais belo.

SE ESTA DE PORRE

Estará de porre, se estará embriagado,
Estará perdido pela cidade
Faz três dias que chove e venta
E meu marido não chegou
Ele pensava que eu estivesse chorando
Chorando de paixão
Jamais estive morrendo de paixão,
Não será desta vez que morrerrei

A PERDA DA MAMAE

De manhã, me levanto às nove
Ajoelho e ponho-me a rezar,
Com as lágrimas banho o chão
E por aquele amor que me destes
O se soubesses minha cara mãe
Quanta aflição tu me deixastes
Dê-me conforto, não me deixe morrer
O morte feia, cruel e sem pena
que a minha mãe roubou
O meu coração por uma espada transpassado
De dor me faz morrer
E lá no fundo do branco cemitério
Uma cruz vejo colocarem
Com palavras escritas em ouro
Com o nome de meu bem
Mas quando entro no branco cemitério
A tua tumba quero ver
E no mármore uma flor deposito
Como prova do meu amor
Junto aos teus despojos eu estou
E tenho a impressão de ouvir uma voz
Dizendo-me: Lembra-te filha
De tua mãe que tanto te amou
Ouço uma forte voz no céu
Que ecoa preces de amor
E a minha mãe que reza pelo filho
Por aquele filho que ela deixou

A BANDEIRA TRICOLOR

A bandeira tricolor
Sempre foi a mais bela 2x
Nós a queremos sempre bela
Nós queremos a liberdade 2x
Nós iremos a Roma santa
Nós iremos ao Capitólio
Plantaremos sobre os escombros (ruínas)
A bandeira tricolor

Quando estivermos em Roma santa
 Combateremos o sangue escuro
 Plantaremos sobre aquele muro
 A bandeira de três cores
 Branca, vermelha e verde
 Pela manhã e a tarde
 Se a vê tremular

ESTA MANHÃ LEVANTEI-ME

Esta manhã levantei-me
 Uma hora antes do sol
 Fui até a janela
 E lá vi o meu primeiro amor
 Tinha ao seu lado uma moça
 Imaginem a minha dor
 Cara mãe leve-me a igreja
 Aos pés de um confessor
 Com a boca direi os pecados
 E com os olhinhos farei amor
 A penitência que ele me deu
 Era que eu abandonasse
 O meu primeiro amor
 E eu ao invés de abandoná-lo
 Contento-me em morrer

A GIGIOTA TEM UM MENINO

A Gigiota tem um menininho
 Que bonitinho, que bonitinho
 A Giogita tem um menininho
 Que narizinho, que narizinho!
 A Gigiota tem um menininho
 Que boquinha, que boquinha!

OS TRÊS TAMBORES

Haviam três tambores
 Que vinham da França
 Pim, pom, pom
 Com aqueles três tambores
 O mais belo dos três
 Portava uma rosa
 E a filha do rei pergundou:
 Você me dá essa rosa?
 Sim eu te darei se me prometer
 Que será minha esposa
 Eu te prometo sim (mas,)
 Onde estão tuas riquezas?
 As minhas riquezas, são a terra
 E o mar da França
 Vá para lá vilão, com os bois
 Vá trabalhar a terra,
 A paga do vilão
 E três hectares e pouco ao dia

O ANGIOLINA, BELA ANGIOLINA

Oi, Angiolina, bela Angiolina
 Estou enamorado por ti
 Apaixonei-me outra tarde
 Quando vim dançar contigo
 Ela tinha um vestido vermelho
 E seus sapatinhos tinham rosinhas
 Sapatinhos com rosinhas
 Feitos especialmente para dançar
 Venha na sexta, venha no sábado
 Quando meu pai não estiver

A BELA ADORMECEU

A bela adormeceu
 Sob aquele branco arbusto
 Passou um cavalheiro
 Andando por aquele jardim
 Ele colheu uma rosa
 E a colocou no seio dela.

A BELA POLENTA

Quando se planta bela polenta
 A bela polenta se planta assim
 O,o,o,o, bela polenta assim | refr.
 Cia, cia, pum, cia cia pum, pum pum pum !
 Quando cresce a bela polenta,
 A bela polenta, ela cresce assim
 Se planta assim, ela cresce assim
 REFR
 Quando floresce a bela polenta
 Ela floresce assim
 Se planta assim, ela cresce assim, ela floresce assim
 REFR
 Colhe, debulha, moe, cozinha, mexe, corta, come,
 degusta, tosta...

A MARIANA VAI AO MERCADO

A Mariana vai ao mercado
 Quando os outros estão voltando
 A mariana vai ao mercado
 Quando os outros estão
 Voltando daqui e dali
 Ela vai comprar um cavalo
 Ela montou numa mula
 E amarrou-a numa pereira
 Caiu sob uma ameixeira
 Mandaram chamar um médico
 Chamaram o padre
 Mandaram chamar o sacristão

A BRIGA

Outra tarde estava andando por Veneza
 E vi armar-se uma briga:
 Mas veja que a coisa estava feia
 Isto aconteceu na semana passada
 Dois corcundinhas de baixa estatura
 Falavam coisas em segredo
 Mas tinham um grande medo
 Que as gentes os escutassem
 Eles falavam palavras
 E deram-se murros nos queixos
 Acabaram rolando para o canal
 Quando a manhã começou a despontar
 Escutava-se: Corcunda feio!
 Disse Matias,
 Vá para as galés! Disse o outro
 Se eu sou corcunda, você também
 Não é ereto
 Sobre as tuas costas há um convexo
 Já girei cidades e aldeias,
 Já vi lugares longínquos
 Mas vos digo que uma raça de cães
 Como estes corcundas,
 Não encontrei jamais

PELEGRINO DE S. ANTONIO

Pelegrino de S. Antonio
 Oi trá, lá, lá
 Reze ao santo por mim
 Reze de todo o coração
 Para que me faça encontrar marido
 Que ele tenha dezoito anos
 Porque dezesseis tenho eu
 E zin e zom, e zin e zin
 Faça vigia a S. Antonio
 Para o o meu matrimônio
 E zin, e zom, e zin e zom
 Reze por mim
 Para que ele me dê uma alcova
 Com duas camas de fino lustro
 Com cobertor de pura lã
 E lençóis de puro linho
 E zin...
 Reze a Santo Antonio por mim
 Que ele me de matrimônio
 E zin...
 Que me de um lindo berço
 Onde ficará meu filhinho
 Com rendas de seda vermelha
 E de plumas o travesseiro
 Que ele me de uma coberta
 E tenha em cima um sininho
 Que quando o neném se mexer
 O sininho faça drim, drim
 E zin, e zom

A VALSUGANA

Quando formos até a Valsugana
 Vamos reencontrar a mamãe
 Para ver como ela está
 A mãe está bem
 Mas o papai está adoentado
 O meu bem partiu como soldado
 Quem sabe quando,
 Sabe quando retornará
 Todos dizem que ele
 Encontrou outra namorada
 Que história doida (algumas versões: dolorosa)
 Que eu não consigo acreditar
 Nela eu não creio não
 Mas se fosse mesmo verdade
 Louro ou moreno, esta tarde
 Um outro encontrarei

A BELA VAI A FIAÇÃO

A bela vai a fiação
 Para ganhar o pão com seu suor
 Eu a vi ontem fazendo amor
 Com seu marido
 Quando vejo você
 Parece que vejo o paraíso
 Quando te vejo no meio do mar
 Parece que estou remando
 E uma barca deslizando

FIA, FIA

Quer vir comigo em cima da montanha,
 Onde tem erva enxuta que não nos molha?
 Fia, fia enquanto a roca gira
 Fia, gira, gira, fia
 Até o fuso terminar⁶
 Quer vir comigo lá em baixo no campo
 Onde nasce o milho e a alfafa?
 Quer vir comigo, belra esta noite?
 No tempo da vinificação
 Te darei castanhas cozidas
 Quer vir comigo para cima da montanha, oh minha bela
 Onde a nossa estrela veremos resplandecer

COMENDO POUCCO

Pela manhã, tem café
 Ferepe, pepe

⁶ A palavra "fuso" refere-se ao pênis masculino.

Mas sem açúcar
 Porque não tem
 Comendo pouco, comendo pouco
 Fica-se fraco, fraco, fraco.
 Fica-se apático
 Não se consegue mais ficar em pé
 No meio dia tem massa
 Porém parece resina de madeira
 A noite tem sopa
 Mas parece água fresca
 Que nem serve para lavar os pés
 A noite tem o vinho
 Mas sem pão, porque não tem
 Meia noite tem a cama
 Mas é um pauzinho
 Que não fica em pé.

SOBRE AS ONDAS VAI A BARCA

Sobre as ondas vai o barco lentamente
 Pelos céus azuis e belos
 Cantando vão os anjos brincalhões
 E rema o anjo belo com seus remos de ouro
 E canta uma canção:
 Fazem eco do balcão, suavemente
 Fazem eco à canção da beira mar
 Louvai ao Senhor!
 Esteja a paz em cada coração,
 Misticamente
 Põe-se o sol de ouro
 Em meio ao mar nesta noite doce
 Faremos a prece "Ave Maria"!

BEPINO

Bepino foi ao quarto
 Ao quarto de uma senhora
 A qual dormia sozinha
 E não pensava em nada
 Bepino deu-lhe um beijo
 E ela nem sentiu
 Bepino deu outro
 Ai de mim que fui enganada
 Não te enganei
 Eu sou aquele jovenzinho
 Que tanto amor te trago
 Se é aquele jovem
 Sente-se ao lado da cama
 Farei amor esta noite
 Até que a andorinha cante
 O andorinha amável
 Tu és uma cantora
 Tu cantastes esta noite
 Antes da tua hora
 O lourinha amável
 Você é uma cantora

Você cantou esta noite
 Você me deixou feliz

DE MANHÃ CEDO

De manhã cedo
 Se ouve os tambores batendo
 Oi, lá, ri, le, rá
 Dê-me as saudações que estou para partir
 Diga-me oi bela, se queres vir
 Oi, sim, sim, eu iria
 Mas onde me levarás
 Te levarei a praia do mar
 Onde é a casa do marinheiro
 Quando terminaram de comer e beber
 Acenderam uma vela
 Agora chegou a hora de dormir
 Diga-me bela se queres ir
 Oi, sim, sim, eu iria
 Mas te peço que não me toques
 Sou virginsinha, digna de casar
 Pense antes quando estivestes
 Com o marinheiro
 Tu não es mais filha diga para casar

SENHORA DÊ-ME UMA ESMOLA

Senhora dê uma esmola
 Faça um bem
 A caridade a este pobre velho
 Que está puco bem
 O que quer belo velho?
 Quer um copo de vinho?
 Não, não senhora
 Tenho um copinho
 O que quer belo velhinho
 Quer um naco de pão?
 Tenho um na mão
 O que quer caro velho?
 Quer dormir sobre o feno?
 Sim, sim, cara senhora
 Isto não vai mal, nem vai bem.

O SOL

O sol atrás dos montes já se pôs
 Em cima, o céu já começa a se enevoar
 Eis a branca lua a iluminar o mar
 O lua, suave e querida que resplende
 De raio em raio, queria subir
 Para depois com você ir morar no céu

VIVA A NOSSA AMERICA

Viva a nossa América
 A nova redescoberta!
 Nós lhe daremos a enxada
 Viva a nossa América
 Nós daremos as nossas enxadas
 Para os ricos do Tirol
 E com os bigodes dos ricos
 Faremos muitas excovas
 Só para lustrar nossas botas
 Quando voltarmos a Itália
 E com que coração moreninha (Há versões: com aquele...)
 Tu me deixas
 Quando estivermos sobre o mar
 E o mar fizer ondas
 Até a vista, louras
 Não nos veremos mais.
 Não é a primeira, nem a segunda
 A de cabelos luros encaracolados
 A quero resposar.

SOBRE O CASTELO DE MIRABEL

Sobre o castelo de Mirabel
 Havia uma que cantava
 Sobre o castelo de Mirabel
 Ela cantava tanto bem
 Que até na França se ouvia
 O filho do rei
 Perguntou quem cantava
 E a filha do camponês
 Todos dizem que ela é bela
 Ela se fez ver
 Por três soldados armados
 E o mais belo dos três
 Foi quem a enganou
 A mandaram embora para longe
 Em uma prisão funda e escura
 Lá ela ficou sete anos
 Sem ver o sol nem a lua
 E no fim dos sete anos
 Ela descobriu uma janelinha
 Que dava para o mar
 Ela viu o seu pai
 Papai, caro papai
 Que dirão as pessoas na França?
 Todos falam mal de ti
 Que você é filha roubada
 Eu sou uma mulher casada
 Onde está o teu marido?
 Meu marido foi a guerra
 A que guerra ele foi?
 Foi a aguerra de Napoleão
 Que libertou a França

Quem libertou a Itália e a França
Foi Vitório Emanuel

CIRIBIRIBIM

Ciribiribim, manhã de festa
" não se trabalha
" tenho a namorada
" para ir ao seu encontro
" Vou encontrá-la porque ela é bela
" ela tem uma estrela no meio coração
" que resplende
" que me dá consolo
" E a alegria vem dos jovens
" e não dos velhos casados

A FAMILIA DOS CORCUNDAS

Corcunda é o pai
Corcunda é a sua mãe
Corcunda é a sua irmã (Há versões: também a filha da irmã)
Era assim a família dos corcundinhas (V: do corcundão)
No dia do casamento
Havia mais de cem
Com as corcundinhas faziam espanto
A família dos corcundinhas
No dia da festa
Estavam lá os músicos
Todos com suas corcundas
A família dos corcundinhas (V: do corcundão)
Depois de nove meses
Nasceu um menininho
Também ele corcundinha
A família dos corcundinhas
No dia do batismo
Vieram dois padrinhos
Todos os dos corcundinhas
A família dos corcundinhas

A SUZANA

O Suzana, vista-se, lerá
Que ao baile quero te levar
Quando você chegar ao baile
Ninguém mais irá dançar
Somente o filho do conde
Dois ou três giros ele a fará fazer
E durante os dois ou três giros
Suas três rosas caíram
E ao juntar uma rosa
Um beijo ele deu
E o único que viu foi seu pai
Suzana vamos embora que o baile terminou
Quando chegaram no meio do caminho
Começou a esbofeteá-la

Papai porque me bate?
 Você acha que eu merecia?
 Que doida você é
 Você se deixou beijar!
 Fui beijada por tantos
 E nunca me devoraram
 As rosas por um mês
 Não perdem a cor
 E eu por um beijinho
 Não perderei minha honra

BOM DIA MORENINHA

Bom dia moreninha
 Como você vai?
 Hoje eu vou bem, trolerá
 Amanhã não se sabe
 Amanhã iremos ao campo
 Com uma espingarda nova
 Nós a poremos a prova, trolerá
 Para ver que tiro que ela dá
 Ela dá um tiro longo
 A bala se aproxima
 Te escreverei moreninha, trolerá
 Da vida do soldado
 A vida do soldado
 E uma vida dolorosa
 Longe da amada, trolerá
 E próxima do coronel
 Quando o coronel vai embora
 O general me manda
 Que soemos a banda, trolerá
 A banda dos bersaglieri
 A banda dos bersaglieri
 E uma boa banda
 Lremos a Roma, trolerá
 Para ver o papa e o rei
 A vida do soldado
 E uma vida santa,
 Ele come, ele bebe e canta, trolerá
 Preocupações não tem
 Pensamento tenho um
 E aquele da namorada:
 Aquela feia vergonhosa, trolerá
 Ela me pôs em liberdade

CHEGOU A HORA DE PARTIR

Chegou a hora de partir
 Sobre a minha barca, se quereis vir
 Nós iremos ao alto mar
 Lá acenderemos um belo fogo
 Alguma coisa nós cozinharemos
 A moda do barqueiro
 Barqueiro leve-me embora
 Quero contar para a minha mãe

Quero contar-lhe a desonra.
 Eu fiz quatro passos
 E encontrei uma velhinha
 Que disse: Oi minha pequenina
 Como vai a tua honra?
 Eu fiz quatro na sala e três na cozinha
 Só para escrever uma cartinha
 Com o sangue do meu coração

GIULIETA MINHA

Giulietta minha,
 A mãe te chama que te quer falar
 Ela quer te dar a um jovem sapateiro
 A um jovem sapateiro não
 Porque me faz o dia todo puxar linha
 E este mistér eu não faço não.
 Giulietta minha, a mãe te chama
 Ela quer te falar
 Ela quer te dar a um jovem camponês
 A um jovem camponês, mãe minha, não, não
 Porque todo dia me faz trabalhar na enxada
 E esse mister me cansa, mãe minha, não não
 Giulietta minha, a mãe te chama
 Ela quer te falar
 Ela quer te dar a um jovem (cafeteiro) comerciante de café.
 A um comerciante de café, mãe minha, sim, sim
 Porque todo dia me faz café com leite
 E esse mister me apraz, mãe minha, sim, sim

QUEREM SABER?

Querem saber o que fazem as mulheres
 Quando saem seus maridos?
 Elas se penteiam e se fazem belas
 Então vão ao convento dos frades
 Ah, ah, ah!
 Uma soada no sininho
 O frade mais belo vem ao portão
 A primeira coisa que ele pergunta:
 Mulher, está em casa o teu marido?
 Ah, ah, ah!
 O meu marido foi ao trabalho
 Estamos seguros que lá em cima não está
 Ah, ah, ah!
 Que em casa não está
 E faremos um caldinho
 Dentro, um ovinho e queijo ralado
 Ah, ah, ah!
 Aqui tem salame,
 Aqui está o presunto⁷
 Aqui tem tudo o que quiser
 Ah, ah, ah!
 O que quiser

⁷ As palavras "salame" e "presunto" referem-se ao pênis masculino.

OI BARQUEIRO DE BRENTA

Oi barqueiro de Brenta
 Emprésteme a barquinha
 Que quero ir na gondola
 Quero ir na gondola
 Quero ir ao alto mar
 Eu a empréstimo sim
 Basta que retorne
 A barca afundou
 E não volta mais
 A barca voltou
 Toda vestida de novo
 Lá dentro me encontro
 Ao lado do meu bem
 E ao lado do meu bem
 Me encontrarei feliz
 O coração me diz
 Nineta, a fazer amor

QUERIDA MAMÃE

Querida mamãe
 Dê-me um beijo agora
 Dê-me um beijo agora, depois te deixarei
 Mas você não chore mais
 Que logo voltarei
 Oh querida mamãe, sou soldado alpino
 Para cima das montanhas irei
 Te trarei uma bela flor
 Com um beijinho de amor
 E a amada minha está lá chorando agora
 Chorando desconsolada por me ver partir
 Por trinta e seis meses como militar
 O querida mamãe, em breve nos veremos
 Logo nos veremos, então ficarei contigo
 Te estreitarei junto ao meu coração
 Quando nos tornarmos a ver
 Querida mamãe reze sempre a Deus
 Que rápido acabe esta crueldade
 Cara mamãe falta pouco tempo
 Você não sabe como é a vida aqui
 Te contarei com vagar quando retornar
 Cara mamãe falta pouco tempo para o dia
 Em que retornarei a ver quem sempre me amou
 Cara mamãe, já parti e já vou a ti
 Chegarei esta tarde se o bom Deus quiser
 Cara mãe como tem sofrido!
 Faz tanto tempo que não te vejo mais...
 E quantos suspiros
 Caro papai, quanto senti
 Ter que partir e te deixar
 Para fazer-me soldado

Quer dizer que esposa
 A desejaria também eu
 Se eu a encontro pequena, pequena, pequenina
 Ela varre a cozinha e outra coisa não faz
 Se a encontro grande, grande, grandona
 Desejará fazer-se de patroa
 E eu terei que ficar num canto
 Se eu a encontro grande, cumprida e pobretona
 Lá se senta na poltona e não faz mais nada
 Se a encontro preguiçosa
 Preguiçosa e vagabunda
 Ela se senta na poltrona
 E não faz mais nada
 Se eu a encontro rica, rica, ricaça
 Ela vestirá calças e comandará a mim
 Se a encontro pobre, pobrezinha
 Necessitarei de uma mina
 Para dar-lhe de comer
 Se a encontro gorda, gorda, gordalhona
 Ela me ocupa toda a cama
 O colchão é estreito
 Nele em dois não se fica
 Se eu a encontrar gorda, o colchão é estreito
 Terei que arrumar mais um pedaço
 Para poder ficar em dois
 Se eu a encontrar uma magra, magérrima
 Todos a chamarão de arenque
 E eu vou ter que gastar para fazê-la engrodar
 Se eu a encontrar feia, a terei para sempre
 Quando vier perto de mim, ela me fará espavento
 Se encontrar uma bela,
 Terei sempre gente em casa
 E eu necessitarei calar e deixa-la divertir-se
 Se eu a encontrar bela, belíssima
 Terei sempre gente em casa
 E eu terei que calar-me
 E passar por rufião
 Não, não, não me caso não
 Porque sou um pouco ciumento
 Não servirei para esposo
 Nenhuma desposarei
 A história acabou
 Colocaremos um prego
 Cada um a quer a seu modo
 Assim também a quero eu

O FUMANTE

Aos quinze anos quando fumei
 Pela primeira vez, fiquei tonto
 Agora não sinto náusea nem dor
 Sou fumante, sou fumante
 Cim, lará, lará, lará, cimpá!
 Sou fumante.
 Fumam os pobres, velhos, ricos e operários
 Somente o médico não fuma nunca
 Eu não me associa a um tal doutor!

Sou fumante, sou fumante
 Fumar cachimbo não é pecado
 Disse o pároco que o deu para mim
 Deixem-me passar, mostrem-me respeito!
 Sou fumante, sou fumante

ADEUS MINHA BELA

Adeus, minha bela adeus
 Cantava ao partir meu tesouro
 Te deixo o meu coração
 O rei me espera no campo de honra
 Com aqueles olhos ela me olhava
 Enquanto com a boca me beijava
 Tinha sobre o peito nossas três cores
 E dentro do coração um sonho de amor
 Adeus, minha bela adeus!
 Cantava a juventude ao partir
 O meu bersagliere,
 Fazem três meses que você não me escreve mais
 O vi sobre a fronteira
 E o meu coração espera, espera
 Olhando para o céu e para o mar
 E não o vejo nunca voltar
 Adeus minha bela, adeus!
 Sussurra o vento entre as folhas
 Dizia o meu amor:
 Quem pela pátria morre, não morre não
 Mas e para mim
 Não quer Deus que tu retornes ao meu flanco
 Eu te juro sobre minha honra
 Que morrerei por ti meu doce amor
 Adeus minha bela, adeus
 As balas assoviam daqui e dali
 Enquanto os embaixadores
 Estão com o jornal e o cigarro na mão
 Nós estamos prontos com a baioneta
 Como moscas nós devemos morrer
 E os embaixadores vão se divertir.

O GALINHO, O GATINHO E O ASNO

Um galinho ao amanhecer
 Me diverte e me encanta
 Quando ele canta um quarto de hora
 Quando faz qui, qui, ri, qui
 Um gatinho seja negro ou rosado
 Quando se põe a miar
 Não posso resistir
 Quando ele se põe a fazer miao, miao, miao
 O asno que no verde prado
 Está tranqüilo pastando
 Me alegra candando assim
 Com aquele seu hi, ho, hi, ho...

BOA NOITE

Boa noite caros senhores (patrões)
 Que nós iremos repousar
 Repousaremos metade da noite
 E outra metade faremos amor
 Faremos amor para sempre
 Deixemos esta gente repousar
 Meio litro nós beberemos
 E outro meio beberemos sim
 Desponta a luz da manhã
 Ela me faz chorar e suspirar

A BELA VAI AO BOSQUE

A bela vai ao bosque
 Ela parou na sombra
 Havia um jovenzinho
 que nos fazia a cõrte
 Olhe que belo menino
 Belo era mesmo
 Era não belo
 Que me parecia uma estrela
 E foi embora fazer-se soldado
 Soldado da marinha
 Quem será que chora?
 Será a de cabelos cacheados
 Chegou a permissão da sua mãe (ou: para vêr sua mãe)
 A bela de cabelos cacheados
 Já estava casada
 Eu disse sempre
 E torno a dizer agora
 A bela de cabelos cacheados
 Foi sempre uma traidora

QUANTO ME APRAZ

Quanto me apraz o amor, camponesa!
 Tarde e manhã ao câmpo se vai
 Ao campo se vai com duas ou três moças
 Com as mais belas faremos amor
 Com quatro níqueis se monta no vapor
 Com quatro moedas a Veneza se vai
 Em Veneza eu nasci
 Veneza é bela
 Bela porque é cheia de soldados
 Vós soldados façais vosso dever
 Peguem as moças e levem-nas para o quartel
 O soldo é pequeno
 Roubar não se pode
 Deixar só a a namorada, é uma grande desonra
 Deixar a namorada é uma grande desonra

A JARDINEIRA

Oh jardineira, tu és a minha esposa
 Da-me uma rosa do teu jardim
 Não posso dar-te esta bela flor
 Ela é a desonra do meu jardim.
 Pegue esta carta, leia esta folha
 O bem que te quero ninguém sabe
 Pegue esta carta e este retrato
 O bem que te dei, ninguém sabe.

SEGUNDA OI SEGUNDA

Segunda, oi segunda, encontro a bela no mercado
 A comprar maçãs
 Segunda maçãs, depois ela se vai
 Terça, o terça! Encontro a bela no mercado
 A comprar pratos
 Segunda maçãs, terça os pratos
 E depois quarta, oi quarta!
 Encontro a bela no mercado a comprar ameixas
 Segunda maçãs, terça os pratos, quarta ameixas
 Quinta encontro a bela no mercado
 A comprar roupa
 Segunda maçãs, terça os pratos, quarta as ameixas,
 Quinta as roupas
 Sexta encontro a bela no mercado
 A comprar gêneros
 Segunda maçãs, terça os pratos, quarta as ameixas, quinta
 As roupas, sexta os gêneros
 Sábado, oi sábado!
 Encontro a bela no mercado a comprar o ábaco.
 Segunda.....
 Domingo encontro a bela no mercado a (far la fêmena) a se
 exhibir ou se pavonear

A FILHA DA VIUVINHA

Vamos até a viuvinha
 Ela tem uma filha para casar
 A minha filha é jovem demais
 Esperemos ainda três anos
 Que ela fique um pouco mais velha
 Três anos já se passaram
 A minha filha não quero dar
 Seu irmão na janela
 Mamãe deixe-a ir
 Daremos o cavalo branco
 Que é mais bravo de se cavalgar
 Vá então minha filha
 Mas estou certa que te arrependerás
 Quando ela estava sobre a cela
 Seu cavalo se assustou
 Filha minha segure as rédeas (rédeas/virgindade)
 Segure as rédeas do teu cavalo

Até agora as segurei
 mas agora não consigo mais
 Escreverei uma cartinha
 A enviarei ao meu irmão
 Ele a lerá
 A minha mãe chorará
 As palavras da minha mãe
 Eram cheias de verdade
 E aquelas do meu irmão
 Foram as que me enganaram

A DE CABELOS CACHEADOS

A de cabelos cacheados vai a estação
 Para ver os seus vagões
 Ela viu seu primeiro amor
 Que estava vestido de oficial
 Ele portava uma espada
 Eu te saúdo, oi cara bela
 Quando voltar te desposarei
 A de cabelos cacheados vai a missa
 Com as mãos no avental
 Todas as pessoas que a encontravam
 Perguntavam-lhe como ela vai
 Vai bem, vai mal
 Mas com vós outros não quer falar
 A de cabelos cacheados
 Se senta numa mesinha
 Só para escrever uma cartinha
 Para enviar ao napolitano
 Napolitano foi a Verona
 Lá encontrou outra namorada
 A de cabelos cacheados, pobre moça
 ficom para casar
 Ela foi para a sozinha
 E começou a chorar forte
 Oi cara mamãe, dê-me a morte
 O napolitano abandonou-me

DIZ O VELHINHO

Diz o velhinho
 Farei um jardim
 Por certo colherei e
 Ela virá
 Todas as outras já vieram
 Mas a minha bela
 Mas a minha cara, não, não, não
 Diz o velhinho:
 Farei um palácio
 que por certo ao vê-lo
 Ela virá,
 Todas as outras já vieram
 Mas a minha bela
 A minha cara, não não não

TODAS AS MAES

Mulheres! Mulheres! Mulheres!
 Que o amor transformará em
 Mamães, mamães, mamães!
 Este é o dom que Deus me dá,
 Entre fraldas e coeiros
 Quantos sonhos no coração
 Por um menino que nasce
 Quantas alegrias, quantas dores!
 São todas belas as mães do mundo
 Quando um menino estreitam ao coração
 São a beleza de um bem profundo
 Feito de sonhos, renúncias e amor
 E tão belo o vulto de uma mulher
 Que atende a um neném e repouso não tem
 Parece a imagem da Madonna
 Parece a imagem da bondade
 E os anos passam, os filhos crescem
 A mãe embranquece
 Mas não murchará a sua beleza
 São todas belas as mães do mundo
 Grandes tesouros de luz e bondade
 Que constituem um bem profundo
 O mais sincero da humanidade
 Mamães, mamães, mamães!
 Quantas penas o amor vos dá
 Ontem, hoje e sempre
 Para vós mamães, não há piedade
 Cada filho vosso
 Quando for um homem
 Em direção ao proprio destino
 Sem vós ele irá
 São todas belas as mães do mundo
 Mas acima de todas, a mais bela és tu,
 Que me deu o bem mais profundo
 E és a mãe dos meus filhos

CARA MAMAE

Cara mamãe, ponha-me para dormir
 Que sinto que vou morrer
 Se morresse nesta hora
 Faria sepultar-me
 Sepultar-me num jardim
 Sob a sombra de uma bela flor
 Todos que por ali passarem
 Dirão: Que bela flor!
 Esta flor é Teresinha
 Que morreu de amor

NOS IREMOS PARA ALEM DAS MONTANHAS

Nós iremos para além das montanhas
 Para poder trocar as cores

Falaremos com os professôres
 E as cores voltarão
 As cores voltaram
 E o meu amor me abandonou
 Avante com a armada
 A caserna dos soldados
 A caserna dos soldados
 Fica no meio do mar
 Com o rebombar dos canhões
 A faremos afundar
 Cem metros sob a terra
 Mande dizer a minha bela
 Que ela venha me encontrar
 Lá na caserna dos soldados
 Existe uma bela mocinha
 E tão bela e graciosinha
 Que a faremos apaixonar-se

A JARDINEIRA

Oh! jardineira, tu és a minha esposa
 Dê-me uma rosa do teu jardim
 Pegue esta carta, leia esta folha
 O bem que te quero ninguém sabe
 Pegue esta carta e este retrato
 O bem que te dei, ninguém sabe

A ROSA E UMA BELA FLOR

A rosa é uma bela flor
 A planta é espinhosa
 A paixão da namorada
 A coloco sob os pés
 A ponho sob os saltos
 Mas, antes que desposar-te
 Prefiro dez anos como soldado
 E outros dez em cadeia militar
 Adeus namorada minha
 Que não nos veremos nunca mais

A TEREZINHA

Eu fui a Trieste, meu bem
 Encontrei um belo jardim
 Encontrei a Terezinha, meu bem
 Ela fazia um ramalhete
 Ramalhete paa os soldados, meu bem
 Para a bela juventude
 Se você fosse uma rainha, meu bem
 Te faria coroar
 Mas você é uma camponesa, meu bem
 Vá ao campo trabalhar!
 Ao campo eu não vou, meu bem
 porque o sol me faz mal
 Eu vou ao quarto, meu bem

para costurar e bordar.
 O que borda meu bem?
 Lencinho e toalha de mão
 Lencinho para a minha bela, minhã bela, meu bem
 Toalha será para mim

A TERESINHA OU, PASSEANDO POR TRIESTE

Passeando por trieste
 Lá eu vi um belo jardim
 Nele estava Terezinha
 Que fazia um ramalhete
 Oi Terezinha, Terezinha
 Para quem faz este ramalhete?
 Faço para os soldados
 Quanto é bela a juventude!
 Se você fosse uma rainha
 Te faria coroar
 Ao invés é uma camponesa
 Vai ao campo trabalhar
 Ao campo eu não vou
 Porque o sol me faz morena
 Tenho o moreno que me adora
 Que me ama e me quer bem

O FRANTO DA MAMAE

Esta tumba que encerra os espólios
 De um filho que não verei mais
 Esta tumba recolhe os suspiros
 De uma mãe que tanto o amou
 Eu o criei entre dificuldades e penas
 Mas o destino quis assim
 Não tinha chegado aos vinte anos
 E nas prisões inocente morreu
 Cada mãe aos seus quer bem
 Quando sofrem, sofre seu coração
 Ser morto entre horríveis penas
 Este filho que não verá mais
 Tenham compaixão de uma pobre mãe
 Que o perdeu na flor da idade
 E a dor do seu velho pai
 Que até aos turcos daria pena
 Quando ao amanhecer o portão se abre
 Sou sempre a primeira a entrar
 Onde reina soberana a morte
 Por meu filho venho rezar
 Quando ao entardecer o portão se fecha
 O guardião me manda sair
 Sou obrigada a deixar aquela tumba
 E o meu filho ficará lá em baixo
 Se pudesse cavar uma fossa
 Sepultar-me contigo queria
 Para poder repousar meus ossos
 Somente um palmo distante de ti
 Oh, se eu pudesse!

Porque não me respondes
 Querido filho que não verei jamais
 Sobre a tumba está escrito seu nome
 E o do pai e da mãe que tanto te amaram

ADEUS QUERIDA GIRANIA

Quero divertir-me.
 Para a Tripolitania logo devemos partir
 Eu partirei contente pensando em nosso amor
 E lá na grande prova terei sempre você no meu coração
 Se encontrarmos os turcos na terra ou no mar
 Com fogo rápido os faremos fugir
 A guerra foi declarada; estão prontos os navios
 Está pronta a brigada de muitos combatentes
 Canhões e munições para poder bombardear
 Aos turcos e aos ladrões nós queremos castigar
 Quanto chegarmos a Tripoli, bela te escreverei
 Se voltar são e salvo, querida te desposarei
 Com a mochila e a cartucheira e a espada na cintura
 Nós não temos medo,
 Somos francos no atirar e prontos no marchar.
 Um bravo militar não deve voltar atrás
 Ouça: As cornetas soam, é hora de partir
 Não chore minha diletta porque me fará morrer de tristeza
 Quando desembarcarmos nos portos tripolitanos
 Te mandarei um retrato dos turcos e beduinos
 Te juro cara Girânia se vencer a tricolor,
 De Tripoli trarei uma bela flor
 Agora te dou um beijo e corro ao meu dever
 As cornetas soam o alarme: "Coragem bersagliere"

QUERIDA MAMÃE

Querida mamãe
 Te dou um adeus
 Que devo fazer-me militar
 Trinta e seis meses
 Sobre a baixa Itália
 Por trinta e seis meses
 Tenho que ir
 Quanto tempo não te via!
 Ontem é tarde,
 Vi você rezar
 Estava toda vestida de branco
 Que em meu coração pôs chamas
 Cara mamãe, eu voltei
 Da grande guerra de Napoleão
 As orações que fizestes ao Senhor,
 Foram elas que me salvaram

TA FUM

Vinte dias em Ortigara
 Sem permuta para desmontar, tá-pum

Deixei a minha mamãe
 Deixei-a para fazer-me soldado
 E amanhã se vai ao assalto
 Soldadinho não deixe que te matem, tá-pum
 Atrás da ponte tem um cemitério
 Cemitério de nós soldados, tá-pum
 Rápido um dia vou te encontrar, tá-pum

ADEUS BELO GINGIN

Adeus belo Gingin
 Que era tão belo
 Que me parecia uma estrela
 A bela vai ao bosque
 Ela se senta a sombra
 Lá estava o seu belo Gingin
 Que lhe cortejava
 E ele vai embora como soldado
 Soldado da marinha
 Quem irá chorar?
 Será a bela de cabelos cacheados
 Ele vai para a casa em licença
 Permissão da sua mãe
 Encontrou a de cabelos cacheados
 Já casada
 Eu te disse
 E te digo novamente
 A bela de cabelos cacheados
 Te fará morrer

ADELINA MINHA DILETA

Adelina, minha diletta
 Queres vir ao meu jardim?
 Quero fazer um ramalhete para ti
 De cada tipo de flor
 Sob uma árvore do meu jardim
 Se ouvia os pássaros cantarem
 O vento balançava seus louros cabelos
 Que depois cobriam a paz do coração
 Ela dormia entre meus braços,
 De quando em quando se acordava
 As suas penas me contava
 Depois tornava a dormir
 A noite escurece
 E as nove desponta a lua
 Que alegria, para mim que fortuna
 De encontrar-me junto a ti.

ADELINA MIINHA CARA DILETA

Adelina, Adelina minha cara diletta
 Venha passear no meu jardim
 Venha colher um jasmim
 Até que chegue a hora de ir dormir

Ela dormia, ela dormia sobre meus braços
 De quando em quando, ela se acordava
 Os seus sonhos, os seus sonhos me contava
 E depois tornava, depois tornava a adormecer
 Dorme ó cara pequena, dorme o cara
 E os seus sonhos acalente
 Até que você durma, eu já te amarei muito
 Eu te convido, eu te convido a um terno canto
 Até que você durma, até que você durma eu fico a atender-te
 Acariciava, acariciava seus louros cabelos
 Que lhe cobriam, que lhe cobriam o peito e o coração
 Que lhe cobriam, que lhe cobriam o peito ao coração

A POLENTA

Um belo dia, um belo dia
 Entre o óleo e o Brenta
 Veio ao mundo a polenta
 Na pátria de Arlequim
 Veio ao mundo a polentinha
 Entre as asas de um frango
 Veio ao mundo um polentão
 Valve ó polenta, manjar dos reis
 Os Sequazes prontos aos teus pés
 Cantam em coro, lá, dó, mi, ré
 Polen, polen, polenta!
 O grande maná do deserto
 Assim doce e saboroso
 Não era outro se não este:
 Polenta travestida
 Era o manjar dos deuses
 Polenta com pássarinhos
 Bravo vovô, bravo vovô
 Ele gritava, seu neto escutava
 Se você tivesse um dia estudado
 Saberá com certeza que
 Você foi sempre um grande homem
 Sempre filho de um homem honrado
 Com este tipo de invenção
 Você supera até Marconi
 Entre o grande manjar dos deuses
 A polenta com passarinhos
 Como gosta o senhor Tarsenta
 Quando os passarinhos estão bem depenados
 Bem fritos e condimentados
 Sem muita conversa, se come
 E, boa noite!
 A história, a história dirá
 Para a pobre humanidade
 O grande dito de Tarsenta
 Que passarinhos com polenta
 Com os dedos se toca
 Mas com a boca se come
 E nós, amigos meus
 Odiando os epicuristas
 Que pensam na barriga e no dinheiro
 Que ficam a engordar como leitões

Nunca fazemos distinção.
 Porém usando a razão
 E pensar que a gula
 E um vício capital!

LIZETA

Alegre-se, cante Lizeta
 Enquanto está solteira.
 Eu não posso rir nem cantar
 Porque io meu coração está apaixonado
 Ela saiu por uma estradinha
 E encontrou um juvenzinho
 Jovenzinho que me diga
 Se viu meu primeiro amor
 Sim o vi e não o vi
 Não o reconheci
 Na praça de São Marcos
 O estavam levando para sepultar
 Diga-me juvenzinho
 Como ele estava vestido
 Estava vestido de canela
 E tinha consigo cravos
 A Lizeta ao ouvir aquilo
 Caiu por terra da grande dor
 Alegre-se Lizeta
 Sou eu mesmo o teu primeiro amor

A DOZOLINA

A Dozolina vai lá em cima
 E se pom numa mesinha
 Só para escrever uma cartina
 Para envia-la ao napolitano
 Napolitano foi a Bologna
 E encontrou outra namorada
 A Dozolina, pobre moça
 O napolitano a abandonou
 A dozolina vai ao horto
 E começa a chorar forte
 Porque choras ó Dozolina?
 O napolitano me abandonou
 A Dozolina foi ao baile
 Foi ao baile para dançar
 A Dozolina vai ao campo
 Vai ao campo trabalhar
 Napolitano foi a aldeia
 Procurar uma namorada
 Muito mais bela e graciosa
 E mais sincera
 E viva o amor
 Mas se a encontrasse lá sozinha
 Um belo beijo lhe daria
 Mas se a encontrar no campo
 Jurei-lhe, a matarei

BOMBARDEIO DE CANHAO

Vitório Emanuel
 Escreveu para a rainha
 Se vieres a Trieste
 Te mando um coche
 Bim, bom, bombardeio de canhão
 As mocas de Checo-Beco (Francesco Giuseppe)
 montam em aeroplanos
 Só para mostrar as pernas
 Ao povo italiano
 Bim, bom, bá, bombardeio de canhão
 Pedro e Paulo se fecharam na cantina
 Eles queriam trepar com as freiras
 E roubar-lhes a farinha
 E bim e bom, bombardeia o canhão
 Pedro e Paulo diziam: Forco tio
 Todos trepam
 Também eu queria trepar

AQUELE RAMALHETE DE FLORES (OU AQUELE MACINHO DE FLORES)

Aquele ramalhete de flores
 Que vem da montanha
 Cuide bem para que não se molhe
 Que o quero presentear
 Quero presenteá-lo
 Porque é um belo ramalhete
 Eu quero dá-lo ao meu moreno
 Nesta noite quando ele vier
 Esta noite quando ele vier
 Farei cara feia (v.ou/ será uma tarde feia)
 Porque sábado à tarde,
 Ele não veio a mim
 Não veio a mim
 Foi para a Rosina
 E por que eu sou pobrezinha (coitadinha)
 Me faz chorar e suspirar
 Me faz chorar e suspirar
 Sobre o leito de lamentos
 O que diriam as gentes (V.ou/o que dirão os parentes)
 O que então dirão de mim
 Dirão que fui traída
 Traída no amor
 E chora meu coração
 E para sempre chorarei

(estrofe opcional)

Traída pelos amantes
 E eu tenho na bunda (mi go in culo)
 todos que se enamoram por mim
 Quem se enamora por mim
 será também meu amante (ou namorado)
 Que um dia o desposarei
 que nós queremos casar

(estrofes opcionais)
 Estes aqui não são os momentos
 Para me deixar no abandono
 O queria tanto bem
 E se partes aperte as minhas cadeias
 Que me acorrentam o coração
 Que me acorrenta o coração
 Que me acorrenta a vida
 O mãe fui traida
 Traida no amor
 Traida no amor
 Traida pelos amantes
 E eu não ligo a mínima
 Aos de de mim falam
 Será também meu namorado
 Que um dia eu o desposo
 E que nos queremos casar

A TRAI DORA

O mamãe! O querida!
 Você é uma traidora
 Com uma só palavra
 Você manchou minha honra
 Você manchou minha honra
 Você me estragou a vida
 Misera, fui enganada
 Por um beijinho de amor
 Fui a tantos bailes
 E não acreditava nunca
 Que tornaria a te ver

A LANGUIDA

Todos dizem que sou lânguida
 Mas é o amor que me arruína
 Quando então estiver casada
 As minhas cores voltarão
 Outra noite eu sonhei
 Que estava junto a ti
 Com a cabeça em seu travesseiro
 E eu girava para cá e para lá

ELA QUER SE CASAR

Ela quer se casar
 Mas não tem nem cama
 O colchão é comprido e estreito
 Nele em dois não se fica
 Ela faz cin, cin, e cin
 Com a sua boquinha, oi, lá, ri, le, rá
 E vai para a cama repousar
 E faz cin, cin, cin e cin
 Ela tem as pernas tortas
 Ela quer ser camareira

Mas não tem maneiras
 Para servir a juventude
 Ela tem cinco namorados
 E todos a querem
 Mas nenhum a toma
 E se vê forçada a mudar
 Ela queria um calçado
 Daqueles de salto alto
 Ela conseguiu dar um só passo
 E por terra ela caiu
 Ela ficou irada
 Como uma cabra
 Mas olhe, porca vaca!
 Que pernôes que ela tem

MARIETTA TU ES BELA

Marieta tu és bela
 Tu és para casar (há versões: para admirar)
 E viva o amor, viva o amor!
 Querem que eu me case
 Mas não tenho namorado
 E viva o amor, o amor viva!
 Namorado eu não tenho
 Tinha um e partiu como soldado
 E viva o amor, o amor viva!
 Tinha somente um
 Que partiu como soldado
 Mas meu pai não quer
 Que eu despose um militar
 E viva o amor! O amor viva!
 Marieta tu és bela
 Tu és para casar

NAVEGA E TORNA A NAVEGAR

Navega e torna a navegar
 Deslisa a minha barquinha
 Queres vir, dileta, dileta, dileta?
 Navega e deslisa a minha barquinha
 Tu queres vir dileta
 A orla do mar?
 Na beira do mar
 Entre aquele bosques escuros
 Escuros para fazer amor
 Todos os amantes passam
 Mas o meu não passará nunca
 Te quero bem, assás, assás
 Te quero bem, assás, assás
 Para fazer amor

EU NASCI NA PRIMAVERA

Eu nasci na primavera
 Na estação das flores

Nasci em meio as flores
 Em meio as flores morrerei
 Numa tarde de setembro
 Passeava despreocupadamente,
 A minha bela estava ao meu lado
 Ao meu lado a passear
 Passeando se ouvia
 A harmonia dos pássaros
 O vento balancava seus cabelos
 Que cobriam seu belo coração

A CAROLINA

Eu vou e venho
 E parece que não me movo
 E namorado, parece que não se encontra
 Oi Carolin, belo Carolin
 Amável Carolin que me faz chorar assim!
 E namorados encontrei sete
 E três ao dia quando tem festa
 O meu namorado é de pouca fé
 Ele se enamora
 Por todas as moças que vê
 Se ele visse quinhentas por hora
 Por todas se enamoraria
 E todos os velhos (queremos/ n.t)
 Coloca-os dentro do fogo
 Com um bastão a apagar-lhes em volta.

PESCADOR QUE VAI PESCAR

Pescador que vai pescar
 Vem para casa todo molhado
 Terezinha estou satisfeito
 A pesca quero ir
 As carroças estão preparadas
 Os cavalos prontos para partir
 Terezinha você quer vir
 A orla do mar comigo?
 Quando o mar está em borrasca
 Entre as ondas ela se levanta
 Terezinha se enamorava
 Daquele jovem pescador
 Olhe que belo ramo
 Com quatro ou cinco folhas
 Porém, menos pior que casar
 Dez anos como militar
 Dez anos como militar
 E outros dez em cadeia militar
 Adeus namorada minha
 Não nos veremos mais.

O POBRE CAMPONES

O pobre camponês
Perdeu o chapéu
Só por amor
Tornará a comprá-lo
Tirar o chapéu,
Que lindo de se ver
Até que a bela vá ao mar
Ao mar do marinheiro
O pobre camponês
Perdeu a camisa
O pobre camponês
Perdeu o sapato
Perdeu o colete
Perdeu a gravata
Perdeu as calças
Perdeu a namorada

A ESTRELA

Estamos aqui com a grande estrela
Para adorar nosso senhor
Para trazer a nova
Que nasceu o redentor
Caminhando dia e noite
Está fresca a temporada
Pelos bosques e pelas grutas
Sem ter provisão
Nos juntamos em Belém
E todas as portas se fecharam
Por medo de gente estranha
E de qualquer malfeitor
Maria disse: Amado esposo
Estou cansada de caminhar
Procuremos uma cabana
Para podermos descansar
José disse: Amada esposa
Es esposa de bom coração
Nesta noite, serás gloriosa
Terás grandes dores
Quando chegou a meia noite
Maria se acordou
Viu um grande esplendor
Entre os braços um belo filho
Não tem panos nem fraldas
Nem ao menos para o aquecer
Seu coração não tinha sossego
Tinha sempre que suspirar
Maria pegou o menino
Que estava em meio ao feno
Tirou o pr rio véu
Para cobrir o rei do céu
Os jumentos ajoelhados
Reverenciavam o salvador
Aqueciam com sua respiração

Jesus Cristo redentor
 Se ouvia nos campos
 Muitos anjos cantar
 Glória, glória, glória
 In exelsis Deo
 Et in tera, et in tera pax
 Agora nós vos agradecemos
 Vos agradecemos pela graça e pelo fervor
 Um outro dia voltaremos
 Se quiser o senhor

A CLAUDINHA

Ela vem descendo
 Ela vem descendo da montanha
 Para vir a cidade
 Na cidade, na cidade
 Foi a igreja
 Para receber o Senhor
 Pergunte, pergunte
 A Claudinha
 O que o Senhor lhe disse
 O meu Senhor, o meu Senhor
 Disse-me: "Deixe o mundo e venha a mim!"
 E ela foi, ela foi
 No colégio
 Que tem por nome Bom Jesus
 E agora, e agora
 Ela se chama
 Irmã Alzira de Jesus

AS MULHERES SE FAZEM TOSQUIAR (Texto e música de Angelo Giusti de Nova Trento)

Encontrando-me um dia em São Marcos
 Em São Marcos ao entardecer
 Vi uma moda muito interessante (nova)
 Que as mulheres se fazem tosquiar
 Tantos anos estou no mundo
 Mas nunca vi ima moda nova
 Na qual as mulheres se fizessem tosquiar
 Das ovelhas se corta a lã
 Aos cavalos se corta a crina (mas)
 Nunca vi cabelos de mulheres cortados
 É uma moda estranha, me parece
 Uma mulher, por mais que seja bela
 Sem cabelos longos tem feio aspécto
 Convém dizer que elas tem um inseto
 Que a cabeça lhes devora
 Maliciosas chamam a atenção
 Com o colo nú e os braços descobertos
 Para ver se em meio a muitos rapazes
 Alguns elas pudessem enganar
 Não ouvem nem padres nem frades
 Que na igreja fazem sermão

Não obedecem a sua religião
E ao inferno terão que ir.

BARQUEIRO DE TRENTO

Barqueiro de trento
Empreste-me a barquinha
Quero ir embora sozinha
Sozinha em meio ao mar

CANÇÃO DO ALHO PORÓ (Elio Caetano Grison)

E viva o alho poró
Quem não gosta de um franguinho
E macarrão ao meio dia
O alho poró de belo perfume
Verdadeiro e real
Que ninguém pode esquecer
Quando à mesa, comida real
Dos agricultores que fazem festa
De noite e de dia
Sinal seguro seja assim tão gostoso
Nenhum quer não, nunca mais dizer
Senta-se alegre para almoçar a qualquer dia
De corpo são e sempre
Ter um pouco de alho

ELA TEM SALTO ALTO

Ela tem salto alto
O salto da altura de meia perna
Todos perguntam
Que mister ela faz
Ela se faz de lavadeira
Ela costura e passa
Ela rebola para ganhar o pão (mena il culo in fretta)

AS MOÇAS DESTE TEMPO

As moças deste tempo
Tem a pretensão de serem belas
Elas se esfregam as bochechas
Com pimentão
As moças deste tempo
Sentam-se sobre o muro
Elas apertam as cinturas
Da fome que tem

PESCADOR QUE ESTA PESCANDO

Pescador que está pescando
Pescque mais perto daqui
Que me caiu o anel

Você não o encontrou?
Sim eu o encontrei
Mas o anel não te quero dar
Te darei cem moedas
E uma bosa cheia
Não quero cem escudos
Nem bolsa cheia
Somente um beijinho de amor
Se quiser dar-me

O ORVALHO SE LEVANTA

O orvalho se levanta
Nesta manhã em meio ao prado
O orvalho se levanta
Nesta manhã em meio ao prado
O avental ele molhou
Esta manhã em meio ao prado
Onde vai Marietina
Nesta manhã em meio ao prado

CARA MAMAE, VENHA ENCONTRAR-ME

Cara mamãe venha encontrar-me
Que tenho muitas coisas para lhe contar
Que de falar me fazem tremer
A terrível vida que passei
A terrível vida que passei
Lá na fazenda
Transplantando e ordenhando
A minha face era redonda
Como era não será mais
Pela manhã aqueles mosquitos
Que me sugavam o sangue
Meio dia o sol forte
Que me queimava
Meio dia feijão e arroz
A noite arroz e feijão
E aquele pão não natural
Que inibe o apetite
As nove o recolher
As dez a inspeção do patrão
Todas na cama a descansar

ESTA NOITE TIVE UM SONHO:

Esta noite tive um sonho:
Sonhei com a minha bela
Que dormia só
Quando eu ia dar-lhe um beijo
Ela acordou e gritou:
"Traidor"
Não sou um traidor
Sou filho de um rico senhor
Que vim para fazer amor!

Por onde você entrou?
 Por aquela janelinha
 Que você me ensinou.
 Cara mãe, leve-me a igreja
 Que quero confessar
 Todos os meus pecados
 Com a boca direi os pecados
 E com os olhos baixos farei penitência.

AMERICA, AMERICA (Canto da imigração)

América, América
 Desposarei uma americana
 Adeus minha bela italiana
 Não te verei nunca mais
 Diga-me bela se tu queres
 Ouvir meu coração
 Que palpita de amor por ti
 Quando eu chegar na América
 Eu mandarei fazer um retrato
 Mandarei fazer um retrato
 Vestido de americano
 Para a América, para a América, para a América
 Nem que seja montado num cavalo ou numa cabra
 Adeus minha bela italiana
 Não te verei nunca mais

A ROSINA VAI A CANTINA

A Rosina vai a canatina
 Trazer o vinho, trazer o vinho
 Trazer o vinho,
 Para seu belo moreninho
 O moreninho meu
 Morrerás, morrerás, morrerás
 O moreninho meu
 Morrerás com esta pena no coração
 O moreninho meu
 Eu te quero tão bem
 E esta pena não posso mais sofrer

ERAM TRES IRMAS

Eram três irmãs
 Todas as três prontas para o amor
 Bara, bara, bá
 Nineta, a mais bela
 Se pôs a navegar
 Quando ela estava em alto mar
 Seu anel caiu
 Bara, bara, bá
 O pescador da onda
 Venha pescá-lo
 Se pesco teu anel
 O que me darás?

Bara, bara, bá
 Cem moedas de ouro
 E uma bolsa bordada
 Não quero cem moedas de ouro
 Em bolsa bordada
 Bara, bara, bá
 Somente um beijinho de amor
 Se tu me quiseres dar
 O que diria a lua
 Ao ver beijando-nos?
 Bara, bara, bá
 Dirá que somos dois esposos
 Vindos de longe

SOBRE AS PORTAS DE SÃO MARCOS

Sobre as portas de São Marcos
 Estava escrita a minha sentença
 Cara mãe tenho paciência
 Que tenho que partir como soldado
 Embora como soldado eu vou
 Vou inocentemente
 O que dirão de mim as gentes
 Que ódio, que bárbara crueldade

QUERIDA MÃE

Cara mamãe, quero me casar
 Quero me casar se ficares contente
 Tenho três namoradas para escolher
 Vou encontrá-la porque ela é bela
 Ela tem uma estrela atravessada no coração
 Ela tem uma estrela que resplandece
 E que me consola
 Consolo vêm do coração
 Foi o meu amor que me deixou

OLHE O MERLO

Olhe aquele merlo sobre a planta
 Como ele canta, me faz enamorar (me encanta)
 Quando canta ele bate as asas
 Faz enamorar esta juventude
 Dê-me aquela flor, se não eu fico louco
 Derrepente me sinto morrer
 Derrepente sinto que vou morrer

OLHE LA

Olhe lá aquela senhora
 Que mijada, que mijada que ela dá
 Ela quer dizer que não é verdade
 Olhe a terra que está molhada
 Ela emprestou o cachimbo do velho

Fara pagar, para pagar os musicos
 O músicos toquem melhor
 Que por nós, que por nós
 Serão pagos

NA CIDADE DE GENOVA

Na cidade de Génova
 Vivia uma familia
 Com pai, mãe e filha
 A filha no hospital
 A mãe foi visitá-la
 Nineta, como estás
 Mamãe estou muito mal
 Mal para morrer
 Vão chamar Nineto
 O quero em minha companhia
 O coloco na prateleira
 Para ser feliz, feliz o coração
 Nineto entrou no quarto
 Se pôs ao lado do leito
 Com um branco lenço
 Ele se pôs a lacrimejar
 Não chore se estou moribunda
 Se a morte me circunda
 Nos veremos no céu
 Soam as onze horas
 Nineta estava morta
 Fechem a porta
 Nos veremos no céu

A ESTRELA

Felos montes e grutas
 Em tão fresca estação chegamos a Belém
 Todos os alojamentos nos negaram
 Maria disse: Amado esposo estou cansada de caminhar!
 Eles viram uma cabana
 Vamos entrar para repousar
 Quando chegou a meia noite Maria acordou-se
 Ela viu um grande esplendor
 Nasceu na terra seu Filhinho
 Nesta noite nasceu Jesus Cristo o redentor
 Não havia fraldas nem coeiros
 Não havia fogo para aquecer
 Pobrezinha desta mãe, não sabia o que pensar
 Pegou seu véu da cabeça para poder cobri-lo
 Eis que chegou a grande alegria
 Entre lágrimas e suspiros
 Nasceu em uma estrebaria
 Entre uma vaca e um jumento

A SEMANA

Segunda fiz uma grande bebedeira
Deu uma grande confusão
Não quero trabalhar
Tiro, liri liro, lá
Terça então
E o dia seguinte
Não quero fazer nada
Não quero trabalhar
Quarta então, é perdi o martelo
E por este motivo
Não quero trabalhar
Quinta havia feira em Vicenza
Requer paciência
Não quero trabalhar
Sexta é o dia de dor
E morto o Senhor
Não quero trabalhar
Sábado então
E o último dia
O que belo dia
Não quero trabalhar
Domingo então
Vou até o portão
Espero o patrão
Que venha me pagar
Chegou o patrão
Muito irado:
-Grande velhaco
Marche fora daqui.
-Eu, pouco me importo
Que vá para o buraco
A fábrica e o patrão.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- ALVIN, Zuleika, M. F. *Brava gente: os italianos em São Paulo (1870-1920)*. 2 ed. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- ARIES, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- BALHANA, A. et alii. Alguns aspectos relativos aos estudos de imigração, in *Anais do IV Simpósio dos Professores Universitários de História "Colonização e Migração"*. São Paulo, USP, 1969.
- _____ et alii. *Campos Gerais: estruturas agrárias*. Curitiba, Faculdade de Filosofia da UFPr. 1968.
- BARZINI, Luigi. *Os italianos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.
- BATISTEL, Arlindo & COSTA, rovilio. *Assim vivem os italianos*. Caxias do Sul, EST/EDUCS, 1983. 3 vol.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 7 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- BLOCH, Marc. *O mundo feudal*. Lisboa, Ed. 70, 1982.
- BRANDAO, Carlos Rodrigues. *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- CANEVACCI, Massimo (org.) *Dialética da família*. 4 ed, São Paulo, Brasiliense, 1985.
- CARDOSO, C. F. & BRIGNOLI, H. P. *Os métodos da história*. 3 ed. Rio de Janeiro, Graal, 1983.
- CARONE, Edgard. *A República Velha: I - Instituições e classes sociais (1889-1930)*. 4 ed. São Paulo, DIFEL, 1978.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos*. Rio de Janeiro, Graal, 1986.
- DE DECCA, Edgard. *1930: o silêncio dos vencidos*. 2 ed. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- DEL FIORENTINO, Maria Aparecida. *Utopia e realidade: o Brasil no começo de século XX*. São Paulo/Brasília, Cultrix/INL, 1979.
- DOWBOR, Ladislau. *A formação do capitalismo dependente no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1982.

- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões.** Lisboa, Edição "Livros do Brasil", s/d.
- FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930.** 9 ed. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- FEBVRE, Lucien. **Combates pela história.** Lisboa, Presença, 1985.
- FERRO, Marc. **A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação.** São Paulo, IBRASA, 1983.
- FLEISCHER, Helmut. **Concepção marxista da história.** Lisboa, Ed. 70, 1978.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** 7 ed. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- _____. **Vigiar e punir.** 6 ed. Petrópolis, Vozes, 1988.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil.** 21 ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1986.
- GODINHO, Vitorino Magalhães (org.). **A História social: Problemas, fontes e métodos.** Lisboa, Ed. Cosmos, 1973.
- GOLDMANN, Lucien. **Dialética e cultura.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história.** 4 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.
- _____. **Literatura e vida nacional.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- _____. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1989.
- GREIMAS, A. J. & LANDOWSKI, E. **Análise do discurso em ciências sociais.** São Paulo, Global, 1986.
- GROSSELLI, Renzo M. **Vencer ou Morrer: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras.** Florianópolis, Ed. da UFSC, 1987.
- HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria nem patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil.** São Paulo, Brasiliense, 1983.
- HUIZINGA, Johan. **O declínio da Idade Média.** São Paulo, Verbo/EDUSP, 1978.
- KELLE, V & KOVALZÓN, M. **Teoria e História.** Moscou, Ed. Progreso, 1985.
- KEMP, Tom. **A revolução industrial na Europa do século XIX.** Lisboa, Ed. 70, 1987.
- LE GOFF, Jacques. **O maravilhoso e o quotidiano no ocidente medieval.** Lisboa Ed. 70, 1985.
- _____. & NORA, P. **História: Novos objetos.** Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.
- KOTHE, Flavio R. (org.) **Walter Benjamin.** São Paulo, Atica, 1985.
- LEITES, Edmund. **A consciência puritana e a sexualidade moderna.** São Paulo, Brasiliense, 1987.

- MACFARLANE, Alan. *A cultura do capitalismo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989.
- _____. *História do casamento e do amor*. São Paulo, Cia. das Letras, 1990.
- MALATESTA, Enrico et alii. *O anarquismo e a democracia burguesa*. 2 ed. São Paulo, Global, 1980.
- MELLO, João Manuel Cardoso de. *O capitalismo tardio*. 8 ed. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- MAQUIAVEL, Niccolo. *O Príncipe*. 6 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.
- MARX, Karl. *Formações econômicas pré-capitalistas*. 5 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- MAURO, Frederic. *História econômica Mundial (1790-1970)*. 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Brasil em perspectiva*. 13 ed. São Paulo, DIFEL, 1982.
- MOURA, Margarida Maria. *Camponeses*. São Paulo, Atica, 1986.
- ORTIZ, Renato. *A consciência fragmentada*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
- PETITFILS, Jean-Christian. *Os socialismos utópicos*. São Paulo, Circulo do livro, 1983.
- FOSTER, Mark. *Teoria crítica da família*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- PRADO JR., Caio. *História econômica do Brasil*. 36 ed. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- PRADO, Danda. *O que é família?* 2 ed. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- RIBEIRO, Renato Janine. *A etiqueta no Antigo Regime: do sangue à doce vida*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- _____. (org.). *Recordar Foucault*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- RODRIGUES, José Honório. *Filosofia e história*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.
- ROMANO, Sergio. *Storia d'Italia dal resorgimento ai nostri giorni*. Milano, Ed. Oscar Saggi Mondadori, 1978.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família: São Paulo, Século XIX*. São Paulo, Marco Zero, 1989.
- SENNETT, Richard. *O declínio do homem público*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- SILVA, Francisco C. Teixeira da. *Sociedade feudal: guerreiros, sacerdotes e trabalhadores*. São Paulo, Brasiliense, 1982.

VANSINA, Jan. La tradición oral. Barcelona, Ed. Labor, 1967.

VOVELLE, Michel. Ideologias e mentalidades. São Paulo, Brasiliense, 1987.